

A FLORESTA *simbólica*

Guido Viaro

Guido Viaro

A  
FLORESTA  
*simbólica*

*projeto gráfico*  
Ideale Comunicação e Design

*direção de arte*  
Alessandra Nogueira Saltori

*diagramação*  
Renato Nogueira Saltori

*foto capa*  
Alessandra Haro  
[www.fotocio.blogspot.com](http://www.fotocio.blogspot.com)

*revisão*  
Marisa Karam Saltori

*impressão*  
Serzegrat

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: Mara Rejane Vicente Teixeira

Viaro, Guido, 1968  
A Floresta Simbólica/ Guido Viaro. --  
Curitiba : Ideale, 2010  
166 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-61649-04-3  
1. Ficção brasileira -- Paraná. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

GUIDO VIARO

A  
FLORESTA  
*simbólica*

*1ª edição*



ideale comunicação

*curitiba . 2010*



*P*or todos os lados, até onde os mais poderosos olhos enxergam, há uma grande massa verde, composta por abetos, castanheiras, faias e teixos. Como os galhos acabam se encontrando, a impressão que fica é que toda a floresta é composta por uma imensa árvore, cujo tronco ficaria encoberto pela vegetação e poderia estar em qualquer lugar, ou até em lugar algum.

Sobre as densas ondas verde-escuro outros mundos acontecem. Como as ramagens bloqueiam grande parte da luz, essas outras realidades conhecem várias tonalidades de sombras e cores. Aceitam o meio termo e abrem espaço para surpresas, como quando uma bola dourada vinda de cima mancha o chão coberto de folhas escuras.

Os meio-tons dominam todo o território abaixo das copas. Galhos e folhas formam um tapete marrom-esverdeado que parece cobrir toda a extensão da floresta. Alguns raros buracos nessa cobertura mostram como é escura a terra que nutre as raízes. Os tons pastéis da forração vegetal parecem escurecer quando atingem a base dos troncos. Quanto maior é uma árvore mais escura e rugosa é sua casca. E essas reentrâncias e elevações parecem querer contar uma história de vida, que estaria apenas disponível para aqueles que fossem alfabetizados na linguagem dos símbolos vegetais.

A mata, entretanto, não é uma soma exata. As exceções estão por todos os cantos, tão espalhadas que quase chegam a constituir uma regra. Destruindo a unanimidade do marrom, ergue-se um grande cogumelo vermelho coberto por pintas brancas. Um grande tronco caído está envolvido por uma camada de musgo esverdeado, e sobre o miolo do tronco, que começa a se dissolver, nascem fungos de formas diversas, que parecem representar um exercício visual de criatividade da natureza.

A árvore caída revela parte do que era escondido pelas sisudas cascas. A madeira que ficava encoberta era mais clara que a parte exposta. E agora que ela se dissolve, também colabora para que as exceções diminuam a predominância de cores mais escuras.

Os ciclos vitais acompanham os cromáticos e nunca, nem mesmo quando não há qualquer brisa, a floresta deixa de se movimentar. Há sempre galhos e folhas caindo, plantas crescendo ou folhas apodrecendo. O movimento é algo mais presente do que os troncos escuros ou as folhas verdes. O vento redesenha a cobertura vegetal do solo. Os detritos são transportados e parecem querer contar uma nova história, repleta de páginas provisórias. Os grossos pingos d'água atuam como espátulas, usadas para espalhar e acumular cores, em um ou vários cantos da composição. Quando a terra seca, parece sugar também um pouco da sofisticação do painel simbólico que abrigava. Às vezes, quando o céu escurece e o vento sopra forte, as árvores mais altas parecem assobiar. Seus grandes troncos escuros alertam o resto da floresta sobre a tempestade que se aproxima. O ar se torna cinza ou marrom e as pequenas plantas preparam-se a seu modo "que venha o inevitável".

Indiferentes às ameaças climáticas, ignorando até mesmo a existência das grandes árvores, um grupo de formigas avança por entre as folhas que o vento levou. Para elas, são as folhas que constituem sua floresta, seus desafios são proporcionais a seus tamanhos. O resto, o imenso, torna-se minúsculo. As formigas avançam em fila, algumas carregam pedaços verdes maiores que seus corpos, outras parecem atentas a predadores. Todas elas estão imbuídas de missões, que mais do que genéticas, parecem a própria essência de suas vidas.

Não longe dali uma outra vida, essa com muito menos certezas, corre entre duas árvores. A lebre branca tem os olhos muito vermelhos e parece estar procurando comida. Continua

sua corrida até parar sobre um velho teixo, seus olhos se movimentam, perto dela há algumas bolotas caídas, não longe dali um figo e ervas comestíveis. Os olhos vermelhos enxergam essas comidas, mas a lebre não toma nenhuma atitude

Dias e noites se alternam, trazendo orvalho, sol, nuvens e pássaros. E eles, apesar de terem a capacidade de se elevarem muito acima da floresta, preferem passar a maior parte do tempo nos galhos mais finos do alto das copas. Alguns frutos se desprendem e mancham de vermelho-sangue o chão, essa cor imediatamente atrai os pássaros para um banquete, em pouco tempo só restam as cascas do fruto que se camuflam no meio das outras folhas caídas. O mesmo acontece quando algum passarinho morre, ele logo perde sua aparência animal e adquire uma vegetal. A terra parece não querer que nada além de folhas cubra sua superfície.

Uma colméia colore de amarelo e trabalho um canto escuro da floresta. Sob um galho enrugado e coberto por líquens as abelhas construíram sua sede, que mistura moradia, trabalho e sentido de vida. A fusão parece ainda mais perfeita que no caso das formigas. Elas atravessam a mata a procura de flores, normalmente o que encontram são pequenos botões que nascem sobre a relva, quando essa encontra espaço para brotar. Às vezes algumas abelhas tem sorte e descobrem uma grande flor vermelha nascendo sobre um tronco apodrecido ou ao lado de um grande cogumelo.

Mas não são apenas as cores ou a morte que por vezes quebram o padrão repetitivo da floresta. Um lago atrai os barulhos da noite. Patas com cascos pisam as folhas para vir beber água, ariscos, esses animais preferem o escuro, e são uma grande surpresa, tanto para as outras espécies quanto para a própria mata. Menos misteriosos e mais extravagantes, os esquilos saltam de árvore em árvore a procura de comida. Seus movimentos rápidos, seguidos de períodos de total imobilidade, parecem dizer



que eles são animais de extremos. Diferentemente, os pacíficos cervos caminham lentamente em busca de brotos frescos de folhas. Nada os incomoda, e eles parecem ter nascido para aquela meia luz, repleta de verdes e marrons. Os cervos têm cascos e bebem água no lago. Pode até ser que sejam os únicos habitantes da mata responsáveis pelas surpresas e inquietação das espécies menores. Pode ser, porque nem tudo é tão evidente quanto parece.

A mata guarda outros tipos de pegadas, contornos de pés que desapareceram e ressurgiram. Marcas que indicam muitas direções, tamanhos e épocas. O chão da floresta já foi pisado por ameríndios, vikings, nababeus, romanos, gregos, chineses, egípcios, africanos, citas, assírios, mesopotâmios, pés que se derreteram, se condensaram, se reproduziram, suaram e sangraram. Todas essas marcas são invisíveis, mas isso não significa que desapareceram. Suas vidas impregnaram o solo da floresta com detritos imateriais. A história de cada indivíduo e a do conjunto de todos eles descobriu uma maneira de manter-se viva, porém incógnita. O ar, a terra, a água, as plantas e os animais foram os agentes dessa transformação. Talvez algum dia, quando não existirem mais plantas nem bichos, todos eles poderão continuar existindo ocultos, dentro de um imenso grupo de homens que viverá num grande mundo cinzento.

Tudo na mata é cíclico, o fruto maduro que cai no chão apodrece e acaba nutrindo as raízes da árvore que o gerou. Por isso as folhas secas que cobrem o chão poderão voltar a serem pisadas por muitos tipos de patas, pés, ou até outros pedestais de vida que hoje permanecem incógnitos.

A lebre desconhece o destino das abelhas e essas, do cervo, e todos, incluído aí os abetos, as formigas, as serpentes e o homem, ignoram seus próprios destinos.



Silenciosa, uma longa cobra marrom passeia quase invisível sobre as folhas caídas. De todos os animais, é o que parece mais perfeitamente se adaptar aos contornos e às cores do terreno. E ela não possui pés. Talvez a sabedoria física dos animais evolua na direção da integração de todas as formas de natureza, e para isso vá eliminando todo o supérfluo. O futuro pertenceria a civilizações que rastejariam pela terra escura. Homens-leões sem membros, disputariam com cobras as mesmas maçãs, depois de escalarem a mesma árvore.

A cobra encontra uma elevação, quase inteiramente coberta por fungos e musgos. Seu corpo acompanha o formato da antiga árvore. A vegetação parece tentar estrangular a planta que não vive mais. A madeira começa a se esfarelar, e não é difícil imaginar como será o resto do processo. Nada restará de sua aparência original, tudo se transformará em outra coisa.



## O ENCONTRO

Alguns pequenos arbustos da mata se mexiam, mas não ventava. Na verdade se moviam como fazem quando um animal atravessa seus galhos, mas todos os bichos estavam distantes. Uma brisa indecisa agitava em sentido oposto os ramos mais altos das árvores. Em outra parte da floresta alguns animais agiam como se uma grande tempestade estivesse prestes a despencar, mas o céu estava completamente azul. Os grandes carvalhos começaram a assobiar, o sopro interrompido fazia com que eles parecessem estar cantando, ou então tentando falar. Essa voz carregava a angústia daqueles que tentam sem sucesso se exprimir. Havia também na voz o receio de que as poucas palavras que conseguisse exprimir pudessem ser emudecidas

Entre os alternados gritos dos carvalhos, um outro som começou gradualmente a invadir a floresta. Era algo estranho, como o berro desesperado de um animal ferido. Assim como com o barulho das árvores esse ruído não era constante. Cada vez que recomeçava parecia mais cheio de melancolia.

Os animais procuravam fugir da origem do barulho. Esse imenso ser de duas cabeças, com metade do corpo feito de madeira pintada de vermelho-sangue, representava para os bichos uma ameaça muito maior do que a pior das tempestades. Esse monstro, entretanto, não conseguiria perseguir nem o mais lento dos animais. Avançava com extrema dificuldade por entre a vegetação. Conforme a densidade de obstáculos de cada região, esse ente dividia-se em dois, e uma das cabeças se transferia para trás para empurrar a parte mais pesada de seu corpo. Esse era o ponto de vista dos animais.

O homem lutava contra a natureza. Cada metro que vencida era uma conquista. Sua pesada carroça coberta não tinha sido projetada para esse tipo de terreno. Seu cavalo resfolegava e precisava apanhar muito para obedecer as ordens de seu dono. Seus gritos de dor e rebeldia constituíam o terceiro tipo de som que invadia a floresta . Todos os outros pareciam ter cessado.

Não era só o cavalo que sofria, o homem também parecia ter dispendido todas suas forças nessa tentativa de fazer sua carroça avançar. O suor empapava suas roupas e seus pulmões pareciam que trabalhavam no limite extremo de sua capacidade. As grandes rodas de madeira destruíam arbustos e passavam por cima de troncos, esforçando-se muito além de seu limite. Lia-se na fisionomia do homem que isso o preocupava, caso alguma roda se quebrasse sua viagem teria de ser interrompida. Por isso ele se parecia com os ventos, que nesse dia balançavam em direções conflitantes os galhos mais altos das árvores. Precisava avançar mas não podia fazer com que o avanço fosse justamente o que o impedisse de continuar.

Mantinha um olho sempre fixo nas rodas, desviava de qualquer objeto que julgasse representar um esforço excessivo para elas. Ziguezagueava entre troncos mortos e subidas íngremes, isso acabava exigindo de seu cérebro tanto quanto de seus músculos. Eventualmente parava para descansar, mas seus olhos nervosos indicavam que era apenas seu corpo que repousava. Era preciso decidir por onde seria mais fácil a carroça passar e onde o cavalo corria menos riscos de se machucar. Essas pausas deixavam-no mentalmente sobrecarregado. Quando estava em movimento distraía-se com os eventos mais próximos, sem se preocupar muito com aqueles que estavam além de seu campo de visão.

Um tronco apodrecido dissolvia-se bem a frente de sua carroça, ele se aproximou para ver se era melhor desviar ou passar

por cima. Acabou decidindo que a madeira podre seria um obstáculo fácil. Avançou, e o que aconteceu foi que uma das rodas ficou presa no meio do tronco. Primeiro tentou chicotear o cavalo, depois empurrar a carroça, mas a roda continuava girando em falso. Então colocou alguns galhos secos onde ela ficara presa, e com uma mão puxou com toda força um dos aros, com a outra conseguiu chicotear o cavalo para que ele avançasse. Funcionou, a carroça se moveu, mas alguma coisa acabou cortando sua mão. Sobre o pé esbranquiçado da árvore decomposta pingavam grandes gotas de sangue. Sua primeira preocupação foi com a carroça, segurou o cavalo e o amarrou em uma das árvores, depois examinou o ferimento. O corte estava encoberto por uma grande quantidade de sangue que saía da parte lateral da mão e cobria o pulso. Apanhou algumas folhas no chão e cobriu o ferimento, parecia que alguma farpa metálica da roda tinha lhe rasgado a pele. Sentia o pulsar do coração no local do corte. A dor o incomodava, mas o pior desse acidente ficava por conta das preocupações “as consequências... conseguiria prosseguir... a ferida não poderia se alastrar?”. Depois de limpar o corte viu que a situação não era tão grave. Apalpou a região para ver se algum fragmento de metal ou madeira havia entrado em sua pele, nada encontrou. Mexeu todos os dedos, a mão e o pulso, os movimentos estavam preservados. Desamarrou o cavalo e prosseguiu, por sorte o terreno à frente não tinha grandes obstáculos e ele não precisaria forçar a região ferida. As grandes árvores começaram a rarear e a carroça ganhou velocidade. Chegou no lago que mata a sede de toda a floresta. Antes de lavar seu ferimento fez questão de dar de beber ao cavalo. Depois que o animal se fartou ele o desatrelou e deixou caminhar pelas bordas do lago. Lavou o corte, bebeu água e sentou-se com os pés dentro d’água. Olhou para a vegetação ao redor, o lago era todo cercado por arbustos e relva, só um pouco mais longe é que começavam as grandes árvores.

Pensou sobre se deveria cobrir seu machucado com algum tipo de folha, decidiu deixá-lo respirar até que cicatrizasse. Reparou que a noite não tardaria a chegar. As águas do lago começavam a receber os raios oblíquos de um sol pronto para sumir no horizonte. Aquele seria um bom lugar para passar a noite. Amarrou o cavalo no pé de um arbusto e logo que a noite caiu acendeu uma fogueira, nela assou um pedaço de carne que trazia. Depois de comer ficou assistindo os reflexos do fogo nas águas do lago. Escutou alguns barulhos de animais mas não conseguiu enxergar nenhum, a fogueira certamente os afugentou. Antes que as chamas se extinguíssem e que só o que ficasse refletido no lago fossem as estrelas, entrou na carroça para dormir.

Acordou quando a luz do dia invadiu seu refúgio. A noite restaurou suas forças e foi só bem depois de se levantar que se lembrou de seu ferimento, que parecia uma preocupação envelhecida, algo que em uma semana estaria esquecido. Por prevenção lavou-o novamente nas águas do lago. Perto da margem viu algumas pegadas que deveriam ter sido feitas enquanto dormia. Como o bicho pisara um terreno enlameado, ficava difícil descobrir de qual espécie eram aquelas marcas.

Deu de beber ao cavalo e saiu a pé para explorar as redondezas. Encontrou algumas outras pegadas que atribuiu a alguma espécie de cervo. A região do lago recebia os primeiros raios de sol de um dia sem nenhuma nuvem. Afastando-se um pouco dali, quando voltavam as grandes árvores, as luzes tornavam a envelhecer, espalhando-se sem convicção por toda a mata. Percebeu também que em poucos metros desaparecia o suave calor, que se transformava numa temperatura agradável para dormir. Avançou mais um pouco tentando descobrir qual seria o melhor caminho para continuar de carroça. Encontrou um longo trecho onde o espaço entre as grandes árvores era mais do que suficiente para que sua carroça passasse. Além disso não havia muitos ou-

tros obstáculos no chão, apenas uma fina camada de folhas mortas. Quando se preparava para voltar deu de cara com uma velha figueira carregada de frutos. Os figos pareciam estar no ponto exato para o consumo, em poucos dias o chão deveria estar coberto por frutos apodrecidos. Cheirou-os, comeu um e levou o quanto pode consigo. No caminho de volta viu um teixo também carregado de frutos, mas já não tinha como levar mais nada. Enquanto atrelava o cavalo pensou, que caso desejasse, talvez não fosse difícil extrair seu sustento da floresta. Além das frutas e castanhas deveria haver muitos animais para a caça. Depois foi verificar como andava seu estoque de comida e ficou contente com o que viu.

Entrou na penumbra da mata, avançava devagar, mas nenhum obstáculo o fez ter de descer para empurrar. Quando puxava as rédeas sentiu uma leve fisgada na mão, que não chegava a tirar a concentração que precisava para não raspar as rodas nas árvores. Mesmo com o terreno pouco acidentado e sem muitos obstáculos no chão, aquele percurso tenso acabava exigindo bastante de seu corpo. Após algum tempo decidiu descansar e viu como o cavalo suave e bebia água de uma poça. Sentado, pode ver que dois passarinhos vermelhos se alimentavam de um fruto caído. O cavalo tinha parado de resfolegar e por instantes o homem se concentrou em escutar a floresta. De olhos fechados procurou perceber as várias camadas sonoras que existiam, os pássaros, a brisa soprando nos galhos mais altos, o zumbido dos insetos... havia também alguns outros ruídos que vinham de longe e por isso formavam uma mistura difícil de identificar. Sua meditação foi interrompida de repente, um galho seco caiu assustando-o, dando-lhe por um instante, a impressão de que uma pessoa se aproximava. Montou na carroça e continuou seu percurso, os raios de sol começaram a entrar inclinados por entre as árvores e pareciam que poderiam ser tocados. Essa luz esquentou todas as



tonalidades de verde que enxergava. O terreno começou a ficar menos plano, mas por enquanto conseguia vencer as pequenas subidas e descidas sem ter de descer da carroça. Sobre o tronco de uma velha árvore que não sabia o nome, viu uma grande bola amarelada que em pouco tempo estaria dourada. O dia começava a ir embora. Não tinha comido nada além de uns poucos figos. Decidiu que continuaria mais um pouco. Algum tempo depois chegou a uma espécie de clareira. As árvores ficavam bem afastadas umas das outras e o chão era coberto apenas por relva. A floresta lhe dizia que aquele seria o lugar onde passaria a noite. Amarrou o cavalo e foi preparar sua comida. Antes de acender o fogo foi surpreendido pelas luzes mágicas do dia que terminava. Decidiu que seus olhos teriam prioridade sobre seu estômago. A não ser por uns poucos ruídos de pássaros, parecia que toda a floresta ficara em silêncio para contemplar o pôr-do-sol. As luzes pintavam o que queriam sobre os grandes troncos envelhecidos. Em poucos instantes o escuro avançava sobre o amarelo, tudo era muito transitório. A penumbra já cobria todo o chão, e como ele estava sentado, envolvia-o com sua serenidade. Nesses instantes ele apenas olhou para os lados sem pensar em nada.

Essa paz foi interrompida por um ruído. Novamente teve a impressão de que alguma coisa se aproximava. Por um instante o barulho lhe pareceu o de uma pessoa pisando folhas secas. Achou que o mais provável seria um animal de grande porte em busca de caça. Arrependeu-se de ainda não ter feito fogo e correu para dentro da carroça. Quando já estava abrigado se lembrou de seu cavalo. Não poderia permitir que uma fera o devorasse. Amarrou-o junto à carroça, sacou de sua espada e esperou pela besta. Por um instante os ruídos cessaram para logo recomeçar. O animal devia estar perto e talvez o observasse. A tensão cresceu e o cavalo parecia ter sido contaminado, pois começou a relinchar. O homem conseguiu acalmá-lo mas não a si mesmo.

Talvez aquele bicho estivesse esperando apenas a noite cair para atacar. Como em pouco tempo estaria escuro, ele não teria como prosseguir sua jornada sem enxergar nada. Teria de passar a noite acordado e prosseguir pela manhã. Começou a sentir raiva daquela criatura que lhe feria os nervos. Com um movimento testou sua espada, que ficou cravada bem fundo no tronco de uma castanheira.

Depois de hesitar algumas vezes o ruído parecia ter se decidido e se tornava mais forte. O homem montou no cavalo para esperar a fera. Pensou em fugir e voltar depois para recuperar a carroça. Mas já não daria tempo. Quando faltava pouco para a noite cair por completo os ruídos tomaram forma física.

De espada em riste e preparado para batalha ele viu aquilo que nunca esperava. Aos poucos a espada foi baixando até cair no chão. O animal que tanto temia tinha pele verde e chegava a confundir-se com a vegetação. Essa cor era do veludo do vestido da mulher que caminhava pela floresta. Ao contrário do que imaginava ela não o espiava. Olhava para os lados mas nem chegou a perceber a presença do homem. Quando a espada caiu no chão ela levou um grande susto.

“O senhor tenha piedade de mim, me poupe de maus tratos...  
lhe rogo em nome de...”

“Não se preocupe, não lhe farei mal, não tenha medo... mas o que a senhora faz sozinha no meio da floresta?”

“Obrigada cavalheiro... eu caminho, é isso que faço, e já faz um bom tempo que é só o que faço.”

“Mas para esses lados a mata se estende até onde o olho não alcança... são poucas as clareiras como essa, no resto o que há são grandes árvores, folhas secas e animais selvagens.”

“Senhor... não foram poucas as dificuldades que enfrentei até aqui... de onde venho os percalços jamais deixaram de existir, e eles nunca diminuíram, não importando a rota que eu escolhesse.”

“Se incomodaria de me dizer de onde vens?”

“De uma aldeia distante. Um dia acordei e todos os habitantes, como que por encanto, desapareceram. Eu me vi como única habitante daquela cidadela. Procurei pelos cantos e as únicas almas que encontrei foram as das vacas e das cabras, que acumulavam leite que pedia para ser ordenhado. Então, por alguns dias enchi muitos baldes que começaram a se acumular sem que houvesse consumidores. Percebi que aquilo não teria fim, e que cada dia gasto daquela forma apenas faria girar uma roda que necessitava de mim para se movimentar. Decidi que preferiria me movimentar de maneira independente e abandonei os animais, os baldes cheios, e aqui estou.”

“Mas... a mata está cheia de perigos, há os bichos, os cogumelos venenosos, como irá se alimentar? Trouxe comigo um bom estoque de comida e mesmo assim meu coração tem palpitado de preocupação cada vez que vejo as reservas diminuírem. Gostaria de prosseguir junto comigo? A senhora poderá dormir na carroça e eu me arranho com meus cobertores junto à fogueira.”

Na manhã seguinte a mulher demorou muito para acordar. O homem chegou a ficar preocupado. Quando acordou estranhou bastante o interior da carroça, as memórias da noite anterior estavam nubladas e só quando viu o homem foi que se localizou. Agradeceu-o pela hospedagem, mas pensava em voltar a caminhar sozinha. Ele insistiu até que ela cedesse. Sentada a seu lado a fisionomia dos dois não podia ser mais diferente. Enquanto ele se esforçava com as rédeas na mão, desviando dos obstáculos e gritando para o cavalo, ela permanecia absolutamente impassível. Nenhuma emoção era lida em seu rosto.

Fizeram uma pausa para comer, ele lhe ofereceu alguns bocado de carne seca e pão. Ela disse que não comia animais e mordiscou uma fatia de pão. Ele se lembrou dos figos que tinha colhido e ela completou sua refeição comendo dois frutos.

Depois disso prosseguiram, sem se falar, as únicas palavras ditas eram por ele para o cavalo. De repente aconteceu aquilo que ele mais temia, o estrondo que lhe causava pesadelos. Um robusto toco de alguma árvore caída destruiu uma das rodas traseiras da carroça.

Ele saltou ainda em movimento, mas o cavalo parecia ter percebido a gravidade da situação e depois que o homem desceu não deu mais do que três passos. A roda havia rachado ao meio e a maioria dos aros estavam quebrados. Não havia conserto. Ele sentou-se no chão sem saber o que fazer, mais do que tristeza o que se lia em seu rosto era desencanto. A mulher percebeu isso e lançou-lhe um olhar de solidariedade. Sem dizer nada ela comparou essa situação com a que viveu quando percebeu que todas as pessoas de seu vilarejo tinham sumido. Aquele homem devia estar perdido. Com os olhos ela disse que lamentava o acidente e que prosseguiria sua caminhada sozinha. Com a boca ele pediu para que ela ficasse.

“A senhora não pode continuar sozinha... são muitos os perigos da floresta... o cavalo é forte o suficiente para nós dois.”

“Acredita que os perigos desapareceriam se eu prosseguisse em sua companhia?”

“Ao menos seríamos dois pares de olhos...”

“Será que o acidente não é um grito do destino nos dizendo que cada um deverá prosseguir numa direção... se não nos tivéssemos encontrado o senhor provavelmente ainda estaria com sua roda intacta.”

“E a senhora provavelmente estaria faminta e desesperada atrás de algum alimento. Terei de abandonar a carroça aqui e carregar só o essencial. Eu puxarei o cavalo e ele te carregará junto com meus pertences.”

“Parece que o senhor já decidiu meu futuro.”

“Não me leve a mal, não quero forçá-la a nada, mas não parece haver outra solução mais lógica.”

“Como podes afirmar isso quando desconheces meu destino final... e se eu já tiver chegado onde desejava?”

“E a senhora, não tem curiosidade para saber até onde me dirijo?”

“Parece que nesse ponto nossos interesses convergem... montei em sua carroça sem que ao menos o senhor perguntasse meu nome.”

“Talvez seja melhor começarmos a caminhada amanhã. Vou tirar as outras rodas para que possa dormir com mais conforto.”

Quando acordou ele ainda levou um bom tempo até se lembrar do acidente. No alto das árvores encontrou rasgos de um céu sem nuvens. Mas ele permanecia entristecido e cheio de dúvidas. Ela novamente dormiu até tarde e quando acordou ficou contente com o dia bonito que fazia. Esse leve sorriso foi a primeira manifestação de emoção que ele conseguiu ler em seu rosto. Essa sutil alegria o contaminou e desenhou uma mudança em seus lábios.

Quando percebeu que ela se afastava da carroça ele entrou para esvaziá-la. Colocou todos seus pertences no chão para avaliar o que precisaria e o que poderia abandonar. Decidiu que levaria alguns cobertores, a comida e sua espada. Com uma manta e dois pedaços de corda tentaria improvisar uma cela. Enquanto ele fazia esses preparativos ela o olhava curiosa, por sua fisionomia não parecia se lembrar que no dia anterior ele lhe propusera continuarem suas jornadas, ele a pé e ela a cavalo. Quando terminou virou-se para chamá-la, mas não a encontrou. Percorreu toda a clareira sem sucesso. Montou no cavalo, avançou na direção oposta daquela por onde a havia visto chegar. Parou e procurou escutar a floresta, ouviu os mesmos ruídos que o atemorizavam quando ainda não a conhecia. Ela devia estar por perto. Ele escu-

tou seu chamado, ela estava imediatamente atrás de seu cavalo, e não tinha sido a origem dos ruídos que ele escutara.

“A senhora me assustou. Estou pronto para partirmos...”

“Da mesma maneira que o senhor me convida para partir eu o convido a permanecer aqui... me cansei de caminhadas.”

“Mas para que servem as noites senão para restabelecermos nossas forças para as caminhadas do dia seguinte?”

“Poderia dormir três dias seguidos que nem isso traria de volta minha vontade de voltar a caminhar.”

Os dois passaram um dia confuso. Voltaram para perto dos destroços da carroça, mas ele não quis recolocar seus pertences dentro dela. Apesar de dizer que estava cansada ela passou o dia todo indo de um lado para outro, círculos que a mantinham a pouca distância do homem. Ele passou a maior parte do dia deitado sobre um cobertor olhando para o céu azul. Apesar da proximidade não trocaram uma palavra. No final da tarde ele se afastou por um bom tempo do acampamento, achou que o convite para que ficassem tinha sido uma tentativa para despistá-lo, e que dessa vez ela havia partido. No fim da tarde ele decidiu que só continuaria sua jornada no dia seguinte. Foi quando ela voltou trazendo enrolado em um pano castanhas, algumas bolotas e cogumelos que assegurou serem comestíveis. Fizeram fogo e o jantar foi feito com o que a mulher colheu. Após a refeição ela trouxe um ramo de framboesas que serviram de sobremesa. Quando a noite caiu cada um foi para seu canto e permaneceram em silêncio. A mulher pensava sobre como a floresta era capaz de prover todas suas necessidades. O homem era só preocupação. Estavam próximos a um lago, mas agora sem a carroça não teriam como carregar uma grande quantidade de água no cavalo. Temia não conseguir acumular água da chuva o suficiente para sobreviver.

À noite, enquanto ela dormia profundamente, sonhando que ainda morava no vilarejo, e que todos os habitantes continuavam lá, ele permanecia acordado, escutava o canto da cigarra e procurava descobrir, por trás dele, os ruídos desconhecidos que se pareciam com pegadas humanas. Como demorou a dormir, quando ele acordou, ela já tinha acendido o fogo e lhe preparado uma xícara de chá com algumas ervas que encontrara. Percebeu então, que havia esquecido seu cavalo a noite toda carregado com seus pertences. Apressou-se para aliviá-lo do peso. O cavalo estava cansado e ele decidiu que lhe daria um dia de folga e só partiria no dia seguinte. A mulher desapareceu e quando voltou tinha os cabelos molhados e trazia mais algumas iguarias que havia encontrado na mata. Eram frutas que ele desconhecia e alguns figos comestíveis.

“A água do lago está deliciosa, o senhor deveria experimentar.”

Ele caminhou sozinho até a beira, tirou os sapatos mas não entrou. Sentado conseguiu enxergar a água e o céu, que hoje estava parcialmente nublado. As nuvens refletiam no lago e por um bom tempo ele apenas observou o movimento desses reflexos. A nuvem ia aos poucos se transformando, unindo-se a outras, se dividindo, e essas mudanças ganhavam uma nova dimensão: a profundidade das águas do lago. Depois dessas percepções ele decidiu se refrescar. Tirou as roupas e caminhou até que seus ombros fossem encobertos. Dessa posição não conseguia enxergar os reflexos, mas deduziu que deveria estar bem no meio de um deles. Mergulhou e tentou abrir os olhos, pouco conseguiu enxergar. Secou-se ao sol, chegou até a cochilar, vestiu-se e voltou para o acampamento. Sentia suas energias renovadas, o banho parecia que não apenas lavara seu corpo, mas retirara algumas impurezas que vinham se acumulando em sua mente.

“Te peço que não me trate mais por “senhor”.”



“Peço o mesmo.”

“Você refletiu melhor, irá prosseguir comigo?”

“E você, não acha que em qualquer lugar que formos tere-  
mos tudo aquilo que precisarmos?”

“Mas o homem não foi feito para se conformar... o movimento,  
mesmo sendo ele ilusão, sinto sua falta.”

“Hoje almoçaremos cores: fungos, cogumelos e castanhas, se  
o verde é o céu os outros tons são as nuvens.”

“A que você atribui o desaparecimento de teus conterrâneos?”

“Não sei...uma vez ouvi dizer que isso não é uma coisa tão  
incomum quanto parece.”

“Mas para onde poderiam ter ido?”

“Talvez cada um tenha decidido caminhar numa direção.”

“Começo a entender porque não quer continuar a caminhada.”

A refeição da noite foi especialmente saborosa. Uma combi-  
nação de frutas, raízes, fungos e castanhas. Os sabores sutis não  
se comparavam com o que ele estava acostumado a comer desde  
que iniciou sua jornada. Além disso, sentia que o estômago não  
lhe pesava quando consumia os frutos da floresta. Verificou o pe-  
daço de carne seca que carregava como reserva e pela primeira  
vez sentiu um cheiro que indicava deterioração. Com uma faca  
fez um corte e encontrou alguns vermes gordos. Por um instante  
pensou em tirá-los dali e embrulhar a carne. Acabou jogando fora,  
depois voltou lá e enterrou o que antes iria comer. Algumas gotas  
de arrependimento pingaram sobre sua nuca. Enxugou-se olhan-  
do para as grandes árvores, respirou fundo o ar parado da floresta  
e teve a certeza de que a natureza seria generosa o suficiente para  
lhe prover o sustento.

Outro dia se passou, o cavalo já estava descansado e ele  
poderia ter partido, mas só o que fez foi tentar descobrir essas

pequenas delícias coloridas que a floresta escondia pelos cantos. Selecionou algumas que acabaram descartadas pela mulher, que suspeitava que cores muito vivas pudessem esconder venenos.

Sete dias se passaram e depois outros sete. Os dois continuaram com suas rotinas que incluía a procura e o preparo de alimentos, o cuidado com o cavalo e banhos no lago. A mulher continuava dormindo dentro dos destroços da carroça e o homem ao relento. Mas em nenhum momento ele havia oficialmente desistido de prosseguir sua jornada, vivia o instante, que por enquanto acontecia sem que precisasse caminhar floresta adentro. Entretanto havia algo que começava a perturbá-lo, já há alguns dias começava a fazer frio durante a noite, e por mais que se enrolasse em suas cobertas sentia dificuldade para dormir. Sentia-se embaraçado em pedir para passar as noites dentro da carroça, então resolveu construir para si um abrigo.

Com grandes dificuldades cortou com sua espada uma árvore de porte médio e dividiu o tronco em pequenas tábuas irregulares. Quando a mulher o viu trabalhando e quis saber do que se tratava, sugeriu que seria mais fácil usar as tábuas já cortadas da carroça. Por duas semanas os dois tiveram de suportar o relento da floresta, mas depois disso cada um ganhou seu abrigo construído de madeira e coberto por folhas. Os dois casebres usavam como suporte o tronco de grandes árvores, que acabava sendo a parede de fundo das habitações.

O sono passou a não ter mais obstáculos para que se realizasse. Isso afetou o humor de ambos, que à noite, depois de encerradas as atividades do dia, passavam longas horas à beira da fogueira contando histórias. Eram lendas, fábulas, às vezes um dos dois declamava alguma poesia ou contava o sonho da noite anterior, mas nenhum deles falava muito sobre suas vidas pessoais. A vida antes da entrada na floresta não era algo de

que se envergonhavam, era na verdade alguma coisa que ambos pareciam conceder pouca importância.

Outro passatempo noturno era escutar os barulhos da natureza, com o tempo aprenderam a distinguir os ruídos dos animais. Podiam identificar a que distância estava o cavalo quando saía para seus passeios noturnos. Distinguiam também os passos receosos e suaves dos cervos, os nervosos e rápidos das lebres, reconheciam os barulhos das corujas e dos esquilos. Muito raramente escutavam aqueles ruídos que se pareciam com passos humanos, e que faziam sonhar que grandes olhos escondidos atrás das árvores os observavam. Sempre quando isso acontecia o homem acordava cedo para ver se descobria rastros ou pegadas, mas nunca encontrava nada.

Vestidos longos não foram feitos para se usar na floresta, com o passar do tempo a barra foi rasgando e a mulher passou a usar apenas farrapos. O homem lhe deu algumas de suas roupas, que com alguns ajustes passaram a vesti-la de maneira mais adequada para o trabalho diário.

O tempo fluía como um riacho silencioso que não conhece obstáculos. Tanto o desejo de avançar mata adentro, quanto tudo que tinham vivido antes de entrar na floresta, pareciam recordações nubladas que não teriam forças para movimentar desejos ou alimentar nostalgias. Constatando em si esse fato, o homem se perguntava se a mulher estaria vivendo algo semelhante. Ela tinha uma aparência de serenidade que não chegava a desenhar em seu rosto traços de felicidade.

Aos poucos eles foram conhecendo melhor as redondezas. Descobriram que do outro lado do lago havia um riacho que despejava suas águas nele. Com pouco mais de um palmo de profundidade esse córrego tinha águas totalmente cristalinas onde se enxergava pequenos peixes amarelos e vermelhos. Essa

passou a ser a fonte de água deles, que durante as noites mais quentes dormiam nas margens para que o borbulhar da correnteza embalasse seus sons.

O acampamento principal começou a receber alguns visitantes fixos. Era um cervo e uma família de esquilos, para os quais sempre se reservava alguma comida.

Às vezes a mulher desaparecia pela manhã e só voltava quando a noite estava estrelada. Ficava a beira do riacho, ou então caminhava até descobrir um novo refúgio onde pudesse ficar sozinha. Cantava algumas músicas que aprendera quando criança, falava sozinha, descansava. Apesar do recolhimento, e das menções que fazia ao período anterior à floresta, nada em seu rosto indicava que aqueles momentos alimentavam sentimentalismos. Ao contrário, parecia que nesses instantes reservados, sorria mais do que quando estava acompanhada. E quando voltava de suas caminhadas estava sempre de excelente humor.

Um dia o homem propôs construir uma casa maior para os dois, teria dois quartos e seria feita com madeira de melhor qualidade, teria assoalho e janelas. Ela preferiu permanecer em sua cabana e disse que se ele quisesse construir outra morada que se sentisse livre, mas que ela não iria ajudá-lo pois não precisava de nada além daquilo que possuía. Num primeiro instante ele ficou um pouco chateado com essa resposta, e foi sua vez de passar um dia inteiro à beira do riacho. Mas enquanto jogava pedrinhas nas águas chegou à conclusão que ela estava certa, e que a ideia que teve era fruto da mentalidade anterior à floresta. Quando percebeu isso sua mágoa se dissolveu imediatamente. Nesse instante enxergou um grande sapo verde à beira do córrego, o bicho tinha olhos amarelos e parecia olhá-lo fixamente. A cor de sua pele se confundia com a vegetação ao redor. Com um salto ele entrou no riacho e lentamente se deixou levar pela correnteza,

mas até que desaparecesse atrás de uma curva, manteve os grandes olhos amarelos voltados para o homem.

Numa outra ocasião ele acordou e reparou que seu cavalo estava amarrado em uma árvore. Isso sempre acontecia quando a mulher se ausentava e não queria que o cavalo acabasse se perdendo na floresta. Ele não se inquietou e começou o dia cortando lenha. Entre um golpe de espada e outro, começou a ouvir um ruído que não conseguia identificar. Na ponta dos pés procurou caminhar na direção da origem do barulho. Descobriu, sem que fosse percebido, que aquilo era o som do choro da mulher. Sentada no chão, atrás de um grande teixo, ela derramava lágrimas que ficavam encobertas por suas mãos. Primeiro ele tentou descobrir qual seria a origem daquele sofrimento, depois se questionou se deveria revelar sua presença e tentar consolá-la. Apesar de não ter descoberto a origem do pranto, sentiu-o como algo completamente natural. Então apenas deixou com que a chuva continuasse molhando a terra ou as flores derrubando as pétalas. Nessa noite ele fez uma fogueira e preparou uma sopa de ervas. Os dois ficaram conversando por um bom tempo, ela estava animada e falava bastante. Ele não conseguiu enxergar nenhum traço daquela tristeza que pouco tempo atrás parecia inundá-la. As lágrimas tinham cumprido sua missão.

Lembrou-se que há alguns dias atrás quando estava sozinho na beira do lago, sentiu sem nenhuma razão concreta, que sua garganta formava um nó que logo transbordaria em lágrimas. Mas ele procurou se movimentar para não deixá-las escorrer.

“Ontem enquanto fazia comida me ocorreu um pensamento estranho, a floresta é composta por muitas vidas, tanto animais quanto vegetais. Mas a soma de todas essas individualidades também formam um outro ser vivo, que também possui desejos.”

“Interessante... falas de vida e desejo... mas qual seria o desejo de uma árvore ou de um cogumelo?”

“Nesses casos a existência tem o mesmo tamanho do desejo, ambos estão tão entrelaçados que aparentam ser a mesma coisa... conforme aumentam os níveis de consciência, as duas realidades se afastam. A entidade floresta seria como um parlamento, composta dos mais diferentes representantes. Olhos míopes, cegos e eficientes, desejos aguçados e neutralizados pelo peso do apenas existir, idades, cores, tamanhos, formatos, seriam muitos os tipos de tijolos que construiriam esse grande ser em que estamos mergulhados. E também nós, queiramos ou não, passamos a ser células desse grande corpo.”

“De vez em quando escuto uns barulhos que não consigo atribuir a nenhum animal, parece que passos cercam o acampamento e que olhos nos espiam. Não seriam os sons desse ser que me sugeres existir?”

Depois dessa noite, esses pensamentos que saíram da cabeça da mulher acabaram contaminando a do homem. Ele passou a ficar mais calado e sozinho. Aparentemente vivia momentos de tristeza ou melancolia, no fundo, estava apenas mais reflexivo, as ideias plantadas pela mulher germinaram, transformando-se em outras. O silêncio o ajudava a tentar cuidar dessas plantas de todos os tipos, que nasciam dentro de sua cabeça. Esse jardim era composto por grandes árvores frondosas, cujo tronco sólido resistiria a qualquer tempestade, por flores efêmeras e ervas daninhas. Como não tinha experiência com jardinagem, deixava que todas elas tivessem direito à vida e espalhassem livremente suas raízes.

Em seus momentos de isolamento passou a cultivar o hábito de verbalizar em voz alta suas ideias para que a solidez da palavra pronunciada o ajudasse a hierarquizar seu raciocínio:

“Se a consciência da floresta era composta pela soma de muitas outras, por que as outras não poderiam, por sua vez, também serem compostas por células de consciência com vida independente?”

Esse seu desabafo começava com questões complicadas, mas prosseguia de maneira mais leve, falava sobre coisas do cotidiano, sobre seu estado de humor, uma nova planta que havia descoberto ou algum animal avistado. Isso acabou se tornando um hábito e ele passou a ir sempre no mesmo lugar, sentava-se num tronco caído próximo da beira do riacho e conversava consigo mesmo. Às vezes, se lembrando do que a mulher uma vez lhe dissera, reparava que sua mente parecia se distanciar cada vez mais de seu corpo. Cada dia que passava ele se separava daquilo que as árvores são.

A vida continuava... as manhãs se sucediam com uma leveza que ele nunca conhecera. Antigamente o tempo parecia o tronco rugoso de um grande carvalho, hoje se parecia com a lisura de um bambu. Numa dessas manhãs, que sentia como se fosse a continuação das anteriores, ele se lembrou que há algum tempo atrás, estava ansioso para partir, precisava seguir adiante. Enquanto caminhava de pés descalços, procurou se lembrar das razões pelas quais desejava prosseguir. Não conseguiu.

“Ontem enquanto caminhava perto do riacho, me lembrei daquele barulho que você me disse que escutava de vez em quando. Mas o que ouvi não foram passos, a impressão que tive é que muito distante uma carroça se aproximava. O barulho de repente sumiu.”

Sem responder, o homem escutou a observação da mulher e foi caminhar na mata. Ela ficou pensando se o que dissera poderia tê-lo assustado, depois tentou se lembrar se o que escutara não seria outro tipo qualquer de ruído. A mata, às vezes, soprava



algumas brisas inesperadas, e ela normalmente se deixava conduzir na direção desses ventos. Molhava o dedo para perceber a exata rota, e caminhava obedecendo às vontades eólicas. Dessa vez o caminho apontava para onde a mata era mais fechada. Com dificuldades ela avançou por entre a vegetação compacta que beliscava suas calças e cabelos. Quando não sentia mais que a brisa a conduzia, resolveu parar. Bem aos seus pés encontrou um grande cogumelo, todo azulado com alguns detalhes em amarelo. Sentiu que o objetivo de sua caminhada era ter encontrado aquele cogumelo. Admirou-o e percebeu como suas cores contrastavam com o tapete de folhas mortas que cobria o chão. O ar estava parado, mas sentia que uma outra força a conduzia, ela deveria prosseguir, mas não precisava caminhar. Seu caminho era o cogumelo, ela estava ali para comê-lo. Em uma outra situação aquelas cores fortes nunca permitiriam que ela o fizesse. Mas agora não havia alternativas e não sentia o menor receio.

Na primeira dentada um gosto amargo contaminou sua boca, lentamente continuou mastigando e mordendo até que nada sobrasse. Depois de engolir ficou parada esperando algum eventual efeito. Nada aconteceu. Chegando ao acampamento tomou bastante água para tirar da boca o amargor. Quando voltou de sua caminhada o homem chamou por ela e a encontrou dormindo profundamente. À noite, sentado sozinho à beira da fogueira, escutou os barulhos da mata, que nesse dia parecia particularmente movimentada. Iluminada pelo fogo, percebeu quando uma lebre atravessou correndo. Um pássaro desconhecido batia as asas muito acima das árvores mais altas. O longo dia repleto de impressões, pedia para que ele verbalizasse o que vivera, a mulher dormia e a ocasião para falar era clara. Os nós de madeira estalavam no fogo, a fumaça trazia um cheiro adocicado de resina, em silêncio caminhou para longe do fogo. Saindo da clareira entrou na região onde a vegetação era mais cerrada.

Sentou-se no chão e sentiu a noite. De longe, percebeu os suaves contornos amarelados com que o fogo envolvia algumas plantas. O ar úmido da noite se modificou, assim como a luz. Também de forma sutil, a floresta recebia o cheiro de madeira queimada.

Na manhã seguinte a mulher acordou com as energias renovadas. O cogumelo azul, ou os ventos, ou a floresta toda, tinham encontrado uma maneira de fazê-la esquecer de uma série de pequenas preocupações. Sentia-se mais leve e conseguia enxergar um belo céu azul atrás das nuvens cinzentas que continuavam despejando uma garoa fina e fria.

Nada contou ao homem. Durante toda a manhã eles permaneceram em silêncio apesar de estarem muito próximos um ao outros. Ele cortava lenha e ela lavava algumas roupas. Ambos trabalhavam em pensamentos distantes, mas nenhum dos dois questionava a permanência na floresta. As recordações do passado e as expectativas futuras haviam se fundido num profundo instante presente, que a cada momento colocava a ação que estivesse acontecendo como a única realidade. Mesmo que seus pensamentos não se ocupassem exatamente daquilo que estavam executando, as distâncias entre seus mundos mentais e físicos diminuía a cada dia. Se ele cortava madeira lembrava-se de que um dia quando criança, apanhou um machado para cortar lenha e acabou se machucando.

Aquele homem e aquela mulher estavam dia a dia ficando mais parecidos com árvores. Os dois tinham consciência dessa modificação e permitiam que ela acontecesse. Talvez fosse por isso que falavam cada vez menos.

“Descobri que alguns brotos dão excelente aperitivo. Quando o tempo firmar vou escalar as grandes árvores atrás dessas folhas tenras.”

“Eu vi uma que tinha folhas verde e marrons espalhadas por seus galhos. Sabe o que deduzi disso? Era uma árvore grisalha.”

O céu azul fez o homem escalar em busca das iguarias. Quando subiu na copa da primeira se surpreendeu. Aquele era um mundo à parte. Reparou como os galhos se comunicavam com as árvores vizinhas, e como isso acabava formando uma outra floresta, quase independente daquela do chão. Chegou a cogitar se seria possível encontrar uma região onde os galhos fossem fortes o suficiente para aguentar seu peso, e ele pudesse, assim como fazem os esquilos, atravessar de um galho para outro sem nunca precisar descer. Comeria os frutos e construiria um abrigo, o chão seria uma página virada em sua vida. O sorriso que tinha nos lábios enquanto cultivava esses pensamentos foi interrompido por um grito de dor. Uma abelha o picou bem na ponta do nariz. Descobriu uma grande colméia próximo de onde estava. Corria perigo, e voltou para o mundo anterior. Contou para a mulher sobre as abelhas e disse que dali poderia extrair mel. Ela o desencorajou e exigiu que ele as deixasse em paz.

À noite seu sono atrasou. O alto das árvores representava uma nova camada de realidade. Cada par de olhos via o mundo de um jeito, o que acabava fazendo que não existisse apenas um, mas os mundos eram tantos quanto a quantidade de olhos. O sono parecia que havia esquecido de procurá-lo, a noite já estava perdendo sua escuridão quando ele propôs para si mesmo, como experiência, que tentaria enxergar o mundo com os olhos de uma mulher. Nada revelaria a ela, faria tudo por sua conta e risco, e depois examinaria os resultados de sua tentativa.

O sol nasceu e seus olhos começaram a pesar. Ficou com medo que a ideia que teve fosse completamente apagada pelo sono. Antes de perder a consciência escutou um ruído parecido com o da roda de uma carroça.

Quando acordou percebeu que a mulher andava de um lado para outro e aparentava estar preocupada. Decidiu que passaria

o dia longe do acampamento e caminhou até o riacho. Assim que partiu a mulher se acalmou, ela estava nervosa porque pela manhã havia escutado os ruídos de rodas de carroça que tanto preocupavam o homem. Ela mesma não temia aqueles barulhos, inquietava-se apenas por ele. Sabia onde ele tinha ido e decidiu espia-lo. Chegando no riacho ela se ocultou atrás de uma árvore que estava perto dele o suficiente para que conseguisse enxergar sua expressão facial. Havia um certo desânimo em seus traços. Sentado no chão, próximo da margem molhou as mão na água e passou-as no cabelo. Suspirou de um jeito diferente de tudo o que ela conhecia. Apesar de ser a primeira vez que o espiava, ela sabia que durante seus períodos de recolhimento ele costumava falar sozinho. E eram nessas palavras que ela estava interessada. Mas elas pareciam que naqueles dias não seriam pronunciadas. Se isso existisse, ela poderia sentir o forte cheiro de silêncio que se espalhava ao redor dele. O homem tinha os olhos fixos no movimento das águas, e os olhos fixos da mulher de repente se arregalavam: ele chorava.

Na noite anterior havia prometido para si mesmo tentar enxergar a vida através dos olhos de uma mulher. Isso não havia acontecido, o que se passou foi que a tentativa de realizar esse desejo acabou conduzindo-o a estados mentais diferentes do que estava habituado desde que começou a morar na floresta. Uma ideia o conduziu a outra, e ele acabou distanciando seu corpo físico de seu mundo mental, e quanto maior é sua distância, maiores são as dores psíquicas. O cheiro de silêncio parou de ser sentido quando o choro condensou-se em um soluço.

Assim como aconteceu quando ele a assistia chorar, ela chegou a pensar em sair de seu esconderijo para consolá-lo. Mas nada fez, apenas esperou que os próximos soluços viessem para abafar os ruídos de seus passos e ela pudesse retornar oculta

para o acampamento. Quando terminou suas lágrimas, o homem se sentia melhor. Lavou o rosto e aproveitou para tomar banho. Enquanto secava ao sol, um esboço de sorriso apareceu em seus lábios, ele ria da fragilidade de seu equilíbrio.

No acampamento, a mulher voltava a caminhar de um lado para o outro olhando para o chão. O barulho das rodas de uma carroça, não apenas era constante, quanto nunca parecera tão próximo. Pela primeira vez ela passou a temer as consequências desses ruídos.

Indiferente a esses pressentimentos, ele caminhava pela mata procurando frutos e castanhas. Estava preocupado com a próxima refeição que, sem saber a razão, ele gostaria que fosse a mais colorida possível. Encontrou alguns arbustos que tinham pequenas frutas roxas. Desconfiou da cor excessiva, cheirou-os e decidiu arriscar. Abriu um e com a ponta da língua experimentou o sabor. Para sua grande surpresa o fruto era muito doce, “tão doce quanto a vida deveria ser” foi a frase que disse em voz alta. Terminou de comer, e por prevenção, esperou bastante tempo antes de engolir o segundo. Enfiou o quanto pode desses frutos nos bolsos de suas calças e camisa. Agora precisava encontrar uma outra cor que formasse com o roxo uma bela composição. Sem precisar procurar muito, encontrou uma árvore que dava uns pequenos frutos alaranjados. Ele já havia experimentado essas bolinhas que tinham um gosto um pouco amargo, mas que compensariam o doce dos frutos roxos. Encontrou também framboesas muito vermelhas e castanhas marrom-escuro. Tirou a camisa para enrolar tudo o que colhera. Enquanto caminhava para o acampamento um sorriso discreto apareceu novamente em seu rosto. Umás frutinhas coloridas tinham sido suficientes para tirá-lo de um estado depressivo e colocá-lo no mesmo estado de ânimo que vivia antes da melancolia. A criança que chorava havia sido destruída por seu brinquedo e agora sorria, e em

seu sorriso nada indicava que essa felicidade pudesse algum dia ter um fim.

Sobre sua cabeça os tentáculos vigorosos das árvores estavam ali para protegê-lo e oferecer-lhe tudo o que precisasse. Os troncos e arbustos eram seus companheiros, os animais seus parentes e a floresta era o único lugar possível para se estar. Por alguns momentos teve a certeza de que não mais abandonaria a mata e que todo o tempo que passou fora dela havia sido apenas uma preparação para que um dia pudesse nela entrar.

A floresta exalava um cheiro agradável, o odor era uma mistura do que se sente depois da chuva, com o que alguma espécie de flor desprende. Não se lembrava de chuva nos últimos dias, chegou até a olhar para o céu e só encontrou umas poucas nuvens esparsas. Também não viu flores, apenas aceitou o que suas narinas sentiam sem se preocupar com as origens. O tronco de uma grande árvore estava manchado por algumas gotas transparentes de seiva endurecida. Elas se colavam a seus dedos e o fizeram se lembrar da mulher “...árvore grisalha”, ele encontrara uma “árvore ferida”. Enquanto limpava seus dedos ouviu uma sutil movimentação no tapete de folhas do chão, não precisou procurar muito até encontrar uma cobra verde que o olhava mostrando a língua. Ela parecia que estava tão surpresa e assustada quanto ele. Ambos silenciosamente selaram um pacto de não agressão, e avançaram cada um para um lado. Mas a aparição da cobra acabou quebrando um pouco o clima de harmonia com a floresta. Mesmo que ela fosse tão representante da natureza quanto uma fruta ou uma flor, havia algo nela que a fazia parecer intrusa, uma rachadura que poderia se transformar em fenda, por onde escorreria toda a harmonia que possuía o restante da natureza. Por diversas vezes presenciara animais devorando outros, corpos em decomposição, mas mesmo essas cenas desagradáveis pareciam pertencer ao ciclo natural da re-

novação. A morte não era uma rachadura, era algo indispensável. O que sempre o perturbava não eram as cobras em si, se avistava o corpo de uma desaparecendo em sua toca, ou se a via de longe enrodilhada se preparando para um bote, isso não tinha sobre ele qualquer efeito. Afetava-o enxergar os olhos do animal. Eles pareciam dois pequenos poços de maldade, guardavam um ligeiro aspecto humano, como que nos informando que dispõem de inteligência suficiente para que o mal consiga desenvolver suas raízes. São também olhos que jamais estão a altura dos olhos dos homens, normalmente miram canelas ou calcanhares, e que por isso estão em condição de superioridade, valem-se da surpresa e nutrem-se do medo. Esses olhos são uma rachadura nas certezas humanas, buracos por onde o medo profundo se alimenta.

Continuou caminhando e lutando para voltar ao estado de ânimo que vivia antes de ver a cobra, mas a floresta já não parecia a mesma. No suspiro que deu havia tédio e uma ponta de nervosismo. Mas de todos os olhos de cobra que já vira, havia um tipo que era pior do que os outros, eram os avermelhados. Neles parecia que o medo flutuava numa grande poça de sangue, que por sua vez representava lagos de sofrimento.

No céu três grandes pássaros flutuavam em círculo levados pelas correntes de ar. Deviam ter encontrado algum animal morto. O cheiro que sentira anteriormente parecia que havia se fundido com um outro, não longe dali algo começava a se deteriorar. Decidiu voltar para o acampamento, grandes gotas de suor cobriam seu rosto e pescoço, alguns mosquitos zumbiam ao redor de sua cabeça. Reconheceu algumas árvores que indicavam que não estava longe de sua cabana. Acelerou o passo, por hoje a caminhada na mata tinha sido suficiente, queria conversar, comer e dormir, o sono apagaria os pensamentos ligados aos olhos da cobra.

Caminhava olhando para o chão, seguia por uma trilha

conhecida e sabia que quando a luz aumentasse era sinal que ele havia chegado na clareira do acampamento. Quando isso aconteceu sua boca se abriu e seu queixo caiu. O acampamento estava cheio de gente. Viu homens, mulheres e crianças. Viu uma grande carroça puxada por dois cavalos brancos. Ela era vermelha e sobre a lateral havia alguns desenhos mostrando cenas de representações teatrais. Havia também alguns cavalos amarrados nas árvores.

Todos pareciam muito à vontade, os homens conversavam entre si enquanto as mulheres se ocupavam das crianças menores, as maiores corriam e brincavam. Depois de observar a trupe de longe, ele decidiu se aproximar. Caminhou por entre as pessoas mas ninguém parecia notar sua presença. Não se sentia invadido, estava curioso para saber o que estava acontecendo. Ainda não vira sua companheira de acampamento, e isso começava a perturbá-lo. Chegou a pensar que havia se enganado e que poderia ser ele quem fazia uma visita sem ser convidado. Mas logo viu as duas cabanas. Eram os outros os visitantes.





## AS DESCOBERTAS

Ele entrou na cabana da mulher e ela estava penteando os cabelos de uma criança. Eles trocaram olhares, mas como não sabia qual pergunta fazer primeiro, ele permaneceu calado e ela ocupando-se da menina.

Observou a cena por alguns instantes e saiu da cabana.

“O senhor deve estar nos julgando um bando de intrometidos. É o que eu faria se me deparasse com tanta gente invadindo meus domínios. Mas fique tranquilo, somos uma trupe teatral que está só de passagem.”

“Fiquem à vontade essa mata é tão minha quanto vossa.”

“Obrigado pela gentileza, o senhor saberia me dizer se ainda falta muito para atravessarmos a floresta, estamos vindo do sul e nosso objetivo são alguns vilarejos ao norte, próximo das margens do grande rio.”

“Não tenho a menor ideia da extensão da floresta, talvez atravessá-la leve um dia, talvez a vida toda.”

O dia transcorreu entre conversas e gentilezas de ambas as partes. Logo o sentimento de ter seus domínios invadidos desapareceu, e o homem até desejou que a trupe permanecesse por mais tempo. A tarde estava na metade e ele sugeriu que eles esperassem o amanhecer para partir. À noite os visitantes providenciaram um grande banquete que incluía pães, queijos, frutas secas, castanhas e vários tipos de carnes. O homem e a mulher comeram de tudo mas não tocaram nas carnes. Em troca ofereceram uma seleção de cogumelos coloridos que foram muito apreciados pelos visitantes. A mulher não largava a menina loirinha à qual penteava os cabelos. Terminada a refeição, o homem que parecia

ser o comandante do grupo disse que em retribuição à hospitalidade do casal, gostaria de oferecer um espetáculo teatral.

Acenderam-se duas grandes fogueiras que davam ao pátio da clareira uma coloração quase irreal. O movimento das chamas se transformava em sombras que pareciam fazer com que a vegetação se movesse. Em turnos, os atores entravam na carroça e quando saíam estavam vestindo os figurinos dos personagens que interpretariam. Até a menina loira foi retirada dos braços da mulher e saiu da carroça vestindo uma túnica branca e um par de asas de anjinho.

Quando todos estavam prontos enfileiraram-se lado a lado para saudar a pequena plateia. Nesse instante o casal pode ver que além do anjinho, havia um príncipe, uma princesa, um bobo da corte, um padre, um pajem, duas damas de companhia, e a mais impressionante de todas as figuras, um velho diabo. Seu rosto todo pintado de vermelho tinha alguns traços escuros junto aos olhos representando rugas, sua barbicha postiça tinha fios grisalhos. Talvez aquela figura vista à luz do dia não causasse nenhuma impressão, tornando-se até mesmo ridícula. Mas iluminada pelo fogo, o diabo envelhecido transformava-se em algo tão assustador quanto olhos de cobras. Por instantes o homem esqueceu os outros personagens e só teve olhos para aquela figura avermelhada, que não parava de fazer caretas e levantar o grande tridente que carregava. Todos os atores se curvaram em agradecimento como normalmente se faz nos finais de apresentações. Um tambor soou, a peça começava:

O bobo da corte aproxima-se do príncipe que estava sentado em um tronco improvisado com um toco de árvore.

“Dentre todos os reinos que existem, daqueles perdidos em terras sem nome, escondidos entre montanhas eternamente cobertas de gelo, daqueles comandados por mulheres guerreiras, por

homens sábios, ou por cruéis canibais, dos reinos sem reis ou príncipes, onde são os súditos que em igualdade de condições tomam as decisões, dos reinos dos sonhos, onde as consequências dos atos dos soberanos têm poderes mágicos, e podem num estalar de dedos construir maravilhas ou instalar pesadelos, de todos os mundo e todas as formas, dos reinos vegetal, animal e mineral, vosso reino majestade, é de todos, o mais perfeito e o mais justo.”

O príncipe levanta-se de seu trono, aproxima-se da fogueira, em seu rosto não há um pingo de alegria pelos elogios recebidos. Seus lábios voltados para baixo e seus olhos mirando o chão, mostram desencanto.

“Quisera eu possuir tuas simples certezas.”

“Vossa majestade tem os olhos tão voltados para as alturas, que por vezes é incapaz de enxergar as maravilhas que realiza.”

O príncipe nada responde, aproxima-se da fogueira e sua fisionomia ganha pitadas de desespero. Seus olhos incandescentes se fixam no exato instante em que a madeira entra em combustão. A princesa aproxima-se, está acompanhada por duas assistentes, toca os ombros do príncipe:

“Sinto-o perturbado, dentro de teu peito há algo que queima...”

“É verdade, uma fogueira devora minhas energias. Mas também tu e tuas damas possuem fogos perenes, o que acontece é que minhas chamas atingiram a altura de meus olhos.”

A princesa e as damas se afastam do príncipe e o bobo da corte se aproxima. Depois de uma série de cambalhotas chega aos pés do príncipe, abre os braços como se estivesse comemorando um grande feito. Quando se aproxima da fogueira os dois integrantes da plateia percebem que sua maquiagem branca começa a escorrer e mistura-se com as linhas pretas que demarcam seus olhos. Tudo isso, iluminado sob a luz vacilante

da fogueira, dá ao anão um aspecto ainda mais repugnante que o do velho diabo. Uma das três pontas de seu chapéu está a poucos centímetros das labaredas, e tanto o homem quanto a mulher, e até os outros atores, parecem perceber isso e não fazem nenhum esforço para alertá-lo. Talvez o ponto máximo na carreira de um bobo da corte seja arder em chamas correndo em busca de água. Essas seriam as maiores risadas que poderia proporcionar aos outros. O único que não repara no risco que o bobo corre é o príncipe, que só tem olhos para as cores hipnotizantes das chamas.

O bobo dá dois passos para longe da fogueira, para sutil desapontamento de todos. Depois de algumas firulas e cheio de empáfia ele diz:

“Sua majestade, as trevas que circundam esse fogo estão repletas de espíritos malignos. E só minha graça é capaz de afugentá-los. Vosso poder é imenso, e dentro dele sua sabedoria quase não tem fim, mas seu reino estende-se apenas até onde os olhos enxergam. Das trevas vossa majestade desconhece os limites e o conteúdo, e sou eu, esse teu pequeno e fiel servidor, que vos protegerá contra as flechas invisíveis e os feitiços secretos.”

“Meu pequeno e ridículo companheiro, há muitos perigos invisíveis que não precisam das trevas para se esconder. Enganase quando dizes que meus poderes são imensos. Sou tão poderoso quanto tu ou quanto um cervo que se alimenta de folhas. Sou tão senhor das trevas quanto tu és das luzes. Não posso te proteger ou ferir, e o mesmo vale de ti em relação a mim.”

O bobo sai de cena contrariado e desaparece na escuridão. O príncipe afasta-se da fogueira e caminha de um lado para outro como se estivesse repleto de dúvidas. Um pajem se aproxima:

“Vejo que vossa majestade pareceu inquieto, o que o está afligindo?”

“O que me perturba é justamente desconhecer a razão de

minha agonia. Não reconheço legitimidade no poder que exerço, então toda a maneira como o mundo está organizado me parece falsa.”

“Mas, majestade, vosso poder foi concedido diretamente por Deus, e nem mesmo o senhor tem o direito de questioná-lo. O que deve fazer é exercê-lo da maneira mais sábia possível. Todo o resto são apenas consequências do exercício desse direito.”

O príncipe parece mais aflito, saca de sua espada e a crava em uma árvore.

“Mentiras, palavras vazias, sementes que geram árvores ocas.”

O pajem sai de cena e o príncipe volta a se aproximar da fogueira, passa a mão sobre a chama procurando aguentar o calor o máximo que pode. Até que explode em um grito de dor e desespero. Ajoelha-se e passa terra molhada sobre a mão queimada. Ele tem os olhos transbordantes de lágrimas e a voz profunda atravessa a floresta:

“Preciso acreditar... quero algumas certezas, a luz queima e as trevas curam, eu sou contradição, e assim sendo, não posso comandar um mundo que a despreze. O que me impede de amar minha destruição e também as formas que me constroem? Mesmo agindo assim posso ser grande e sábio justamente por ser contraditório. Mas o reino que comando não admite esse tipo de lógica, a luz deve lutar contra as trevas, qualquer mistura deve ser ignorada.

Mentiras, palavras vazias, sementes que geram árvores ocas... meu reino não foi feito para homens e sim para bonecos autômatos recheados de palha e engrenagens. Seres mecânicos, súditos do absoluto.”

“Se vossa majestade descrê do mundo como está constituído, acabará minando seus próprios poderes...”

“Que se dissolvam meus poderes, que virem pó, que será varrido pelo vento e desaparecerá. Que no lugar onde estavam as raízes de minha autoridade brote uma nova planta que...”

“...afrontando Deus... nem vossa majestade tem esse direito. Raciocine senhor, todos nós passamos por momentos de dificuldades onde acabamos tomando decisões precipitadas. Mesmo o senhor em sua sabedoria não está imune a essas fraquezas. Se o mundo é do jeito que é, é porque Deus o deseja assim. Muitas incoerências e injustiças podem ser virtudes disfarçadas. É difícil para nós simples mortais termos independência suficiente para analisarmos os fatos da vida, as aparências são frágeis indicadores, parentes distantes da verdade. No fundo, o que possuímos de mais sólido é o que está estabelecido, a tradição. Nossos antepassados também duvidaram e desejaram mudanças, e o que mudou foi apenas aquilo que teve forças para suplantar as dúvidas. Assim foi e assim será.”

“Suas palavras têm cheiro de sabedoria, mas nem sempre o odor indica o estado interno do fruto. Afora as dúvidas que tenho, não enxergo em mim ou em meu reino, qualquer movimento. Tudo me parece tão inerte quanto um corpo que jaz no campo de batalha atravessado por uma lança. Chega a ser irônico, o que meu reino possui de mais vivo, é aquilo que deseja destruí-lo.”

“Sua majestade precisa de uma boa noite de sono repleta de sonhos agradáveis. Suas energias se restabelecerão solidificando suas certezas.”

O pajem sai de cena, o príncipe começa a bocejar e deita-se próximo da fogueira, antes que ele adormeça a princesa se aproxima:

“Meu príncipe, já há algum tempo te sinto ausente. Percebo que algo te incomoda e que já não tens mais a alegria de quando te conheci.”

Bocejando ele diz:

“Os dias não são todos ensolarados e as gotas de chuva também são importantes.”

“Há tempos que quero conversar com você... já não sou mais uma mulher tão jovem, e você sabe que ninguém é eterno, o reino precisará de sucessores, e cabe a nós providenciá-los.”

“No tempo certo eles virão, e poderão por sua vez ter seus descendentes, e perpetuar esse reino até o dia em que as pedras se tornem pó.”

Ele adormece e a princesa se retira contrariada com a resposta que escutou.

Entra em cena a menina loirinha vestida de anjo. Ela cutuca o príncipe e ele abre os olhos.

“Você abriu seus olhos mas continua dormindo, se forçar as vistas até conseguirá enxergar seu corpo adormecido.”

“Tem razão, eu estou aqui e lá ao mesmo tempo. Mas como isso é possível, e quem é você?”

“Não tenho respostas para tuas perguntas, sou alguém que gosta de conversar com as pessoas que dormem, além disso nada sei sobre mim.”

“Você tem asas, não será o espírito de minha filha que ainda não nasceu? Ou então é o anjo que me aparece em sonho para me soprar ao ouvido respostas sobre dúvidas que me corroem?”

“Posso ser as duas coisas ou nenhuma delas. Sei de mim pouco mais do que você sabe. Quando acordas deixo de existir, mas ao mesmo tempo continuo sendo eu mesma, e talvez um pedacinho de mim te acompanhe durante todo o dia. Acho que prefiro escutar do que falar. Por favor, conte-me de seu dia...”

“Meu dia... eu não sei... um grande desânimo me invade, sinto que o mundo é um grande jogo de armar onde todas as pe-



ças ficam sem encaixe... e incompleto esse universo aberto prossegue, pulsando como uma veia que derrama sangue vermelho na terra escura. Mas minha dor vem do fato de eu acreditar que o sangue existe para circular e nutrir o grande organismo, e não se misturar ao barro formando uma lama avermelhada.”

“O senhor tem lágrimas por todo corpo, deveria deixá-las escorrer. A lama salgada é menos dolorida que a vermelha.”

“Minha criança, não sabe como é difícil para um homem deixar com que seus olhos molhem o chão. Meninos devem ser valentes, e as lágrimas que produzem devem rolar nos olhos alheios.”

“Mas, dessa forma, não sobrariam homens capazes de reter lágrimas, pois todos se ocupariam de fazer com que elas rolassem sobre os rostos alheios, logo, as que enxergo dentro de ti não existiriam.”

“Sua lógica infantil é muito sofisticada para mim.”

“E eu não compreendo sua lógica de adulto.”

O príncipe caminha pelo terreiro.

“Será que quando eu acordar me lembrarei dessa conversa...”

Vira-se de costas para a criança e continua falando.

“... o que teu coração puro me diz das dúvidas que tenho... que legitimidade tem um príncipe que duvida de sua própria autoridade? Duvida mesmo dos poderes que me foram concedidos... como posso ter convicção em meus atos e como poderei contrapor aqueles que eventualmente contestarem minhas decisões?”

Sem obter respostas o príncipe vira-se e com um grito desesperado demonstra todo seu pavor. A menina havia desaparecido e no lugar dela está o velho demônio, que sentado no chão, ri bastante da reação que causou ao príncipe. Depois de recuperar-se do susto o príncipe saca de sua espada.

“Quem é você criatura medonha, o que fizeste com aquele anjo?”

“Fique tranquilo meu soberano, a menina está onde sempre estive.”

“Ainda não me disseste teu nome e a que vens?”

“Garanto que se quisesse poderia me fazer perguntas mais úteis.”

“Teu cheiro me enjoa e sinto algo de maligno em tua presença.”

“Podes encontrar porções de meu cheiro e de minha presença dentro de ti... por isso é bom não vasculhar muito, senão acabará não conseguindo conviver consigo mesmo.”

“O que queres?” diz o príncipe irritado.

“Estou aqui para te escutar.”

“Há pouco era um anjo de bondade que me oferecia os ouvidos para que eu falasse de minhas dúvidas...”

“Que diferença faz a aparência de quem te escuta?”

“Não confio em você.”

“Olhe para o chão, veja teu corpo dormindo, não se esqueça que aquele anjo é tão real quanto eu. Que espécie de nobre é o senhor, que em terras desconhecidas julga os outros apenas pelas aparências? Se quiser pode se afastar para me contar o que quer, assim meu cheiro não te incomodará.”

“Você é muito astuto e vai acabar conseguindo o que deseja.”

“Talvez seja vossa majestade, que o tempo todo desejou que eu estivesse aqui para escutá-lo, e secretamente arquitetou uma maneira de me fazer presente.”

“Maldito! Acha que se eu quisesse abrir meu coração escolheria algo como você?”

O príncipe saca novamente de sua espada:

“Não me custa nada te cortar em pequenos pedaços fedorentos de carne vermelha.”

O demônio começa a se afastar em direção da escuridão.

“Se fizesse isso o príncipe estaria furando todos os tímpanos capazes de escutar a voz de teu coração.”

O príncipe percebe que o demônio começa ir embora e desespera-se.

“Escute aqui, peço-te perdão pelas ofensas. Não se vá, preciso de você, de tua voz e de teus ouvidos, de tua cor e teu cheiro. As chamas da fogueira logo se extinguirão e então só sobrarão eu e a noite.”

O demônio continua se afastando de costas, sem dizer uma palavra e com um sorriso no rosto, até sumir completamente.

O príncipe parece inconsolável, olha para o céu coberto de estrelas mas elas só parecem aumentar seu desespero. Volta-se para o fogo, e por um instante parece querer atirar-se dentro das chamas. Acaba deitando-se ao lado da fogueira e encolhendo-se em posição fetal.

Um contra-regras vestido de preto para não ser visto, apaga as chamas com um balde de água e a apresentação teatral acaba.

Ainda no escuro o casal aplaude com entusiasmo. O ator que interpretava o bobo da corte se encarrega de acender novamente o fogo e em pouco tempo o grupo volta a ser iluminado pela luz vacilante, que se ergue contra o peso da escuridão. O diabo ainda maquiado senta-se sozinho em um canto para fumar cachimbo. A menina loirinha, já sem asas, dorme no colo de sua mãe. Os outros atores estão comendo e bebendo ao redor da fogueira.

O homem e a mulher que formavam a plateia parecem deslocados da comunidade de atores que conversam animados. O homem resolve se aproximar do grupo:

“Bela apresentação, o fogo ajuda a criar o cenário e completa o texto.”

“O fogo, as estrelas, o cheiro da mata, o barulho dos animais. Nós sempre nos apresentamos ao ar livre, e nunca um espetáculo é igual ao outro.”

“Quer dizer que vocês modificam o texto?”

“Não possuímos roteiro fixo, apenas um esqueleto geral, com algumas situações, possibilidades cênicas e personagens simbólicos... cada noite a história decide de que maneira vai se contar, os encaixes nunca são os mesmos, mas no final nada fica sem seu devido complemento. Os atores sentem para onde a noite os está conduzindo.”

Enquanto os atores convidavam o casal para um brinde, o homem reparava na figura solitária do diabo, que continuava fumando seu cachimbo e olhando para a mata escura. Os olhos da mulher se fixavam na criança que dormia. Enquanto isso ela se lembrava do enredo da peça “... quando acordas deixo de existir, mas ao mesmo tempo continuo sendo eu mesma, e talvez um pedacinho de mim te acompanhe durante todo o dia.”

Um dos atores começou a tocar um bandolim e outro um pandeiro, duas mulheres cantavam uma canção circular que parecia não ter começo. Todos se serviam de grandes doses de aguardente, e alguém jogou algo na fogueira que fez o fogo crescer até a altura de dois homens. Essa explosão de luz revelou todos os detalhes dos rostos que a maquiagem escondia. O mesmo aconteceu com os ânimos, que por causa da bebida perderam todos seus disfarces, mostrando os contornos menos aparentes. Enquanto a euforia não o contaminava por completo, o homem se lembrou do que um dos atores havia lhe dito, cada dia eles encenavam uma peça diferente, utilizando-se apenas de alguns produtos básicos, mas no final a receita acabava-se

provando comestível, não importando a ordem dos ingredientes.

Depois disso a embriaguez apagou qualquer continuidade nesse raciocínio. Pela manhã algumas brasas ainda brilhavam onde antes arderam as grandes chamas. O homem acordou com dor de cabeça e levou algum tempo até conseguir se localizar. Os atores ainda dormiam mas já estavam despídos de seus figurinos. Caminhou por entre eles, e apenas por algumas manchas avermelhadas na testa foi que reconheceu o ator que representava o diabo.

A mulher, entretanto, já estava acordada e olhava fascinada os desenhos da carroça. Ele adivinhou que tipo de ideia passava por sua cabeça. Eles trocaram olhares sem se falar. Aos poucos os atores foram acordando. A ressaca era visível em seus olhos, os movimentos eram lentos e muita água foi consumida.

Pela primeira vez desde a chegada dos visitantes o homem se sentiu incomodado. Sem aviso afastou-se dos outros e embrenhou-se na mata. Caminhou sem direção e sem medo de se perder, até encontrar uma curva do riacho que ainda não conhecia. Passou quase todo dia lá, comendo frutinhas e deixando o pensamento borbulhar sem destino. No final da tarde voltou para o acampamento e não ficou muito contente quando percebeu que a trupe de atores ainda estava lá. O fogo ardia e um caldeirão borbulhava sobre ele. O ator que representou o príncipe recebeu-o com entusiasmo.

“Venha servir-se, como sabemos que vocês não comem carne preparamos um cozido vegetariano. Peço desculpas ao senhor, nem pedimos licença para ficar mais um dia, mas deve ter percebido que acordamos tarde... e longe de estarmos bem dispostos.”

“Não se preocupem, como já disse, a floresta é tanto minha como vossa.”

“Hoje dormiremos cedo e logo que o sol raiar seguiremos nosso caminho.”

A noite caiu e o ator que interpretara o bobo da corte começou a fazer malabarismos com algumas bolas coloridas de madeira. Tinha grande habilidade e conseguia fazer girar até cinco bolas ao mesmo tempo. Um outro ator iluminou a noite com uma apresentação onde cuspiu e engolia fogo, depois disso vieram algumas canções, um pouco de dança e bebida, em quantidade bem menor que na noite anterior. A dona de uma das duas cabanas parecia uma das mais animadas e dançava puxando pela mão a criança loira. Seu companheiro de acampamento parecia inicialmente um pouco deslocado, sem compreender qual seria a origem daquela alegria, mas acabou se contaminando pela alegria sem muito refletir. Uma única ideia lhe atravessou, o ator havia lhe dito "... logo ao raiar do sol seguiremos nosso caminho." aquela frase repercutiu e transformou-se, o riacho de pensamentos fez várias curvas até desaguar num lago tranquilo: desde que instalara-se na clareira aquela era a primeira vez que voltava a perceber o fluxo do tempo. A calma das águas durou apenas um instante e logo o barulho das canções e a bebida alcoólica dissolveram sua percepção, e ele acabou se tornando o mais animado participante da noitada, conseguindo estender as canções até quando todos os atores já tinham o cansaço estampado no rosto, e acabaram um a um adormecendo no exato lugar onde estavam.

No dia seguinte o homem acordou quando o sol marcava a metade do dia. Olhando ao redor não viu ninguém, mas se decepcionou quando percebeu que a carroça dos atores estava estacionada no mesmo lugar. Caminhou na direção do riacho e quando estava se aproximando escutou as vozes dos atores. Decidiu então ir no sentido oposto, escolheu um lado onde a mata era mais fechada e ele raramente ia. Levou um grande susto quando com o canto dos olhos percebeu um vulto. Era sua companheira de acampamento que ou estava mentindo, ou estava lá para colher frutas silvestres. Ela desconfiou que ele buscava o

isolamento pelas mesmas razões. Nenhum dos dois soube muito bem o que dizer ao outro. A dissimulação os fez procurar pequenas justificativas em forma de descobertas alimentícias. Alguns fungos e frutinhas suspeitas de veneno foram colhidas com entusiasmo para depois serem ignoradas. O que restou a ambos foi o retorno para o acampamento. Aguardavam-nos a trupe artística. Depois de se refrescarem eles se preparavam para partir. Todos ajudavam a guardar os utensílios domésticos e material cênico. Fizeram questão de limpar todo o terreno procurando deixá-lo exatamente como o encontraram.

Quando os cavalos já estavam atrelados e a trupe pronta para se despedir, a mulher percebeu que o sol entrava no seu quarto descendente, então sugeriu que o grupo esperasse novamente pela manhã, pois a noite não tardaria a chegar e aquelas árvores eram um perigo para as rodas das carroças. Meio a contragosto o grupo concordou. Nesse instante o homem pareceu engolir algumas emoções e seu rosto conseguiu não transmitir nenhuma delas.

Os atores fizeram descer apenas o suficiente para uma noite, lia-se nos rostos de alguns que preferiam prosseguir. Algum constrangimento foi gerado de ambas as partes, e desde que chegaram nunca o acampamento havia parecido algo tão privativo.

O homem percebeu que se seu rosto continuasse sem demonstrar emoções, isso apenas tornaria a noite mais longa e embaraçosa, por isso forçou alguns sorrisos que custaram a vingar e nunca pareceram verdadeiros.

A mulher conversava com todos os membros da trupe e seu sorriso genuíno compensava a figura desconfortável do homem, e tornava o ambiente mais leve. Alguma comida foi providenciada e a fogueira acesa. A noite chegou cheia de estrelas e o grupo dividiu-se em dois. De um lado o homem e a mulher, as mulheres

da trupe e as crianças, do outro todos os atores. A um dado momento as atrizes foram chamadas para participar da conversa e o homem e a mulher ficaram sozinhos, sem se falar, acompanhados apenas pelas crianças.

O grupo debateu algum assunto, e pelas expressões faciais e corporais parecia haver opiniões discordantes. Depois de algum tempo chegaram a um consenso, os discordantes engoliram suas escolhas e um dos atores se aproximou do casal. As crianças pareceram entender o que estava acontecendo e correram para suas mães.

“Senhora e senhor, as circunstâncias acabaram fazendo com que permanecêssemos mais um dia ao vosso lado. Para nós é um grande prazer, mas percebemos e compreendemos que perturbamos suas privacidades. Gostaríamos de vos propor uma compensação pelo desconforto, e o que temos para oferecer é o que está ao nosso alcance. Giraremos a roda das circunstâncias para ver o que o teatro deseja vos contar essa noite. Vocês poderão comparar com a apresentação anterior e tirar suas conclusões, isso se desejarem... peço que aceitem nossa humilde oferenda.”

A mulher aplaudiu efusivamente e disse que seria um imenso prazer assistir a uma segunda apresentação. O homem repetiu as mesmas palavras que ela mas com a metade do entusiasmo.

Dessa vez todo o processo foi bem mais ágil, os atores se vestiram rapidamente e pouco se maquiaram. Os personagens pareciam ser os mesmos da apresentação anterior, mas ficava claro que suas personalidades não precisavam de tantos detalhes externos para serem compreendidas, tanto que o diabo tinha o rosto liso com apenas dois traços vermelhos pintados em cima das sobrancelhas. A criança usava o mesmo vestido com que passara o dia todo, e muitos detalhes do figurino de vários atores foram abolidos.



Antes da representação começar a mulher se perguntou, se caso eles não tivessem assistido à representação anterior, essa ausência de marcas mais fortes nos personagens influenciaria na compreensão do espetáculo. Depois ela se lembrou que conforme o prometido, o que estavam prestes a assistir era outra peça “...giraremos a roda das circunstâncias para ver...”

Os atores se ausentaram. Um contra-regras entrou e acendeu uma pequena fogueira, bem menor do que a da noite anterior mas que era suficiente apenas para que a plateia conseguisse enxergar a fisionomia e uns poucos contornos dos atores. Após alguns instantes, em que só se viam as chamas consumindo a madeira, entra a atriz que na apresentação anterior havia interpretado a princesa. Dessa vez ela veste uma túnica transparente que lhe deixa os seios à mostra. Aproxima-se da fogueira e apesar da pouca luz, a plateia consegue perceber exatamente o que ela está sentindo. Seu rosto fala de uma dor causada por um mal eminente, mas que ainda não aconteceu. A impotência pesa-lhe sobre os lábios e sobranceiras. Ela afasta-se da luz e deixa com que a túnica que veste caia. Nua, abaixa-se e apanha um objeto que a escuridão encobria. Sentada no chão manipula-o sem que quem assiste à peça consiga identificar o que seja. O fogo ilumina apenas sua cabeça sem deixar enxergar os traços fisionômicos. O único ruído que se ouve é o pio solitário de uma coruja que o acaso colocou ali para completar a cena.

A mulher se levanta e se aproxima da fogueira, o objeto que encontrou revela sua identidade, uma espada. Ela a empunha e coloca a ponta da lâmina no fogo. Aos poucos seu rosto vai se transformando com o calor que a lâmina transmite, até que ela explode em um grito desesperado que atravessa a floresta e faz até a coruja se calar. Ela solta a espada no chão e espera alguns instantes até conseguir empunhá-la novamente. A ponta da lâ-

mina ainda está em brasa e ela aproxima o ferro avermelhado de seu ventre. Seu rosto novamente se transfigura, seu maxilar treme e seus olhos escorrem.

“O que fazer com um ventre inútil, incapaz de gerar descendentes para um reino? Devo destruí-lo para que outra tome meu lugar e cumpra a missão que me foi destinada, e para a qual fracassei? Devo atravessar-me com esse ferro incandescente, transformando dor em generosidade, renunciando a meu papel de viva para que um império ganhe vida?”

A atriz deixa cair a espada no chão e olha a mão que a empunhava, seus dedos tremem.

“Minha carne já foi ferida pelo calor das chamas. Não consigo fechar a mão... será o destino me dizendo que não devo mais empunhar espadas?”

O ator que na representação anterior viveu o diabo entra em cena. Dessa vez, apesar de menos maquiado tem uma aparência mais envelhecida, suas costas estão bastante arcadas e ele se apóia numa bengala. Todo seu corpo se comporta como se estivesse chegando ao limite de seus dias.

“Minha querida, percebo que teu sofrimento é tanto que engoliu até teu pudor.”

“Minhas dúvidas queimaram a palma de minha mão e não poderei mais fechá-la.”

“Mãos sempre abertas são vistas por aí como sinal de bondade e amizade. Mas advirto à moça: as almas que normalmente fazem esse julgamento, são sempre as mais pálidas. Entretanto estou certo de que o tempo se encarregará de fazer com que seus dedos voltem a se fechar.”

“Não desejas saber quais foram as dúvidas que me conduziram a tal desespero? Quando tinha minha idade também

sofrias? O que aconteceram com tuas angústias da juventude, escorreram junto com o viço de tua pele? Quem és tu afinal?”

“Quantas perguntas minha querida, não sobrecarregue um velho homem com um fardo maior do que pode carregar. Minha memória não é das melhores, mas vou procurar não te deixar sem respostas. Já sei o que te aflige, pois não existem duas razões para o sofrimento humano, o que há são muitas máscaras diferentes para encobrir um mesmo velho rosto. E esses disfarces não me interessam de forma alguma. É claro que tenho as mesmas lágrimas que você e elas já escorreram até se transformarem em poças que transbordaram formando lagos. Mas não sei se algum dia tive sua idade.”

O velho termina sua fala, sorri para a mulher e lentamente começa a se afastar em direção à escuridão. Ela parece confusa, mas já não carrega no rosto a expressão de sofrimento.

“O senhor esqueceu de me responder uma pergunta.”

“Fiz de propósito. Meu nome você terá de descobrir.”

Dito isso o velho desaparece e entram as damas de companhia da princesa, que a vestem com o mesmo vestido real da apresentação anterior. Também entram em cena dois contra-regras que improvisam um trono e mais duas fogueiras que ajudam a iluminar o ambiente.

O príncipe entra e se instala em seu trono, alguns ajudantes de ordens ajoelham-se em respeito, ele irritado pede que imediatamente se levantem.

“Por favor, não aumentem o fosso que me separa da humanidade e que não sei se é real. Gostaria de vê-los colocados por apenas um dia em minha condição, depois disso, quando voltassem a serem súditos, perceberiam como seus olhos estariam mudados quando encontrassem os meus.”

A princesa aproxima-se e os serviçais se afastam.

“Minha querida, vejo pelo teu semblante que ainda não me trazes a boa notícia. Mas não deves se inquietar, quando menos esperarmos os céus nos abençoarão com um herdeiro. Sofres apenas porque não consegues enxergar o bem que te espera.”

“Da mesma forma estou cega para os males que o futuro me reserva. Decidi que sobre meus ombros não deve pesar o fardo do fracasso. Se essa criança não vier esse peso se transformará em escolha e pesará sobre vossos ombros: ou desiste de ter um herdeiro ou escolhe alguém capaz de te dar um, dessa forma livro-me da culpa. Meu desejo de ser mãe talvez seja maior que o teu de deixar um descendente, mas a obrigação de parir uma cabeça coroada é carga inglória. Talvez alguma força escondida dentro de mim esteja lutando para que ou quem nasça seja uma simples criança despida de qualquer ornamento, ou então não nasça ninguém.”

“Fique tranquila, você não deve carregar nenhum peso inútil. Tuas palavras são combustível perigoso para o fogo de minhas dúvidas, é verdade que desejo um descendente, mas...”

O príncipe é interrompido pelo bobo da corte.

“Vossas majestades sabem quando é possível enxergar o sol e a lua ao mesmo tempo? Somente quando o casal real está próximo um do outro, como agora. Nesses instantes as luzes opostas se complementam formando a mais agradável das penumbras.”

O príncipe parece não gostar de ter sido interrompido e continua se dirigindo à princesa como se o bobo da corte não existisse.

“... mas não sei mais a razão pela qual desejo essa criança. Se mergulhar fundo em busca de uma resposta sincera provavelmente voltarei à tona coberto de lama. É difícil querer algo desconhecendo completamente a justificativa desse desejo. Mas tenho uma suspeita, talvez essa lama que encobre a verdade se chame egoísmo.

Percebo que nossa carne, que os vermes devoram e o fogo derrete, é até matéria bem resistente se comparada com a que re-

veste as camadas escuras de nossas vontades. Sou tão fraco, que mesmo sabendo que meu desejo pode estar baseado em razões vazias, continuo me aferrando a ele como se nenhuma suspeita existisse.”

A princesa baixa os olhos e o casal permanece em silêncio, os criados percebem o momento de intimidade e saem de cena.

“Pode ser que eu também desconheça o oceano escuro que há dentro de mim, mas até onde meus olhos enxergam a razão pela qual desejo um filho, se parece muito com o verdadeiro amor. Talvez escondido sob essas formas brilhantes se encontre o animal peçonhento chamado medo. Quero um filho para amar o que nele existe de humano, e não sua cabeça coroada. Temo que o ouro e os diamantes ofusquem a luz da alma dessa criança que ainda não existe, e que o amor que hoje enxergo, se transmuta em egoísmo, e eu passe a adorar o que em meu descendente existe de menos generoso, apegando-me à forma e ao símbolo e esquecendo-me da essência.

Sou composta de várias camadas, e elas parecem correntes marítimas que fluem em direções conflitantes, a resultante sou eu, dúvidas e dores...”

“Você não sabe o peso que tem essa coroa que o acaso plantou em minha cabeça e pela qual multidões dariam suas vidas. Eu, ao contrário, daria tudo o que a providência me pedisse para me livrar desse fardo e tornar-me um simples mortal. Também em minhas profundezas moram várias camadas de medo, e elas têm muitas cores, cheiros e aparências.”

O príncipe fica de pé, caminha ao redor do trono e o derruba com um chute. A menina loirinha atravessa correndo o espaço cênico, o príncipe está de costas e não a percebe, a princesa a vê de relance.

“Um pequeno anjo dourado passou bem atrás de você...”

onde terá ido? Será uma alma nobre querendo nos avisar que está chegando?”

“Minha querida, não vi ninguém... mas não duvido de tua palavra. Talvez os tempos de mares agitados estejam terminando e os anos pela frente nos tragam as águas serenas de uma lagoa.”

Entra vagorosamente em cena o velho diabo. Sua simples presença muda os humores do príncipe, cuja fisionomia se contrai manifestando estranheza.

“Desculpe-me senhor, mas um homem da sua idade não deveria caminhar sozinho pela noite. A escuridão encobre muitos perigos...”

A princesa interrompe:

“Eu já o conheço, e pelo que percebi ele está muito adaptado a esses caminhos e à falta de luz.”

O velho depois de tossir bastante:

“Agradeço sua preocupação, mas posso garantir à vossa majestade que estou preparado para qualquer eventualidade, mesmo que elas representem o final de minha existência.”

“Se nada temes, pergunto como poderia lhe ser útil? Se tenho minha cabeça coroada pela tradição, o senhor tem a sua glorificada pelas marcas do tempo. Se alguém aqui deve tratar o outro por majestade, não é o senhor.”

A princesa intervém:

“Esse senhor é um sábio. Tem respostas para perguntas que até desconhecemos. Talvez ele possa nos ajudar com nosso dilema. Diga-nos por favor, por que os céus não nos mandam um descendente? Quanto há de generosidade em nosso desejo de segurarmos uma criança nos braços?”

O velho tem novo ataque de tosse e o príncipe levanta do chão o trono, e convida o ancião para que sentado se recupere melhor.

“Obrigado por sua gentileza para com essa velha alma. Já estou me sentindo um pouco melhor. Esse trono é bastante confortável e parece se adaptar bem às curvas de meu corpo.”

Depois de recobrar as forças o velho permanece calado, a princesa também calada parece ansiosa para recomeçar a conversa.

O príncipe quebra o silêncio:

“O senhor não preferiria entrar e deitar-se, temos muitos quartos em nosso palácio.”

“Agradeço a preocupação, mas me sinto muito bem instalado aqui, apesar de saber exatamente como são confortáveis os aposentos do palácio.”

A princesa aproveita que o velho está melhor e volta a questioná-lo sobre suas dúvidas pessoais:

“O senhor poderia me dar sua opinião sobre nossa situação, sem muito nos conhecer, baseando-se apenas em sua experiência e intuição, o que há de verdadeiro em nosso desejo de reprodução?”

“Meus queridos, essa confiança que depositam em meus cabelos brancos me comove. Entretanto a única verdade que poderia vos contar se refere a uma pergunta que deixei sem resposta no primeiro encontro que tive com a senhora.”

“Refresque-me a memória, me recordo que o senhor desapareceu na escuridão levando junto um enigma.”

“Antes de relembrar e saciar tua curiosidade preciso contar uma história que se refere a esse fato.”

“A qual fato, ao nosso futuro? À resposta que ficou faltando? Será que o senhor poderia ser mais claro?”

O príncipe intervém:

“Deixe esse senhor se explicar. É sábio aquele que cultiva a

paciência e permite ao outro desenrolar o novelo da lógica.”

“Entendo a impaciência da princesa, por isso procurarei ser ágil e preciso no que tenho a dizer. Agradeço ao príncipe por sua compreensão e boa vontade, entretanto, temo que a lógica não estará muito presente em meu relato, e caso esteja, será de uma qualidade tão refinada que nunca consegui aprisioná-la entre meus dedos.

Da mesma forma que as noites sucedem os dias, acontece também exatamente o contrário. O tempo não é como um rio que flui em apenas uma direção. Como disse, não quero me alongar, mas essa explicação inicial é fundamental para que consigam compreender o que tenho a dizer.

Boiamos nesse mar sem água ou bordas, cujas correntezas são tantas que até parecem nenhuma. Os céus, como duas mãos ocas, completam a esfera que nos envolve. As estrelas são pequenas mentiras brilhantes, pois parecem degraus de uma escada que não existe. Nesse inóspito panorama reconhecemos nossos reflexos, somos a luz rebatida pelas trevas, uma pergunta que não tem sujeito ou razão. Mas que insiste em perguntar-se. Assim como com o vício, funcionamos nos alimentando de nossas próprias sobras, reconhecemo-nos como tudo aquilo que não é o que não tem fim.

No reflexo imperfeito que somos e enxergamos, há sempre figuras e sentimentos incompletos.

Dito isso, volto àquela questão que por mim não foi respondida no primeiro encontro com a princesa. De todas as perguntas que me fizeste, a única que não respondi foi “quem és tu?”. Asseguro-lhes que pouca importância teria a mera revelação de meu nome. Mas há algo que os chocaria e que está muito relacionado com as perguntas que a princesa me fez sobre egoísmo, reinos e descendentes. Garanto que não é algo fácil de ouvir, portanto se quiserem



ainda há tempo de interromper essa conversa por aqui.”

A princesa, muito nervosa:

“Por favor prossiga, depois de tudo o que dissestes se parar agora meus nervos explodirão.”

“Como queira. O que tenho para dizer é que me sinto perfeitamente acomodado nesse trono. Isso porque esse é meu lugar de direito. Não há um pingo de arrogância ou presunção nessa afirmativa. Tanto o primeiro quanto o segundo encontro que estamos tendo, são frutos de algum acidente, um transbordamento no mar sem margens. As correntezas fluíram em direções opostas, mas dessa vez houve um choque, duas ondas se encontraram, e essa conversa que estamos tendo é como se fossem as espumas dessa colisão.

Não há nenhuma razão para dúvidas ou inquietações, o destino já respondeu a todas essas perguntas. São apenas seus olhos que não conseguiram entender o idioma em que ele escreveu.

Meu príncipe, minha princesa, não sei dizer nada sobre se vosso desejo de reprodução tinha razões nobres ou mesquinhas, o que posso lhes garantir é que essa vontade já se cumpriu.

Como é estranho esse mundo, que cria regras naturais, mas de vez em quando as inverte. É por isso que no início de meu discurso disse que se alguma lógica existir no que vou revelar, ela é mais volátil do que o ar que respiramos.

O acaso, o vazio, ou alguma inteligência perversa, conseguiu colocar frente a frente um jovem casal e um homem velho, que vem a ser filho desse homem e dessa mulher.

Por direito legítimo a mim pertence esse trono.”

Ao ouvir essa última frase a princesa desmaia e a peça se encerra.

Ao contrário do que aconteceu na primeira apresentação,

o casal de espectadores não aplaudiu logo que a peça acabou. Não porque desgostaram da encenação, mas porque demoraram a deglutir a parte final. O homem finalmente aplaudiu, mas a mulher continuou imóvel.

Os atores agradeceram meio constrangidos, pois pelo entusiasmo da pequena plateia parecia que essa apresentação não havia agradado tanto quanto a anterior. A noite se encerrou sem muitas conversas, e logo após a encenação tanto a trupe quanto os moradores foram dormir. Os atores, acostumados a receber aquele fluxo emocional cotidiano, tempestade que a cada dia tinha uma intensidade e vinha de uma direção, estavam exaustos e mergulhavam em sonhos repletos de consequências esdrúxulas. O homem e a mulher, cada um em sua cabana, custaram a pregar os olhos. Ambos repassaram mentalmente todo o enredo da peça, reviram todos os acontecimentos desde a chegada dos atores, e acabaram voltando até o momento em que decidiram entrar na floresta. Depois que o homem adormeceu, a mulher ainda se lembrou de alguns acontecimentos do período onde ainda morava no vilarejo. Tanto ele quanto ela procuraram relações entre pessoas, períodos e ideias. Ninguém conseguiu nada.

Apesar de ter adormecido antes, ele se levantou bem depois dela. Os atores já estavam todos de pé e tomaram cuidado para não os acordar. Um deles, só depois que viu que o casal estava de pé, é que começou a rachar lenha. O dia já havia passado da metade e duas mulheres terminavam de preparar uma refeição. O homem sentou-se no meio dos atores, respondia perguntas e sorria sem convicção, a mulher parecia menos confortável do que nos dias anteriores, tratou com delicada frieza até mesmo as crianças. As tarefas domésticas e conversas ocuparam a última parte do dia, e a noite trouxe uma lua cheia prateada, que todos quiseram ver refletida nas águas do lago. Essa visão teve efeito

calmante, e tanto o homem quanto a mulher quando voltaram para o acampamento, pareciam livres de algum peso oculto.

Depois que todos foram dormir, a mulher continuou caminhando pelo acampamento, procurava a lua escondida entre o topo das árvores. Entrou na parte mais fechada da mata, os animais gritavam sons noturnos, mas ela não teve medo. Uma leve brisa soprava canalizada pelos grandes troncos, mas ela não sentiu frio. A grande bola prateada brincou de esconde-esconde, sendo cada vez encoberta por uma espécie de escuridão, até que ela decidiu que seus olhos já tinham visto luzes suficientes por aquele dia.

As manhãs pareciam não existir, de tão transparentes que eram, passavam quase despercebidas pelos sensores humanos que registram a passagem do tempo. Aliás, essa percepção parecia meio adormecida, quando acontecia algo, era normalmente depois que o sol já havia percorrido metade de seu caminho, então suavemente sentiam o sopro da brisa dos dias. Às vezes essa revelação emendava-se com algum pensamento sobre o que já fora vivido, em outras ocasiões virava um suspiro vazio, relacionado com o que ainda não acontecera. Mas esses instantes eram muito fugazes e passavam despercebidos para quem os via de fora. Para quem os vivia eram voláteis, logo se transformavam em alguma ideia cotidiana.

Assim que acordou o homem viu que alguns atores jogavam uma espécie de xadrez com peças gigantes. Eles o convidaram para participar, mas ele recusou. Caminhou até o riacho apenas pensando em se lavar. O córrego borbulhava seus ruídos relaxantes, isso ajudou ao fio condutor de pensamentos fluir sem barreiras. O tempo lambeu os cantos de seu rosto e ele acumulou saliva na boca. Cuspiu com vontade e ficou observando algo seu sendo levado embora pelas águas.

A boca seca lhe trouxe uma pergunta: por que os atores não tinham ido embora ontem? Hoje pela manhã não davam nenhum sinal de que estavam se preparando para viagem. Voltou para o acampamento e recusou novamente o convite para jogar. Dois homens enfrentavam-se nessa disputa e os outros tinham se dividido em dois grupos que aconselhavam os movimentos das peças de madeira, que tinham o tamanho de uma cadeira. Antes de entrar em sua cabana o homem observou de longe a movimentação, tentando entender a lógica daquele jogo. Não se tratava do xadrez clássico, mas eles haviam delimitado o chão em forma de quadrilátero e algumas peças lembravam um peão e uma torre. Entretanto, nessa disputa as peças se moviam com muito mais liberdade, obedecendo à regras que não pareciam seguir nenhuma lógica. Havia também outras peças que não pertenciam ao jogo tradicional, como um bode esculpido em madeira e pintado de dourado, uma mulher no exato momento em que dá a luz, um grande pênis ereto, e algo que lembrava uma minúscula representação de um cemitério.

Todos eles, inclusive as crianças, pareciam conhecer muito bem as regras desse jogo, e por catarse, acabavam se tornando jogadores, mesmo que fossem somente dois aqueles que movessem as peças.

O homem sentiu vontade de pedir uma explicação para alguém, acabou desistindo pois percebeu que se compreendesse o jogo, acabaria sendo encaixado em um dos dois grupos rivais de torcedores. Escolheu a independência de sua cabana. De lá, pode enxergar sua companheira de acampamento passeando indecisa sem se aproximar dos jogadores. Ela circulou o grupo até desaparecer em sua casinha.

A mulher estava confusa, sentia-se como se muitos braços a puxassem para direções opostas. Muitas vezes durante sua vida

experimentou essa sensação, mas nas outras ocasiões conhecia os braços e para onde eles desejavam conduzi-la. Dessa vez era tudo mistério, e com ele, ela não estava acostumada a conviver. Seu mundo tinha a forma de uma angústia, que se manifestava contraindo levemente os cantos de seus lábios.

O homem viu quando ela saiu bruscamente de sua cabana e parecia caminhar com decisão para um dos lados da torcida. Ela ficou lá, rodeada de gente, mas sentindo o mesmo que quando estava sozinha. Diante dela, palavras e imagens eram atos vãos. Guardava-se dentro de sua canastra impenetrável, que boiava no mar e começava a receber água pelas frestas. Ao mesmo tempo, uma grande curiosidade a inundava. Se algum dia ela escolhesse uma direção para onde caminhar, se conseguisse se desvencilhar desse tubo de madeira que sempre a circundou, qual seria o sabor desse novo mundo? Era essa a substância que conseguia empurrar-lhe para frente os dias, não tornando intolerável o estado de confusão em que vivia. Ela tinha essa lanterna, a escuridão sempre seria maior que sua luz.

O homem conseguiu enxergar quando ela deixou que o grupo entretido continuasse se distraindo com o jogo e embrenhou-se na floresta. A impressão que ela carregava em seus traços era a mesma que ele notou no primeiro instante em que a viu. Conseguiu condensar em uma palavra essa sensação: ausência. Ele refletiu sobre essa condição, primeiro formulou mentalmente uma frase “ela estava, mas não era”. Depois percebeu que havia passado longe de qualquer verdade e que o que enxergava nos olhos da mulher, ou deixava de enxergar, não poderia ser condensado em palavras.

Ela, por sua vez, e pela primeira vez, começou a sentir enquanto caminhava pela mata, o mesmo que quando caminhava pelas ruelas de seu antigo vilarejo, isso na época que ainda era

habitado. O que parecia ter acontecido é que as pessoas tinham se transformado em árvores. Sentiu a mesma falta de conexão que na cidade sentia com as pessoas. Procurou por uma palavra com a qual pudesse nominar sua relação com o mundo... antes de gritar, porque alguma coisa parecia que cavava uma fossa de angústia dentro do lugar que, atrás de seu rosto, ela normalmente reconhecia como sendo ela mesma, conseguiu apelidar o elo da corrente que a amarrava com a realidade: alheia.

Essa definição imprecisa aliviou momentaneamente suas dores, colocando-a num estado semi anestésico. Olhou para as árvores e não enxergou pessoas, nem temeu que um dia acordasse e elas tivessem todas ido embora. Seu raciocínio tomou um caminho prático: o surgimento da trupe de atores havia quebrado a rotina que ela criara e que tinha por função aquietar seus medos. Ela olha para o lado e vê que o homem está a poucos passos de distância. Aproximou-se sem fazer barulho e a contempla com curiosidade. Ela sustenta o olhar e ele faz o mesmo. Nenhum dos dois diz nada. O que se lia nos olhos se dissolve, os olhares entram em comunhão. Mas o que era compartilhado parecia ser a palavra com a qual ela definiu sua relação com a vida: eles alheios, cheios de alheamento, com olhos dispersos, brilhantes, mas nem por isso cheios de vida, trocam esse olhar repleto de substância invisível. Ela parece que o arrasta para sua condição. Num primeiro momento ele se entrega, mas depois, agarrando-se nas palavras, reage:

“Estava preocupado com você. Desde que os atores chegaram venho te sentindo meio esquisita”.

“E não achou estranho o fato de ter me encontrado sozinha caminhando por uma floresta? Tenho um lado obscuro que às vezes precisa ser iluminado. Essa luz retiro de minha metade mais evidente. Sou o que sempre fui.”

Os dois voltaram em silêncio para o acampamento, raios inclinados de sol atravessavam as copas e incomodavam os dois pares de olhos, que agora estavam mergulhados no mundo prático: desviar de obstáculos, esclarecer dúvidas, planejar o futuro... e quanto ao futuro, várias camadas dele se acumulavam... ele era o próximo passo, a noite que se avizinhava e todos os graus de mistério que o mundo escondia. E por cada uma dessas categorias pagava-se a correspondente taxa em medo.

Uma luz magnífica os esperava no acampamento. Coloria tudo de uma amarelo-movimento que só parece existir nas asas de alguns pássaros. Os dois pares de olhos práticos assimilaram essa beleza transformando-a em sutil otimismo. Os cérebros amarraram esse instante com alguns momentos semelhantes já vividos. Alguns atores jogavam cartas, outros preparavam o jantar ou descansavam, mas todos eles flutuavam dentro dessa esfera de luz que deixava todas as coisas mais suaves.

Mas da mesma forma que o pássaro de asas amarelas voa sem avisar, a luz mágica se transformou no lusco-fusco tradicional de fim de tarde. Todas as coisas perderam o brilho colorido e a noite avolumou-se. O instante morto levou consigo todas as recordações de si mesmo, e os dois se perceberam no meio dos atores. Formava-se, tanto nele quanto nela, uma falsa memória. A recente rotina de convivência com os atores tentava convencer os dois que isso acontecia desde sempre. Por estranhos caminhos mentais, as pilhas de recordações que compunham a vida daquele homem e daquela mulher, pareciam que tinham sido levadas embora por um vento-memória que deixava semi-intacto o período depois do qual entraram na floresta, e perfeitamente preservado, brilhando em cores vivas e latejando como veia ferida, o momento quando começou a convivência com os atores.

Mas essa eternidade mentirosa carregava consigo o desejo

de mudança. A rotina trazia escondida sua própria sentença de morte. O jantar foi servido mas os sabores pareciam carregados de repetição. Homem e mulher comeram em silêncio e durante toda a refeição as poucas palavras que se ouviu foram das mães com as crianças. Quando os pequenos adormeceram o único som que quebrou o constrangimento do silêncio foi o que vinha da floresta. O mundo piava enquanto as estrelas piscavam. Afora isso, muitos pares de olhos buscavam o chão, a mata, o fogo, mas principalmente procuravam não encontrar com outros olhos. Mas havia exceções, o homem e a mulher não se incomodavam que seus olhares cruzassem outros, na realidade nem percebiam esse encontro. Estavam distantes, encapsulados em mundos que misturavam muitas realidades, menos aquelas que seus corpos faziam parte.

Constrangidos com a audácia desses olhos que não temiam confronto, os atores foram um a um se recolhendo. Sobrou o casal, que depois de trocarem olhares vazios, acabaram fixando-os na fogueira. Hipnotizados, adormeceram ali mesmo.

Sete manhãs e noites sucederam-se com quase nenhuma mudança na rotina do acampamento. Aquela pequena sociedade começava a se solidificar. As pessoas assumiam seus papéis cumprindo suas obrigações. As engrenagens giravam: um homem se encarregara de buscar água diariamente, outros três de conseguir comida para todo o grupo, as mulheres da lavagem da roupa e preparo da comida, havia também um responsável pela coleta de lenha e outro que era encarregado da vigilância, protegia o sono do grupo contra um eventual ataque de feras. Essa distribuição de tarefas aconteceu naturalmente, não havia alguém que fosse um líder, apesar de o ator que representou o papel de príncipe se ocupar um pouco mais que os outros da organização geral do acampamento e dos problemas individuais



dos atores. Escutava com paciência as angústias e reclamações dos mais variados tipos. Quase nunca encontrava soluções para o que lhe narravam, mas seus ouvidos não deixavam de ser um anestésico leve para aqueles que o procuravam. Sua ocupação principal era a limpeza do acampamento, tarefa que executava com perfeição e sem reclamar. Não se importava também de escutar as dores dos outros, mas sentia que a repetição diária desses desejos irrealizados, frustrações ou mágoas, acabava minando-lhe um pouco suas energias. Parecia que de tanto ouvir males alheios, regava a semente de suas próprias dores. E nesse curto período de tempo, sentiu que brotava dentro de si um pedaço de seu próprio inimigo. Procurava prolongar o máximo que podia a limpeza do acampamento para que não lhe sobrasse tempo para a faxina das almas. Enquanto trabalhava, relacionava os sentimentos que experimentava com os que costumava viver durante as representações teatrais. Ficção e realidade eram filhos da mesma mãe, linhas que algum tear entrelaçava para formar sua vida. Que por sua vez, servia de componente têxtil para outras.

O riacho corria, e o príncipe descobriu que suas águas tinham a capacidade de levar embora parte de suas angústias. Começou a frequentar suas margens, desperdiçando horas apenas vendo as águas fluírem. Nessas incursões eventualmente encontrava os fundadores do acampamento. Cumprimentavam-se, e cada um buscava um canto para ficar sozinho.

As águas da jovem sociedade que se formava não fluíam tão tranquilamente como as do riacho. Havia duas grandes rochas represando os líquidos sociais. Eram o homem e a mulher. Viviam no meio de uma sociedade que não pediram para que fosse criada. As tarefas que anteriormente executavam agora eram realizadas pelo grupo. Comiam as refeições preparadas pelos atores e passavam a maior parte do tempo sem ter nada o que fazer. Por comodidade ou receio, não se encaixaram naturalmen-

te nas obrigações que cada um encontrou para si. Percebiam que era nocivo o fato de não fazerem nada o dia inteiro, mas algo não deixava que assumissem parte do trabalho.

O grupo, entretanto, não lhes cobrava participação, esse direito à abstinência de esforço era uma compensação natural por eles estarem ocupando um espaço que originalmente era só dos dois. Antes da chegada dos atores, durante o dia cumpriam suas tarefas e descansavam à beira do riacho, mas durante a noite passavam longas horas conversando em frente à fogueira. Agora poucas palavras trocavam, parecia que o ruído dos outros ocupava o espaço destinado a suas palavras. Tanto ele quanto ela falavam mais com os atores do que entre si. E mesmo esse diálogo se tornava cada vez mais mecânico. Como nada se perde, apenas se transforma, os novos dias que não paravam de chegar transformaram palavras em olhares. Os olhos dos dois ganharam profundidade e brilhos que antes não existiam, aspectos que por si só poderiam demonstrar ou esconder beleza, medo, desejo, tristeza e esperanças. Os quatro olhos ganharam uma complexidade que antes ficava adormecida. Ele e ela repararam essa mudança no outro, sem perceber que ela acontecia também consigo mesmo.

Só alguns dos atores perceberam que os olhos dos dois estavam mudando, mas acharam melhor não comentar nada, pois um assunto desses é tão volátil, que iriam acabar se sentindo ou ridículos ou mentirosos se mencionassem algo.

Mais algumas manhãs escorreram e as engrenagens sociais pareciam melhor lubrificadas. As duas peças alheias ao funcionamento do mecanismo, continuavam deixadas de lado, e suas presenças pareciam um fato consumado, que em nada atrapalhava o bom êxito da máquina. Homem e mulher também encontraram uma maneira mais confortável de não participarem do mecanismo social. Dividiam seus tempos entre o isolamento na natureza e um convívio amistoso com os atores, onde até tro-

cavam algumas palavras amigáveis, porém nunca indo além de superficialidades. Não eram conversas e sim gentilezas. Distraídos com essas palavras, a maioria dos atores deixou de perceber o brilho misterioso que os dois carregavam nos olhos, mas ele permanecia lá. Talvez um pouco transformado por esse comportamento que foi assumido, mas quem fosse sensível, continuaria percebendo como as luzes mudavam de cor no fundo de suas íris.

O mais sensível do grupo era o ator que representava o príncipe, e já há alguns dias vinha se sentindo incomodado com a situação que haviam criado. Tinham invadido um país e transformado os nativos em estrangeiros. Ele tentava encontrar uma maneira de integrá-los à microsociedade que se formava. Não queria impor nada. Seu desejo não realizado acabou irritando-o. Desviou seu mau humor contra outros membros da trupe, sem que nenhuma gota respingasse nem no homem nem na mulher.

Durante um jantar que aconteceu alguns dias depois, o príncipe propôs ao casal uma velha solução. Como paga pela generosa acolhida, que já durava mais de trinta dias, como humilde pedido de perdão pela quebra de privacidade imposta pelo grupo, a trupe gostaria de oferecer aos dois uma terceira apresentação teatral.

Seguiu-se à proposta um curto silêncio absoluto, que logo foi quebrado tanto pelo homem quanto pela mulher, que falavam ansiosos e completavam um as frases do outro, quase como se fossem a mesma pessoa.

“agradecemos a oferta... muito obrigada... mas me permita declinar da oferta, por favor não se ofendam... não fiquem bravos, isso nada tem a ver com a qualidade das apresentações... muito pelo contrário, eu ainda estou digerindo o conteúdo das

primeiras representações... eu também, uma terceira peça agora diluiria as reflexões que se originaram nas duas primeiras... vocês são muito bons mesmo, se fossem uns meros cômicos que encenam peças leves para dar risadas, poderíamos consumi-las todas as noites que nas manhãs seguinte já teríamos nos esquecido do que foi visto..."

A essas falas seguiu-se um silêncio constrangedor que só foi quebrado quando o bobo da corte deu uma cambalhota próximo da fogueira e fingiu ter se queimado. Saiu gritando e conseguiu extrair um sorriso amarelo de algumas pessoas. Apesar dos elogios e das justificativas a maioria dos atores ficou chateada com a recusa do casal, mas ninguém se manifestou e a noite prosseguiu tensa, cheia de sorrisos forçados.

De todos, o mais contrariado era o príncipe, não estava magoado com o casal, e sim com toda a situação, pela qual se sentia um dos responsáveis. As raízes do organismo social ao qual pertenciam, estavam se desenvolvendo na direção de um rochedo, que acabaria sufocando-as. O tempo trabalhava contra a árvore.

O acaso e o riacho fizeram com que numa manhã os olhos da mulher encontrassem os do homem. Dessa vez, ao contrário do que normalmente acontecia, ninguém buscou isolamento.

"Penso em continuar minha caminhada pela floresta, voltar a ser o que eu era quando você me viu pela primeira vez. Em outras ocasiões penso o contrário, que não tenho mais como abandonar a vida que levo, e que as pessoas que desapareceram de meu vilarejo reapareceram aqui, disfarçadas de artistas. As árvores machucadas que derrubam seiva, podem vir a se transformar nas vacas que terei de ordenhar se todos novamente desaparecerem. Encherei baldes do sangue transparente das plantas, que irão se acumulando até que eu me canse e decida que devo ir para outro lugar. Não são poucos os caminhos que se abrem à minha frente."

“Ao contrário de ti, sinto que as portas me estão sendo fechadas. A amplidão de horizontes que procurei na natureza se reduziu a um cotidiano sem profundidade. Eu havia escolhido, mesmo sabendo que nunca encontraria, dedicar minha vida em busca da verdade. Sinto que por uma simples fraqueza desisti dessa procura, contentando-me se tanto, com a busca da mera representação do que antes desejava. Não mais persigo seres humanos, mas bonecos de barro que os simbolizam. Sei que a floresta é um grande caminho aberto e que estará sempre disponível, mas meu desejo agora é percorrer uma estrada bem delimitada, abandonar as infinitas possibilidades e sonhar com o dia em que encontrarei os bonecos de terracota e com as conversas que terei com eles.”

O príncipe se aproxima do casal:

“Desculpem se interrompo a conversa de vocês. Mas já há algum tempo quero falar-lhes em particular. Devem ter percebido que muitos dias transcorreram, e nós, que inicialmente pretendíamos apenas passar uma noite, permanecemos aqui. Antes de mais nada sei que essas explicações deveriam ter sido dadas antes. Se ainda não as dei, não foi somente porque não os encontrei sozinhos, e sim por uma razão ainda mais simples, eu não saberia o que lhes dizer. O estranho é, que nesse instante a situação não se modificou. Não sei lhes informar porque desperdiçamos todas as oportunidades que tivemos para prosseguir. Os eventos simplesmente foram se sucedendo e adiando nossa partida. Tínhamos compromissos agendados que já foram perdidos e outros que ainda estão por acontecer. Somos uma companhia profissional que até então sempre honrou as responsabilidades assumidas. Não pensem que não me sinto ridículo, tentando apresentar uma justificativa por escrito, e entregando-lhes uma folha em branco.”

O príncipe deixou os dois sozinhos na beira do riacho. Parecia realmente chateado. O homem trocou olhares com ele, e em seus olhos, havia algumas gotas de solidariedade. Homem e mulher ainda ficaram um bom tempo sentados jogando pedrinhas nas águas. Conversaram sobre comidas, bichos e sonhos. Procuravam se manter afastados da folha em branco que o príncipe lhes havia entregue. Também esqueceram as ideias que tiveram antes de serem interrompidos por ele. As águas fluíam e eram temperadas por uma luz, que com o movimento, parecia desenhando formas exóticas sobre o líquido. Um jogo de adivinhações os fez tentar nominar o que o dia desenhava na superfície do córrego. A brincadeira conseguiu brotar uma muda de sorriso no rosto de cada um. Eles se divertiram até quando as sombras do fim de tarde engoliram as formas que a luz criava.

Enquanto caminhavam em silêncio de volta para o acampamento, o homem se lembrou de todos os estados de humor que vivera apenas naquela tarde, e então gritou, de um jeito que só ele próprio escutasse, mesmo ela estando bem a seu lado. Com toda força de seus pulmões mentais, disse a seu mundo interno: "Como tudo é tão correnteza. A água é só mentira."

Ela reparou que ele voltara a sorrir, mas o deixou digerir sozinho suas razões.

O rio-tempo fluía com cada vez mais desembaraço. Os obstáculos pareciam estar sendo dissolvidos pelas próprias águas. As manhãs brotavam como cogumelos, e cada uma delas trazia consigo um nascimento e uma morte, as luas e os sóis enrijeciam tendências amolecendo possibilidades. E diante dos muitos caminhos que anteriormente se abriam para a mulher, sua opção foi pela imobilidade, a rotina venceu. Depois de algum tempo, cansada de não fazer nada, ela acabou se entrosando com outras mulheres e trabalhando na preparação das

refeições. Quase nunca saía do núcleo central do acampamento, e só visitava o riacho caso fosse extremamente necessário. Mas a vitória da rotina não havia sido completa, viviam dentro de seu peito as brasas adormecidas dos antigos mistérios que a encantavam. E uma simples lua prateada, ou então as sombras da luz de uma fogueira iluminando uma noite escura, eram razões suficientes para atizar essas brasas e fazê-la sentir que sua alma ardia. Nessas ocasiões, ou ela mergulhava em conversas superficiais, mentindo para seus nervos que não sentiam dor, ou então permitia que algumas fibras de sua carne fossem consumidas pelo calor. Isolava-se em sua cabana e deixava que as lágrimas corressem. Mas esses eram momentos cada vez mais raros, ela aos poucos foi aprendendo maneiras de não se deixar contaminar por desequilíbrios. Descobriu atalhos, que faziam com que luzes misteriosas só a conduzissem para onde ela desejava. Uma grande mancha amarelo-dourada se projetando no tronco escuro de um abeto, só a lembrava de alguns cogumelos de cor parecida que ela precisava colher para o jantar. Ela encontrara uma maneira de fechar um círculo para viver sempre dentro dele.

O transcorrer dos dias era o motor que fazia girar essa máquina, na qual ela decidiu entrar e que tinha como efeito uma tontura anestésica. Ela sabia que essa sensação era um vício do qual estava se tornando uma dependente, mas dentro de sua embriaguez ela carregava outra incoerência. Não eram apenas as luzes e os reflexos poéticos que a faziam se lembrar de quando o mundo se oferecia múltiplo, nem era só sofrimento o que as lembranças traziam. Dentro de sua entrega àquele mundo circular, aconteciam pequenos instantes em que recordações brilhavam como esperanças, e um sorriso aparecia no canto de seus lábios.

Ela se lembrava daquilo que nunca chegou a ver. De como deveriam estar seus olhos quando decidiu entrar na floresta e

encontrar os primeiros mistérios. De como explodia natureza, folhas, galhos, frutas, bichos, florescer e apodrecimento, por aqueles dois buracos com que ela via a vida. Olhos-brilho repletos da parte mais saudável do medo-descoberta, que carregavam todos os tipos de verde e de dúvidas. Eles aceitavam todas as luzes e sombras, refletiam e absorviam qualquer cor, eram todos os tipos de movimento, espalhavam e recebiam sementes. Eram olhos imprevidentes, ingênuos, inocentes, traziam armadilhas e lhes faltavam raciocínio, dois pequenos úteros prontos para acolher e produzir vida. Para se protegerem dos obstáculos naturais eles piscavam, afirmando-se e negando-se, premiando a luz com instantes de escuridão.

Enquanto se recordava daqueles momentos quase fictícios mas possíveis, seu sorriso era completamente diferente daquele que quase o tempo todo mantinha estampado no rosto. Entre os dois tipos, o mais raro, lembrava uma pergunta. daquelas que não tem respostas, apenas sugestões. Os olhos verde-floresta que um dia podem ter brilhado em seu rosto, enchiam um reservatório secreto de esperança. E mesmo cristalizada dentro de um círculo que a conduzia a repetição, ela indicava que essa roda possuía uma rachadura que a qualquer instante poderia fazê-la despedaçar-se. Ela carregava consigo o antídoto de seu próprio vício. Essa mulher se chamava incoerência e essa condição se espalhava por todos os cantos de seu corpo. Obedecendo a seu funcionamento interno, ela tentou nominar o inominável, queria uma definição para os olhos que um dia, possivelmente teve. Vasculhou todos os recantos de sua criatividade, sem medo, procurou inspiração no sol, na lua, nos bichos e nas crianças. Sentiu-se pequena e perdida, acreditando que talvez aquele brilho mágico nunca tivesse existido e que sem perceber, ela nunca deixou de viver dentro de um círculo repetitivo. Quando já havia desistido de encontrar uma definição, aconteceu que uma palavra



apareceu, ela se acalmou, alguma coisa chacoalhou dentro dela, mostrando-lhe que não era feita de substância unânime, mas de algo que se movia em várias direções. A palavra não veio para definir, nem para responder, também não se tratava de uma pergunta, mas sim de um acontecimento: poesia.

As manhãs também modificaram os olhos do homem. Quem o visse repararia que a parte branca cobria-se cada vez mais por veiazinhas vermelhas. A primeira dedução seria que ele vinha dormindo pouco ou chorando muito. Nenhuma das duas conclusões era verdadeira.

O acaso e os dias fizeram-no descobrir novos caminhos dentro da floresta. Encontrou outras clareiras muito maiores do que aquela em que vivia acampado, campos cercados por vegetação tão alta e espessa onde parecia que a noite nunca acabava. Descobriu ladeiras e morros, pântanos e novos sons misteriosos. Aprendeu a orientar-se na mata. As árvores desenhavam em sua mente estradas que o conduziam a qualquer canto. Entre essas vias principais, que não existiam para outros olhos, ele também enxergava atalhos, que uniam dois caminhos fazendo-o gastar menos tempo para ir onde desejasse.

De todas suas descobertas, uma teve mais importância. Ele encontrou uma gruta que mergulhava fundo na terra. Explorou-a sem medo descobrindo que terminava em um rio subterrâneo. Avançou na escuridão até que as águas lhe cobrissem o umbigo enquanto os morcegos batiam asas assustadas ao seu redor.

Mas nessa gruta, não foram esses caminhos escuros e perigosos o que o fascinaram. Depois de voltar de sua aventura deitou-se na boca da caverna para se recuperar do esforço. Percebeu que em frente da entrada havia outra formação rochosa e que os rochedos se uniam no alto. O espaço vago, preenchido apenas pelo céu, que manchava de azul o que não era pedra,

tinha a exata forma de um rosto humano.

E essa face, desenhada pelo tempo e pelo acaso, ligava-se mais às pequenas veiazinhas vermelhas de seus olhos, do que qualquer outro fator mais aparente. Ele deixou de frequentar as margens do riacho e passou a gastar suas horas livres deitado no chão de maneira que ficasse sempre olhando para os contornos humanos construídos pelas rochas. Algo o encantava naquelas formas. Apesar de qualquer um conseguir identificar os olhos, o nariz e a boca, as linhas do queixo e da testa, ninguém se atrevia a dizer qual seria o sexo daquela cabeça. Num primeiro momento esse mistério o encantou. Despiu mentalmente várias pessoas que conhecia procurando retirar delas todos os detalhes que as caracterizavam como homens ou mulheres. Tentava descobrir se longe de qualquer carapaça visual existiria algo mais profundo que determinasse o sexo de cada alma.

Sem chegar a conclusões acabou cansando desses experimentos e passou alguns dias frequentando esse lugar sem nenhum objetivo em mente. Até que foi surpreendido por uma tempestade que encheu o céu de raios e o fez se abrigar dentro da caverna, longe do rosto. A chuva caía com violência e escorria pelos paredões de pedra empoçando-se no chão. O rosto chorava.

A partir desse dia ele criou algo, que a principio funcionava como passatempo, mas que aos poucos caminhou na direção de uma obsessão. Procurou dar vida àqueles contornos em forma de cabeça. Qual seria o primeiro passo? Começaria por uma ideia que se expandiria até a construção de uma personalidade? Refletiria naquele rosto inexistente os cantos desconhecidos de si mesmo? Ou apenas projetaria seu lado mais aparente, de modo a conseguir se enxergar com mais isenção?

Decidiu-se pela criação, aquele rosto não teria nada a ver

com o seu. Plantaria uma semente que não fosse nascida de suas carnes, a cultivaria com cuidado até que ela frutificasse um ser independente, alguém com quem no futuro pudesse dialogar.

Ao contrário da mulher, o homem nunca se integrou à rotina do grupo de atores, por isso parecia que cada vez mais lhe sobrava tempo. Não precisando se preocupar com o próprio sustento, passava a maior parte do dia em seu refúgio secreto. A caverna se transformava no berçário dessa pessoa irreal que tentava criar.

Para a fecundação partiu de um desejo “quero existir”. Precisava dialogar com a ficção “cansei-me de não ser, quero quebrar a casca que me envolve e conhecer as luzes em todas suas tonalidades”. Ele prestava bastante atenção para que a voz que nascesse desse novo ser não fosse apenas a projeção de seus próprios desejos, e sim uma gota de independência que ferisse a terra vazia de um deserto que não existe. Sentia que sua missão não seria fácil “preciso desistir da comodidade de minha escuridão, destruir o que sou para me transformar em algo diferente, o que hoje é absoluto ganhará graduações, se hoje sou um, meu esforço me transformará em muitos”.

Os dias regaram esse novo ser, que até onde o homem conseguia enxergar, era uma criação independente sem relações com seu mundo interno. A semente começou a gritar “quero existir”, esse berro obsessivo acompanhava o homem durante todos os instantes do dia e parecia aumentar de volume durante o sono. Com o tempo o grito ficou cada vez mais agudo e desesperado “queroexistirqueroexistirquero...”, as palavras emendavam-se e o desejo não deixava um instante em branco. Além disso, a voz carregava um desespero de alguém que parece estar se afogando. O ar que precisava para respirar, estava do lado da existência.

O homem começou a viver dias difíceis, pouco se alimentava e logo que acordava ia imediatamente para a caverna, às vezes passava dois dias sem voltar para o acampamento. Quando encontrava alguma clareira na mata, caminhava em círculos até não poder mais, ou então tentava com seus passos reproduzir a forma do rosto humano que procurava trazer à vida.

Num horizonte interno, cascas de ovo se quebravam de dentro para fora, raios de luz invadiam cantos desconhecidos ferindo mortalmente a escuridão, seus ouvidos pararam de escutar o pedido repetitivo, dois grandes olhos se abriram.

A vida se oferecia àquele que tanto a pedira. O absoluto estava sepultado e abriam-se os caminhos múltiplos, com todas as glórias e fardos que isso acarreta. A cabeça vivia. Produzia suas próprias ideias. O homem considerou sua missão completa e respirou aliviado.

Pouco depois começou a sentir um peso extra sobre os ombros, parecia que a cabeça que havia criado precisava de seu peso para sobreviver. O ser apenas nascido confrontava-se agora com os pesos que vêm amarrados à vida. O criador, da mesma forma, sentia o ônus de ter gerado algo independente. Um procurava se nutrir das forças do outro e o resultado eram dois organismos desequilibrados.

Os olhos do homem estavam mais do que nunca repletos de veiazinhas vermelhas, ansiosas para se ramificar. Ele sente muita dor de cabeça que parece ser alimentada por uma culpa enorme. As veias dos olhos são encharcadas por lágrimas transparentes e ele percebe que não passa de um mentiroso. Não havia outra cabeça, e só o que ele buscava era um par de novos ombros para ajudar a carregar a sua.

A primeira parte do mistério começava a ser revelada, enquanto isso, ao mesmo tempo, a segunda ganhava luz, aqueles

olhos viviam, e não importava qual estrada escolhessem, sempre, muitas outras seriam preteridas. A imaginação povoava as curvas desses caminhos abandonados com as mais reluzentes maravilhas “meus olhos ardem porque estou condenado a lamentar a escolha não feita”.

A primeira e a segunda parte do mistério começavam a ser reveladas, mas esse era apenas o início, e ainda havia a terceira, quarta, quinta, sexta... as partes eram muitas.

## PEDRAS, ÁGUA E VENTO

A velha carroça dos atores perdeu suas rodas. Uma delas acabou apodrecendo, as outras foram retiradas porque não tinham mais utilidade. A pintura intrigante, feita em cores fortes, agora era um pálido retrato confuso que se distinguia cada vez menos da natureza ao redor. O acampamento ganhou novas cabanas e os moradores vincos na pele. A menina loira que costumava representar um anjo, se tornara uma adolescente que não combinava mais com o par de asas. Duas crianças nasceram e uma delas tornou-se o novo anjo. O velho diabo foi enterrado próximo ao riacho e um dos contraregras tomou seu lugar. Um dos cavalos morreu e os outros foram soltos e desapareceram na floresta.

As representações teatrais continuaram acontecendo com frequência variada, a plateia permanecia a mesma, o homem e a mulher. A medida que os dias se multiplicavam, tanto ele quanto ela sentiam que o que acontecia era que um único grande dia se expandia, as noites não passavam de pequenas nuvens que momentaneamente entravam na frente do sol que sempre brilhava. Esse longo dia desenrolava-se como um novelo de lã, e possuía a capacidade de dissolver tudo o que encontrasse pela frente. O processo era sempre o mesmo, primeiro acontecia uma diminuição gradual do apego, que logo conduzia a um esquecimento, a partir daí começava a desagregação que também era gradual e que só terminava quando o alvo da dissolução não existisse mais, nem mesmo na memória de alguém. Isso acontecia tanto com rodas de carroça quanto com fases da vida, cavalos, mágoas, esperanças e pessoas inteiras.

Homem e mulher não foram poupados desse processo. Aos poucos engoliram suas dúvidas, que depois de digeridas não chegaram a se transformar em certezas, mas numa matéria inócua, meio anestésica, que depois de ser expelida poderia ser novamente ingerida e continuava com sabor e cheiro neutros. Os únicos momentos em que esse processo conhecia obstáculos eram nas noites que vinham após as apresentações teatrais. Nessas horas de insônia, ele e ela, pelo menos por uma noite, sentiam borbulhar paixões antigas. Ideias e sentimentos que possuíam a solidez do vento condensavam-se, ganhando rigidez. No dia seguinte as coisas voltavam ao normal e a tranquilidade se espalhava por estômagos, nervos e almas. A paz reinava naquela pequena sociedade e as recordações do mundo anterior a ela não escaparam do processo de dissolução e começavam a perder o brilho das cores. Tudo parecia cada vez mais que sempre tinha sido daquele jeito.

Os moradores originais também influenciaram os visitantes, aos poucos a comunidade foi abolindo o consumo de carnes até se tornar totalmente vegetariana. Novos frutos foram descobertos e a combinação de alimentos e a criação de pratos diferentes passou a ter mais importância. A cozinha tornou-se o coração do acampamento. Às vezes algum novo experimento dava errado, um fungo avermelhado revoltava o estômago de um dos atores encarregado de testar as novidades antes que elas fossem servidas para a comunidade. Num desses dias o homem prestou ajuda ao ator que passava mal, fez com que ele bebesse bastante água e depois vomitasse para limpar seu organismo. Pediu para que ele caminhasse, queria ver se a parte tóxica do fungo agia sobre sua capacidade física. Os dois se embrenharam na mata para uma longa marcha. Aparentemente a saúde do ator parecia perfeita.

Quando voltavam para o acampamento eles passaram perto do riacho e deram de frente com o lugar onde repousava o velho diabo. Nenhum dos dois fez menção ao túmulo, mas parecia que aquele pedaço de morte fez renascer no homem uma velha dúvida que hibernava em seu peito. Voltou para o acampamento mas permaneceu o resto do dia pensativo, sentiu o estômago pesado e a cabeça latejando, não tinha comido o que fizera mal ao ator, o que o incomodava era mais volátil “Por que os atores abandonaram os teatros para morar na floresta e representar peças para duas pessoas?”

Se os momentos de questionamento se tornavam cada vez mais raros entre o casal, acontecia o contrário com alguns atores, principalmente os mais jovens. Começavam a sentir necessidade de movimento e perguntavam-se por que, desde a infância, moravam no meio da floresta, isolados de tudo. A pequena sociedade apresentava rachaduras e era missão dos mais velhos evitar que elas se propagassem. Mas eles tinham poucas ferramentas para evitar essa expansão. Quando perguntados sobre a razão da existência daquele pequeno povoamento, os mais antigos respondiam com frases evasivas, se pressionados recorriam para a honestidade revelando que sabiam tanto quanto os jovens.

A consequência disso foi a divisão do acampamento, os jovens passaram a conviver mais entre si e menos com os mais velhos. Construíram uma grande cabana onde dormiam e preparavam suas refeições. Não havia hostilidades, mas aos poucos se rompiam os vínculos que tornavam o acampamento algo unitário. Essa situação ficava mais clara nos dias de representações teatrais, que por sinal rareavam cada vez mais. A pequena plateia percebia que para os jovens aquelas encenações tinham se tornado um fardo inútil. O sistema de improvisação de texto começava a apresentar falhas, pois quando um dos atores veteranos entregava



a palavra para um jovem, esse respondia com um diálogo que não se encaixava no contexto. A peça perdia o que nela havia de pergunta, se transformando numa série de respostas sem verbo nem sujeito. Percebendo isso, os veteranos deslocaram os jovens para funções técnicas e eles mesmos desdobravam-se interpretando dois ou três papéis. A situação não melhorou, pois os novos contraregras passaram a demorar para apagar uma fogueira ou inserir algum objeto cênico, o que de outra maneira também atrapalhava a encenação.

O príncipe percebeu que o acampamento vivia um processo irreversível, e que os jovens eram tão culpados quanto ele ou qualquer outro pelas alterações. Tentou imaginar o que o futuro poderia reservar para a pequena comunidade. Nada conseguiu prever que não incluísse dissolução. Mas isso não indicava de qual maneira aconteceria a desagregação, nem as consequências individuais dela sobre os moradores. Apesar de consumada em sua mente, essa previsão não o entristecia ou o apavorava, o que impulsionava seu raciocínio de profeta era uma mera curiosidade desanimada.

Os dias acabaram acentuando a divisão do acampamento, que agora se parecia com dois países independentes, que apesar de viverem em paz e manterem acordos de cooperação, possuíam uma fronteira que os delimitava. As duas comunidades compartilhavam umas poucas tarefas que eram realizadas sempre com sorrisos amarelados. Havia uma terceira ilha representada pelo casal.

Com a divisão gradual do grupo, desagregou-se também o porto seguro, que principalmente a mulher começou a construir para si. Tanto ela como ele passaram a flutuar dentro de um cotidiano que de forma alguma se misturava com seus líquidos internos. Eram dois estrangeiros vivendo num país sem bandeira. A rotina tratava de mecanizar seus comportamentos e quem os visse não repararia que os dias ensolarados acabaram lhes se-

cando sucos interiores, anteriormente muito valorizados por eles mesmos. Essa secura não era dolorosa, mas eventualmente, tanto ele quanto ela copiavam o príncipe em exercícios de futurologia. Nessas tentativas sempre lhes sobrava um gosto amargo no fundo da boca e uma impressão não confirmada de que as árvores já tinham sido mais verdes do que hoje são.

Como todas as divisões também estão sujeitas às leis da erosão, assim aconteceu com a separação entre os grupos etários. O que está dividindo acaba se unindo para depois voltar a ser repartido. O acaso fez com que uma moça que não havia conhecido nada além da floresta, fosse levada a perguntar sobre como era o mundo fora dela. Obteve respostas vagas e pouco satisfatórias, que se espalharam para outros jovens, iluminando os olhos daqueles que não conheciam cidades. Aos poucos os outros moradores da grande cabana começaram a perguntar e a comparar as respostas que recebiam. Escutaram a história do vilarejo que foi abandonado, ouviram descrições sobre como funcionava uma pequena cidade, as ruas, casas e praças. Aprenderam sobre um lugar onde muitos mortos são enterrados lado a lado e sobre palácios suntuosos onde se deve ir para agradecer ao rei que criou as florestas.

À noite, a casa dos jovens passou a manter a fogueira acesa até bem depois do último dos adultos adormecer. Usando os retalhos escutados por cada um, procuravam costurar uma colcha que retratasse o que seria o mundo fora da floresta. De muitos adultos escutaram que eles eram felizardos e que não perdiam nada deixando de conhecer a crueldade e mesquinharia que sempre acompanhava a vida em um vilarejo. De outros escutaram sobre as possibilidades de aprendizado e convivência que não acontecem em uma floresta. Aos retalhos cinzentos, os olhos dos jovens costuraram muitos outros de cores vivas e brilhantes, compondo uma soma cromática que se fosse vista por olhos de

qualquer idade, receberia a classificação de “fascinante”.

Essa mudança na rotina do acampamento espalhou suas consequências até pelas representações teatrais, que voltaram (a pedido deles mesmos) a contar com os jovens como atores, e que pareceram tanto ao homem quanto à mulher, as melhores encenações que assistiram desde a chegada da trupe. Dessa vez parecia que havia algo além do texto e da parte cênica, uma terceira camada que não existia, agora amarrava os ingredientes que compunham a peça. Nenhum dos dois conseguiu definir o que seria esse algo a mais, mas ambos perceberam que a principal manifestação desse melhoramento era o brilho que saía dos olhos e parecia envolver toda a cabeça dos jovens atores.

Durante as tarefas cotidianas, cada pequeno intervalo era suficiente para que algum dos jovens perguntassem detalhes do mundo que desconheciam. A grande colcha que toda noite era costurada por eles, agora recebia retalhos cada vez menores. Os adultos e velhos não se incomodavam em responder às perguntas, apesar de muito do que diziam as respostas já estar nublado pela ação do tempo, eles se esforçavam para serem o mais precisos possível, e sem perceberem, sempre tinham uma ponta de sorriso irônico no canto dos lábios.

O homem e a mulher, por guardarem uma isenção maior em relação à toda trupe, eram os que notavam com maior clareza a origem dessa nova força que voltava a motivar a vida no acampamento. Para eles era claro que esse vigor repentino e essa integração artificial não representavam sinais de saúde dessa microsociedade, ao contrário, eram marcas de uma dissolução eminente. Mas essa novidade em nada os afetou individualmente, nem ele nem ela temeram as consequências daquilo que se delineava.

O grande dia prosseguia sendo indivisível e as noites detalhes sem importância, os instantes gastos com reflexões conti-

nuavam existindo, mas assim como acontecia com o tempo que usavam com tarefas práticas, tudo parecia estar banhado naquela luz que escurece o céu antes que as tempestades cheguem. Os sabores dos alimentos também diminuíram as distinções entre si, a vida toda se tornava mais homogênea.

Cada um deles notou no outro as marcas deixadas pelo tempo, e em si mesmos perceberam que precisavam de mais esforço para realizar as mesmas tarefas. Começaram a conversar mais entre eles, assuntos cotidianos envolvidos por uma aura nostálgica, sem que nunca nenhum dos dois mencionasse qualquer fato passado. A nostalgia existia apenas em seus tons de voz. A panela fervente da juventude continuava borbulhando, mas os adultos passaram a se acostumar com esse novo fato como se ele sempre tivesse existido.

Percorrendo a velha trilha do riacho o homem avistou de longe a mulher, imediatamente se lembrou de uma ocasião quando muitos anos atrás, oculto por uma árvore a viu chorar. Continuou observando-a sem revelar sua presença. Ela parecia estar exatamente na mesma posição da outra vez, mas agora não chorava. Na verdade seus traços não expressavam quase nada. Talvez conseguisse ler em seus lábios e olhos um pouco de desânimo misturado com alguma esperança, que dentro de seu peito ainda tinha raízes vivas. Reparou que seus cabelos voltavam a embranquecer e que essa cor talvez estivesse esticando as raízes de suas esperanças e causando-lhe alguma dor.

Ele teve muita vontade de se aproximar dela e perguntar-lhe um monte de coisas, acabou não indo porque percebeu que também teria de responder algumas perguntas. Para facilitar, perguntou para si mesmo: será que o que carregamos dentro de nós também perde o viço e embranquece?

Seu raciocínio foi interrompido por um ruído, alguém se

aproximava. Sem fazer barulho conseguiu se esconder melhor. Quem chegava era uma das jovens, justamente aquela que mais curiosidades tinha sobre o mundo exterior. Ela estava prestes a dar a luz. Tentou em vão ouvir a conversa das duas, mas percebeu que a mulher mais velha procurava acalmar a outra, apalpa-lhe o ventre e afagava seus cabelos. Aguardou em seu esconderijo o desenrolar da situação, a mulher abraçava a jovem com um sorriso consolador nos lábios, a outra gesticulava e parecia nervosa. Quando elas se levantaram ele pode ver que a jovem enxugava suas lágrimas.

Alguns dias depois nasceu uma menina. Todos se mobilizaram para o nascimento, o pai da criança, que mal tinha barba no rosto, estava tão nervoso que desmaiou. Quem se ocupou do parto foi o príncipe e duas atrizes que já eram mães. Os gritos da dor da jovem cessaram quando se escutou o choro da criança. Durante alguns dias o bebê foi o centro das atenções, todos queriam segurá-lo nos braços. Apesar de duas crianças já terem nascido no acampamento, todos sem exceção ficaram de alguma maneira tocados. Essa emoção tinha várias cores e cheiros e não se relacionava necessariamente nem com a criança nem com seus jovens pais. Tanto para os mais novos quanto para os mais velhos esse acontecimento representava um impulso na roda da mudança. Era como se de dentro do ovo que começava a se abrir, um pequeno bico ajudasse a quebrar a casca, despertando em todos uma grande curiosidade sobre o que surgirá daquelas formas brancas. Quais serão as cores e o destino do novo ser que surge? Pergunta que egoisticamente cada um adaptava para si mesmo. As evidências das mudanças eram grandes, e todos gostavam de segurar em seus braços o símbolo dela.

De todos os moradores, foi o homem o que menos contato quis ter com o bebê. Fascinava-o aquilo que aquele ser representava, mas ao mesmo tempo ele temia mais do que os outros os efeitos co-

laterais da mudança. Aferrava-se ao cinza mas sonhava com cores, sem saber se seus olhos suportariam a eventual aparição delas.

Não se incomodaria se a vida apenas prosseguisse do jeito que estava, mas ao mesmo tempo nutria um desejo de mudança. Sentia-se dividido mas as forças antagonicas ainda não tinham começado a esticar-lhe os membros em sentidos opostos. A pressão por enquanto era leve, mas se aumentasse inviabilizaria sua vida rasgando-o ao meio. Enquanto ainda era tempo precisava se livrar de pelo menos uma das amarras para que seu corpo ficasse livre para ser arrastado para um lado, fato que a seu ver, acontecia com todos os outros.

Quando o bebê lhe foi entregue nos braços ele abraçou-o e beijou-o com carinho antes de devolvê-lo. Mas havia algo dentro de si que apenas desejava deixá-lo cair no chão sobre uma pedra pontuda e atribuir tudo a um acidente.

Com a criança silenciando seu choro ele estaria livre, pelo menos por algum tempo, de ser dividido ao meio, de ter de se arrepender pelas decisões tomadas ou por aquelas que não o foram.

Sobre as mais altas árvores moviam-se as nuvens, eram arrastadas pelo vento e também por algo bem mais sutil. Força invisível que fez a criança ensaiar os primeiros passos. Essa brisa lenta, marcava com crescimento ou decadência tudo o que tocas-se, nada permanecia incólume.

Enquanto olhava seu reflexo vacilante nas águas do riacho, a mulher também acompanhava os passos inseguros da criança nascida no acampamento. A força que destruíra também era construtora. A criança sorriu para ela, mas ficou sem resposta. O vento sutil embrulhava todo seu raciocínio não permitindo que seu rosto exprimisse sentimentos. Procurava imaginar como camadas de vida iriam se sobrepondo e construindo a mulher que aquela criança se tornaria.

“As nuvens se moviam no céu, mas qualquer um com um pouco de sensibilidade perceberia que...”. Havia algo nessa força oculta que ia além de construir, renovar, destruir, modificar, dividir e completar. Quando essa brisa silenciosa soprava manifestava-se algo não definível por verbos... uma sobra de dignidade que acontece no choro da criança, no rosto dos moribundos e nas pedras desgastadas pelo mar. Glória secreta recolhendo os pássaros mortos e objetos inanimados “há sempre essa outra camada”.

A criança cai no chão e chora. Sua mãe a pega nos braços e a faz se acalmar. A mulher continua mergulhada em seu mundo, refletindo sobre o que está além do vento. Não há lágrimas no choro da menina. As nuvens agora parecem fixadas no céu. O movimento possui muitas faces, porém sempre há sobras, os olhos da mulher circulam, procurando identificá-las em todos os cantos. Tentam vãs definições, angustiam-se e ela imediatamente constrói um sorriso para defender-se “esse poço é muito fundo”. Nas esquinas da floresta nasce uma luz cor de morte-amarela que a faz novamente mergulhar “volto para a dissolução das coisas...”, o círculo inquebrantável não consegue virar espiral. A tarde se decompõe em noite, a dignidade, a glória, as estrelas, o invólucro invisível de todas as coisas, a limitação das palavras, a incoerência das ideias. Seria muito simples se os naufragos de alto mar pudessem se abaixar e beber água doce. O sal e o sol solidificam os sozinhos dos oceanos. Sobre a pele castigada daqueles que bóiam à deriva, paira essa substância volátil, incapturável, inefável, luz apreendida por dedos rápidos. A mulher mexe suas mãos e seus lábios, a ironia atinge a si mesma “como sou minúscula”. Ela lembra-se da memória e de todas suas estranhas camadas, a substância incompreensível pode ter algo a ver com ela. A noite escura está estrelada, as nuvens foram embora sem que ela percebesse. As recordações se acumulam, e são justamen-

te as pálidas e distantes que mais se parecem com a força-mutação que não consegue definir. Sobre elas está tatuada com profundidade essa dignidade longínqua que existe na atitude de alguém, que no meio de uma tempestade, abaixa-se para recolher no chão uma gota de água que desconfia ser a lágrima derramada por alguém que não conhece. A memória-mentira projeta vários soluços nunca perpetrados, os olhos enxergam fábulas, escutando odores e oásis consistentes como sombras “a mim pertence a culpa por aqueles muitos baldes cheios de leite desperdiçado”.

A noite agoniada reflete uma lua no riacho “pequeno círculo sem profundidade, figura transitória escorrendo seus reflexos escuridão adentro. Se as memórias do que foi vivido são miragens, o que serão então as recordações daquilo que apenas foi desejado, e que as noites nos projetam em forma de sonhos?”

Quanto do ar respirado não será feito de água salgada? Mesmo o mais virginal dos bosques tem a capacidade de nos envenenar pouco a pouco. O nariz é a porta de entrada de nossa morte “eu atravesso da matéria mais sólida para a mais fluida, abro e fecho os olhos, encontro três tipos de parede, aquelas que me machucam a mão, as que atravesso sem danos e as que me recordo que não conseguia atravessar. Nos três ambientes, de maneiras diferentes, continuo sendo perseguida pela febre inquebrantável da construção-dissolução. Os sonhos terminam e se transformam em recordações, para me lembrar preciso estar acordada. O ciclo se fecha e não há nada que eu possa fazer, as pálpebras são paliativos, a luz que encobrem descobre outra maneira de contar sua história.”

Grandes gotas chorosas caem do céu. A mulher deixa com que a selva a molhe e caminha lentamente para o acampamento. O mundo parece estar se lamentando por ser tão terrivelmente inevitável (pelo menos esse é o julgamento da mulher). Ela interrompe sua caminhada e fixa os olhos no chão. Uma grande poça



d'água se acumula, a chuva enche de violência sua superfície. Ao lado há uma outra poça menor que está separada da menor por apenas uma estreita linha de terra. As gotas choram cada vez mais rápidas e vão engolindo a lama molhada que separa as duas poças. Ela se ajoelha para ver tudo de mais perto, deita no chão e encosta a cabeça no solo, consegue ver os pingos atravessando com energia a superfície da água. As gotas e a terra nublam sua visão, mas ela já não precisa tanto dos olhos para sentir o que está acontecendo. Enfia a mão e descobre que a poça tem a profundidade de um punho. Apalpa com cuidado a tênue linha de terra que tenta desaparecer "o inevitável". A chuva prossegue jovem até as poças se unirem "uma volta no círculo". Como por encanto as lágrimas cessam. Apenas algumas gotas ainda escorrem dos galhos, mas já não têm mais força para encher a poça. Imediatamente a terra nua começa a sugar a água "não importa a direção, o que conta são as voltas dadas...". A terra derrotada vai aos poucos mostrando seus torrões lamacentos, a água vai perdendo terreno e a lama colada ao rosto da mulher é a mesma que tenta engolir os restos da chuva. Ela se levanta e aproveita as sobras de água para lavar o rosto, percebe que se ficasse mais tempo observando a natureza assistiria apenas a repetições "sinto o sabor da fruta, uma me basta para conhecê-lo". A terra renasce úmida e vigorosa, o pequeno lago dividido em dois agora existe apenas em sua recordação "quero saber como e por que germina a semente, como se desenvolve a árvore, e que terra é essa, que afinal de contas é a grande mãe das horas, estandarte esplêndido que se ergue independente, colorindo o escuro."

Uma mulher envelhecendo chegou ao acampamento, encharcada, começava a desconfiar daquilo que nunca suspeitou. Foi para sua cabana trocar de roupa e de lá viu que muito depois da chuva terminar algumas árvores ainda derramavam água "eu estou acontecendo". Os pássaros voltaram a cantar e as crian-

ças a brincar, um machado cortou lenha úmida “a força, sempre ela... os velhos frutos saborosos.”

Um pássaro solitário acontecia bem alto, quase sem bater as asas. Quando saiu de sua cabana ela tentava compreender, confusa enfileirava pensamentos “prosseguem todos num grande desfile, paralelo à procissão existe o caminho circular, percursos diferentes não são excludentes. Círculos sem direção completam novelos de lã desenrolados indefinidamente. Os dias explodem em mim a semente da outra que fui.”



## OUTRAS VOZES

A fogueira se tornou a praça central do acampamento. À noite todos se reuniam para contar e ouvir histórias, cantar e exibir números de equilíbrio e mágica. Mesmo nos dias chuvosos eles improvisavam uma lona que se prendia a quatro árvores altas e permitia que a comunidade se reunisse. Esses entretenimentos substituíram quase por completo as apresentações teatrais nos moldes antigos. A última tentativa de encenação foi interrompida por um temporal. No dia seguinte a chuva prosseguiu impiedosa e amainou a vontade que os atores tinham de representar. Os dias transcorreram e os divertimentos noturnos pareciam nutrir a necessidade que os atores tinham de se exprimirem.

O homem e a mulher também começaram a participar das noitadas, e boa parte de suas dores e dúvidas foram cicatrizadas com esses divertimentos noturnos. Além disso, o homem descobriu dois novos prazeres, o primeiro foi o sono. Dormia muitas horas relaxantes e quando acordava não se lembrava dos sonhos. Esses eram seus doces momentos num refúgio vazio. Mas os instantes mais prazerosos eram aqueles que antecediam o momento que adormecia. Degustava o prazer de saber que estava embarcando para a ausência, que depois das risadas viria a manhã seguinte, e que a noite escura poderia acontecer ao seu redor, pois ou ele estaria acompanhado ou inconsciente.

O segundo prazer que descobriu foi quando se rendeu à rotina do acampamento e voluntariamente procurou colaborar com as tarefas. Escolheu algo que até então não havia dentro da divisão de trabalho. Depois de conversar com alguns dos atores obteve consenso, sendo todos unânimes em afirmar que essa missão

era essencial e já fazia falta. Ele seria uma espécie de educador de crianças e jovens. Instruiria-os sobre a vida na floresta, animais, plantas venenosas, como sobreviver sozinho na mata, como se orientar e todas as dúvidas que fossem surgindo. Muito refletiu se falaria a eles a respeito do mundo fora da floresta. Achava importante que eles conhecessem as duas realidades. Conhecia também o conflito que isso poderia causar. Se eles conhecessem apenas uma estrada, nunca precisariam se preocupar com bifurcações. Sabia que as mudanças de rumo são importantes e que não tinha o direito de esconder-lhes nada. Escolheu a comodidade, falaria do que estivesse mais próximo de suas realidades, apenas se fosse perguntado contaria sobre o que existe além das árvores.

Apesar de apreciar essas sessões de instrução dos jovens, seu verdadeiro prazer estava no fato de se sentir integrado à comunidade. Desapareceram seus sintomas de melancolia, havia mais alguém junto com ele no barco, e essas pessoas talvez soubessem conduzir a embarcação a um porto seguro. Se não chegasse a lugar algum dividiria com outros o peso do fracasso.

Nos primeiros dias de instrução procurou ser o mais prático possível, alertou para os pequenos perigos escondidos nos cantos da mata, aranhas venenosas, tocas da cobras, espinhos, formigas, ensinou como beber a água que se acumula nas folhas das plantas e como agir caso se deparassem com um animal feroz. Tanto crianças quanto adolescentes o escutaram com uma atenção que o enchia de orgulho. Perguntas foram feitas, mas nenhuma que não se relacionasse com o que era explicado, o que não deixava de para ele ser um alívio.

Logo que as apresentações teatrais acabaram, houve um jovem que reclamou e pediu com veemência aos mais velhos que elas recomeçassem. Ele havia se apresentado por duas vezes e parecia ansioso para continuar. Ouviu respostas evasivas,

disseram-lhe que aquela forma estava se esgotando e que a nova geração deveria criar outra. Ele discordava dizendo que a improvisação comportava todas as possibilidades e que sentiu no pequeno papel que interpretou, que daquela semente poderiam brotar árvores frondosas. Os atores mais velhos o escutavam e se esquivavam, não que tivessem decidido abandonar definitivamente o teatro, mas algo momentaneamente estava perdido. O jovem repetia-lhes com os olhos irritados e num tom de voz cada vez mais alto “no desenho das veias de uma folha caída, pode estar contida toda a floresta”.

Ele percebia que os adultos não desejavam continuar com as apresentações e que se contentavam com o divertimento noturno que para ele não era suficiente. Mais do que a arte teatral, o que o encantava era o método do improvisado, e mais do que ele, a possibilidade mágica de flutuar entre realidades atravessando emoções e estados de consciência que não existiam na vida cotidiana. Esse jovem tinha nascido na floresta e muito ouvira falar da vida das cidades, mas esse mistério não o fascinava. Aquela era só mais uma das páginas de um imenso livro ao qual poderia ter acesso se conseguisse mergulhar de vez no mistério teatral. Percebendo que o tempo passava e as desculpas não mudavam, o jovem pensou em alternativas. Um monólogo. Construiria um esqueleto e todas as noites deixaria com que o mundo lhe preenchesse de carnes. Não foi difícil para ele juntar os ossos, em pouco tempo criou a base de sua peça. Também não foi difícil fazer com que a comunidade aceitasse assisti-lo. Ele representaria à beira da fogueira, entre um e outro divertimento. A mata fechada serviu-lhe de sala de ensaios, só encenaria quando sentisse que conseguiria entrar em comunhão com as forças do acaso, e se deixar ser conduzido para terrenos desconhecidos. E era aí que moravam as dificuldades. Depois de muitas tentativas não conseguiu sair do lugar, o que mostrava para as árvores, eram sempre os mesmos velhos ossos desprovidos de carnes.

Pediu conselhos aos atores mais velhos que lhe responderam que o acaso precisa de mais de uma pessoa para que as relações com a vida possam germinar. Convidou adultos e outros jovens para participarem de sua peça, mas ninguém aceitou. No fundo, o jovem não acreditava na obrigatoriedade de haver mais do que uma pessoa para que o processo funcionasse, as relações poderiam acontecer entre ele e os objetos cênicos, a natureza, ou até a plateia.

Proseguiu suas tentativas, seu enredo era simples, alguém que se perde no meio da floresta e usa os sinais da natureza para se encontrar. Depois de muito esforço descobriu as primeiras pepitas brilhantes, a improvisação elevou-se sobre o enredo e pontos de luz acenderam seus olhos de esperanças. Ele era ao mesmo tempo a folha caída e a floresta inteira “sinais luminosos desenham muitos rostos meus sobre os troncos das árvores. A floresta fala luz e eu escuto tempo... vamos... prosseguindo, não há nada que não esteja indo. Caminho por um túnel construído de meus retratos, orvalhos tardios pingam-me lágrimas de felicidade. Sou a rota e o destino. Acontecendo na direção correta, escorrendo calmamente, plantando suaves murmúrios de água rasa que se arrasta como música sobre o musgo escorregadio.”.

O jovem aferrou-se a esse instante, armazenando-o como quem descobre a localização de um tesouro. Decidiu que estava pronto para se apresentar, e que se enquanto falava apenas para as árvores havia encontrado essa pepita, quando tivesse todo o acampamento como plateia, as possibilidades seriam muito maiores. Os caminhos se afiguravam dourados.

Ansioso, combinou sua apresentação para o dia seguinte. A manhã nasceu sem nenhuma nuvem e o jovem enxergou isso como um sinal de que o mundo indicava que não importaria obstáculos para que todas as conexões possíveis acontecessem. Nesses

instantes qualquer pássaro seria enxergado de cima para baixo.

A noite chegou e as apresentações começaram. Primeiro vieram uma série de canções folclóricas seguidas de danças de quadrilha. Depois disso um mágico encontrou grandes moedas de ouro escondidas atrás das orelhas da plateia, previu com uma bola de cristal que uma criança teria vida longa e feliz, e encontrou entre todas as cartas uma que tinha sido aleatoriamente escolhida por um homem.

Encerrada a apresentação o ilusionista foi aplaudido com grande entusiasmo. Depois que acabaram as palmas um apresentador anunciou que começaria o monólogo teatral. O jovem, muito nervoso, entrou em cena. Algumas pessoas se retiraram para suas cabanas mas os que permaneceram guardaram um silêncio respeitoso, que durou até iniciarem os aplausos.

A peça teatral transcorreu apenas iluminada pela luz do fogo e da lua. Os olhos do jovem estavam pálidos e rasos, e o que ele contou para a plateia foi a história banal de alguém que se perde no meio da floresta, e usa alguns truques para conseguir se localizar. O veio de ouro com o qual sonhara, era tão verdadeiro quanto aquele que originava os dobrões dourados com os quais o mágico surpreendia os espectadores incautos.

A peça terminou e o ator foi aplaudido e depois cumprimentado, elogios vieram de todos os cantos “ele representava o futuro da trupe, uma voz corajosa que se erguia contra uma certa acomodação que amolecera o coração artístico do grupo” “sabia contar uma história com começo, meio e fim sem ter de recorrer a outros fins que não o próprio teatro”.

O moço teve de se esforçar muito para manter o sorriso enquanto escutava as opiniões dos espectadores, que apesar de tudo, pareciam absolutamente sinceras. Esperou que a fogueira se apagasse, e quando só havia duas grandes brasas ardendo na



escuridão, se embrenhou na mata fechada. Caminhou até que estivesse bem longe do acampamento.

“Que poça estagnada sou eu? Água morta, tumba de luz, decrépito pícaro. Antes. Esse é meu limite. Quando acordo, tudo é passado. Não usufruo do gosto, pois ele precisa do instante. Um leão me persegue, porque o que está acontecendo é sempre medo. Minha fuga é tempo passado, o animal urra, mas as marcas de meus pés são deixadas por outro. A fera não me alcança nem encontro o que procuro. Sempre há uma sepultura aberta onde posso me esconder. Escuto as patas pesadas do felino pisando o pasto verde. Ossos ocos quebrando-se sob meus pés e a cabeça do animal que me procura. Encolho-me entre os restos de roupas, estou apavorado, mas já conheço o desfecho da cena. Nem a fera nem eu encontraremos o que procuramos.”

Muitos dias acenderam-se e o homem prosseguia seu trabalho de instrução dos mais jovens. Percebera que o rapaz que encenara o monólogo deixara de frequentar suas aulas. O jovem ensinava a si mesmo uma maneira de sentir que sua arte produzia vida. A floresta era sua sala de ensaio e a obstinação seu dogma. Tentou descobrir seus próprios erros. Talvez seu enredo fosse muito raso para que os símbolos germinassem. Desenvolveu uma história mais complexa, não importava que lhe faltassem recursos cênicos, esses espaços em branco seriam terra fértil para as sementes de um teatro vivo.

Criou a história de um povo que vivia à beira-mar. Passavam os dias fabricando poltronas de palha. Quando a noite chegava todos eles colocavam-nas na praia e sentavam-se nelas, deixando com que a maré as arrastasse. O movimento das águas virava as poltronas, de maneira que as pessoas ficavam com os pés para cima e a nuca molhada, mantendo, entretanto, os rostos secos. O sono chegava engolindo um povo, que boiava no mar

profundo deitados em suas poltronas de palha. A noite massageava as cabeças de todas as gerações. As águas eram o suave travesseiro que lhes embalava os sonhos. A lua iluminava toda uma raça flutuando despreocupada. Pelas aparências gêmeas, tanto crianças quanto idosos pareciam estar sonhando a mesma história.

O sol abandonava nas praias as poltronas semi-destruídas e um povo inteiro, que descansado e sujo de areia, estava pronto para um novo dia.

As árvores foram as únicas testemunhas do tremendo esforço do jovem. Ao enredo que criara procurou soprar vida. Muitas vezes espojou-se em poças de lama fingindo ser o mar. Construiu com ramos de folhas algo parecido com as poltronas de sua história. Invadiu as noites experimentando todos os tipos de luzes, não poupou sua pele de arranhões nem seu estômago de ficar longas horas sem comer. Quando voltava para o acampamento só pensava em acordar no dia seguinte para recomeçar suas tentativas. Mas por mais que se esforçasse não conseguia insuflar vida àquelas palavras. Às vezes nasciam pequenos brotos sem raízes, que serviam apenas para encher-lhe o peito de falsas esperanças, estranhos enigmas que pareciam ser a chave de uma porta sem fechadura “espelho, esponja, estado e galo”.

Depois de muitas frustrações o jovem se deu por vencido. Percebeu que seus pulmões não eram fortes o suficiente para que alguém conseguisse enxergar a floresta inteira na folha caída que ele havia apanhado no chão.

Sempre calado, voltou a frequentar as sessões de instrução sobre a vida na natureza. O homem estranhava os olhos daquele jovem e procurava inseri-lo na turma. Por causa dele até começou a falar mais do mundo além-floresta, o que aumentou o interesse de todos os outros alunos, não o dele. Depois dessa abertura as perguntas sobre o mundo externo se multiplicaram, a curiosi-

dade se espalhou como uma doença contagiosa. O dramaturgo frustrado parecia ser o único com imunidade.

O velho diabo ganhou um vizinho. O corpo do jovem foi encontrado no meio da parte mais fechada da mata. Ele ainda tinha nas mãos restos do cogumelo venenoso que ingerira. Foi grande a consternação no acampamento, pois era a primeira vez que a vida invertia seu rumo natural, e que alguém abandonava o mundo sem ter experimentado o início da decadência. O homem ficou particularmente abalado, pois se lembrava de ter ensinado a todos que aquela espécie de cogumelo era mortal. Só não se recordava se no dia em que falou sobre isso o jovem estava presente.

Já eram dois os túmulos da floresta, o que fez com que todos aqueles que conheceram as cidades, se lembrassem dos cemitérios. Enquanto o enterravam a mulher gastava suas lágrimas, apesar de nunca ter tido muito contato com ele, se lembrava de como estavam esses olhos, agora fechados, no dia em que ele se apresentou para toda a comunidade. Não conseguia se lembrar do enredo da peça, mas tinha muito claro na memória o brilho daquela cabeça. A garoa umedecia a terra que agora era jogada sobre o corpo rígido do jovem, enrolado apenas em um lençol branco. A lama escura manchava a claridade até fazê-la desaparecer. Enegrecia também os pés de todos, que caminhavam de um lado para outro torcendo para que o buraco fosse logo tapado. Os mais velhos eram os mais agitados, um senhor olhava para baixo e reparava em como a terra molhada podia ser facilmente escavada, com os pés fez um pequeno buraco que o distraiu, evitando que tivesse de olhar para o outro, o maior.

A vida no acampamento prosseguiu, por alguns dias as noites foram silenciosas, mas logo as canções recomeçaram. O homem continuou ensinando aos mais novos o que eles desejavam saber, mas cada vez com mais frequência dizia “não sei”.

Sentia-se incapaz de debelar todas as dúvidas, preferia o silêncio à mentira. Mas sua honestidade era relativa, de si mesmo escondia cidades e florestas. Reconhecia-se naqueles jovens mas não invejava os muitos anos que eles ainda tinham pela frente.

A mulher reclamava que de uns tempos para cá sentia um gosto amargo na boca. Passou a mascar umas ervas adocicadas que eram indicadas para melhorar a digestão. Continuava sua rotina ajudando no preparo das refeições, mas eventualmente desfalcava a cozinha para se isolar em um refúgio próximo ao lago. Esse esconderijo era desconhecido de todos, e quando ia para lá chorava ou ria, contava algumas histórias para si mesma e depois voltava para o acampamento.

Um dia um grande álamo morreu de velho e derrubou algumas pequenas árvores ao redor. O barulho assustou a todos, que correram para ver o que havia acontecido. O tronco quebrado mostrava os anéis dos anos vividos. A mulher tentou contá-los, mas sua vista se embaralhou por serem muitos “tão antiga minha vizinha... gota de leite branco derramada na correnteza do rio...”

Com a queda, grossas camadas de cascas desprenderam-se da árvore revelando a vida que se nutria do tronco apodrecido. Eram larvas e lesmas brancas como nuvens, elas se moviam em todas as direções, atropelavam-se ansiosas e pareciam que se apenas tocassem a terra escura, iriam derreter-se imediatamente. Disputavam com seus maiores esforços “esses bichos amam suas pequenas vidas” cada centímetro escuro de madeira morta. A mulher vomitava enquanto uma pesada chuva dispersava os curiosos que olhavam para o álamo caído. As grandes gotas derreteram a vida que antes se escondia atrás das cascas.

No dia seguinte os alunos fizeram ao homem muitas perguntas relacionadas à natureza, as cidades e o mundo exterior foram um pouco esquecidos. Ele conseguiu responder à maioria

das dúvidas e no final sentiu-se orgulhoso. Não apenas por saber as respostas, mas principalmente porque falava daquilo que sentia ser mais parecido consigo mesmo.

Com o passar dos dias as apresentações noturnas começaram a enjoar. Os números eram quase sempre os mesmos e já não divertiam como antes. A frequência diminuiu para uma vez a cada três dias, depois uma vez por semana até que decidiu-se em consenso que elas terminariam. Em compensação iniciaram-se reuniões periódicas para tratar dos pequenos problemas do acampamento. Pleiteava-se a construção de novas cabanas, a nomeação de mais um professor, a volta do uso da carne nas refeições (o que implicaria na escolha de caçadores), e até a mudança de todo o acampamento para outra clareira mais ampla e iluminada. Como não havia um líder formal nem graus hierárquicos, poucas decisões eram tomadas, muitos falavam ao mesmo tempo defendendo seus pontos de vista e não escutando o dos outros, o que acabava gerando ressentimentos. A qualidade de vida do acampamento foi decaindo, alguns moradores passaram a caçar pequenos animais e as refeições coletivas contavam com cada vez menos gente. Os velhos nutriam seus dias com intrigas, os jovens com impaciência, muitas brigas aconteceram e cabanas foram construídas um pouco afastadas, aquele mundo ganhava uma periferia.

O homem prosseguiu com suas aulas, mas cada vez menos alunos a frequentavam. A mulher cansou-se da rotina da cozinha e passou a se ocupar com a educação das crianças, o que pelo menos por algum tempo a encheu de entusiasmo. O homem reconheceu no sorriso dela a mesma alegria fugaz que um dia o impulsionara, e que aos poucos foi se esvaziando. Mas ele não sabia que a maior parte daquela alegria era encenação. Representava para si mesma, varrendo as cinzas para debaixo do tapete, buscava o mesmo que quase todos os moradores, uma alternativa. As crianças eram seu passatempo, assim como as ervas que

mascava, ajudavam a não ficar com um gosto amargo na boca. Ela deixou de frequentar seu refúgio secreto mas ganhou umas sombras no fundo dos olhos que antes não existiam, agora carregava seu esconderijo dentro do globo ocular.

Durante as aulas o homem reparava que muitos jovens pareciam distantes. Ele mesmo repetia de maneira automática os conteúdos sobre bichos e plantas. Suas palestras eram esqueletos cujos ossos começavam a se separar. Atribuía a si mesmo a maior parte do desinteresse que enxergava em seus alunos.

O ator, que anteriormente representara o príncipe, havia perdido todo seu porte e acumulava gordura e cabelos brancos. Continuava arbitrando questões menores mas não tinha forças para reunir o grupo, mesmo assim gozava de respeito, até daqueles que discordavam dele com mais ímpeto. Quem menos o respeitava era ele mesmo. Julgava-se o principal culpado pela dissolução que se instaurava, se tivesse pulso firme poderia ter evitado o que agora parecia irreversível. Não se perdoava por sua vaidade “quem se deixa levar pelas cascatas do acaso perde os músculos que sustentam o vínculo com o mundo verdadeiro”.

As lembranças das antigas apresentações eram dolorosas. Sabia que também o teatro e o acaso tinham-no conduzido a lugares aos quais nunca teria acesso sem eles “há algo de rígido no vento... é imensurável aquilo que não pode ser quebrado... em nenhuma das duas bordas me segurei, temendo o absoluto, cometi o único erro humano”.

Suas divagações subiam e baixavam como a maré, sentia haver ficado no meio do caminho, de muitos deles, a floresta era o mais visível. Seu raciocínio retrocedia até sua infância, lembrou-se da primeira apresentação teatral a que assistiu, levado por sua mãe. A praça central do vilarejo estava iluminada por pedras, tudo lhe parecia gigantesco, as sombras se projetavam sobre os

atores que ganhavam cores e profundidades mágicas. Os Gestos grandiloquentes dos intérpretes mostravam ao menino de sete anos que havia uma outra maneira de enxergar o mundo. Estar cercado por aquelas luzes com a plateia em volta, era um jeito de fazer com que as brincadeiras nunca acabassem.

Agora os dias divertidos acabaram, mas não era esse o fato que mais o perturbava. Dois espinhos pontudos feriam-lhe a garganta, o primeiro eram as recordações de todos os anos que viveu essa vida diferenciada, o segundo, e maior, era a expectativa que tinha, esperança remota de quem sonha em ver de pé um moribundo. Nutria o desejo de voltar a interpretar.

Os mares internos do ator tinham uma forte correnteza submarina, força que por muito tempo permanecera longe da superfície, mas que agora encrespavam o relevo de suas águas. A pergunta nunca respondida voltara, o que teria feito com que eles decidissem interromper a viagem para se fixar no meio de uma floresta?

A mulher parecia-se com o ator, alguns espinhos a machucavam, mas dentro de si guardavam uma poça colorida de esperanças, mas ao contrário dele, desconhecia as substâncias que formavam aquelas cores. Enquanto ela olhava alguns jovens nadando e se divertindo no lago, apalpava-se internamente, sentindo suas dores e prazeres. Percebia como seu reservatório de esperanças era uma bolha que precisava existir isolada do resto do organismo, uma carta de baralho, que escondida na manga a impulsionalava a continuar jogando, não importando o quão adversa estivesse a contagem de pontos. Olhando para os jovens elaborava uma teoria: essa bolha desenvolve-se a medida que os cabelos embranquecem. Durante a infância e juventude, os líquidos coloridos circulam por todo corpo, são os anos que vão acumulando num canto e aumentando a espessura do material que os envolve “sou árvore... quando seca de seiva desabo para que minha vida escondida se espalhe e derreta... o instante me faz de pé, recheada de

meus impostos... reflexo das nuvens nas águas do riacho: permanço e me vou... somos os jovens porque as folhas são as florestas. Mergulhando no lago temos todos a mesma idade, eu, os jovens e os céus... cabelos longos bóiam sobre sombras, a tarde acontece do jeito que quer... gotas de luz chovem sobre a água... derrete-se a memória futura, a criança manifesta que está sendo, enquanto a noite chega”.

“A morte diaba”. Em seus devaneios o príncipe imaginou uma peça com esse título, não chegou a pensar no enredo, mas essas palavras foram suficientes para chacoalhar o reservatório de esperanças que escondia em algum lugar do corpo. Trouxeram-lhe também recordações de duas pessoas que moravam no mesmo lugar, o velho diabo e o jovem ator.

Uma ave de rapina atravessou os céus e o velho príncipe sentiu um cheiro de presságio. Desviou o pensamento mas aquelas palavras pareciam estar amarradas a ele. Seus espinhos cutucavam o invólucro da esperança fazendo gotejar medo. As grandes árvores quase eternas sussurravam “...o inevitável” atribuiu esse som ao vento e tentou pensar em suas tarefas cotidianas, a grande ave escura continuava seu voo descansado e parecia escolher a mesma direção para onde ele caminhava. Os galhos moveram-se murmurando algo, mas ele não quis compreender.

Incendiavam-se estacas estabelecidas, ondas internas chocavam-se, o medo era corroído por seu igual. A morte diaba pedia existência, queria que seu pó voltasse a formar ossos, para que depois eles pudessem...

A morte diaba

Amo-te diaba

Amo dia

A ave escura desapareceu deixando o velho príncipe com os pés sobre a terra revirada que encobria os dois mortos do acam-



pamento. A relva começava a esverdear os dois buracos, raízes rasas caminhavam na direção dos ossos. Um sorriso sem destino tornou aparentes os dentes do ator. Engrossavam e afinavam-se expectativas e frustrações, latejavam recordações, inchava-se o ego, explodiam desejos. Ele começava a enxergar o futuro, mas esse vinha embalado em todas as espécies de tempo.

O céu tornava-se cor de rosa e atraía a atenção de todos. Um jovem se deixou hipnotizar pela luz que antecedia à noite “sou e pertencço a essa tonalidade... ela contém todos os meus sentidos e iguais a mim são os outros, presas inofensivas desse mundo dividido e solidificado, que nos sequestra de dentro daquele estado de cor que somos, e nos traz para o mundo da pele e das cascas de árvore. Sou-mos reféns da terra escura e das plantas verdes. Choca-me a impossibilidade de reação, parece-me perversa essa capacidade de conseguir, eventualmente, enxergar de longe meu verdadeiro lar”.

Depois que o sol se pôs, o homem ficou sentado à beira do lago fazendo pedrinhas quicarem na superfície da água. Conseguiu que elas saltassem quatro vezes antes de afundarem. Um cansaço congênito encobria seus olhos, as flores e folhas pareciam ser apenas dois tons diferentes de cinza. Não apenas as cores, mas também as formas eram feitas dessa mistura de preto com branco. Não havia tristeza. Uma semente de ansiedade fazia com que ele se movimentasse de um lado para outro sem saber o que buscava. Dentro de si prolongava-se a ausência de cores vivas. Sentia necessidade de movimento. As árvores pareciam as barras de uma cela, mas não tinha certeza de que caso sáísse da floresta, encontraria a liberdade e os azuis. Procurava nos olhos dos outros caminhos que desconhecia, mas aquilo que enxergava era o já vivido ou sentido. Desconfiou de que ou já havia experimentado tudo, ou sofria de um tipo de miopia que não o deixava enxergar nada além daquilo que queria ver.

Seus passos incolores conduziram-no a uma cabana que pertencia a um casal de jovens que abandonara o acampamento para viverem sozinhos.

A moça costurava enquanto o rapaz rachava lenha. Ele os observou sem que fosse notado. Eles trabalhavam sem se falar. O homem refletiu sobre o que seria “viverem sozinhos”, dentro desse plural poderia estar contida uma dupla solidão. Tinham deixado a comunidade porque os tentáculos sociais começavam a sufocar o rapaz. Se precisava trabalhar para seu sustento preferia fazê-lo de maneira independente, sem obedecer a regras. O teatro era outro fardo que não queria carregar. Tudo o que precisava estava disponível na natureza, inclusive o que o teatro lhe proporcionava. Suas reflexões poderiam começar com a queda de folhas amareladas ou o canto de um pássaro. A arte era a deturpação do essencial, para se louvar uma flor o primeiro passo seria esquecer da verdadeira e criar uma feita de imaginação. O jovem queria viver num mundo de pétalas que cheirassem e pudessem ser destruídas com os dedos. Um lugar onde fosse o único responsável por sua dor “minhas manhãs, meu sangue, sonhos e sexo serão imunes a controles... o tempo será impulsionado por meu desejo, e eu o mais consciente dos ramos de relva”.

Ela tirou os olhos da agulha para vê-lo rachar lenha. Perguntava-se se não estariam melhor no acampamento, ou talvez em algum vilarejo. Queria saber por que havia aquela vida solitária.

Escutava tudo o que o rapaz lhe dizia sobre a vida, sem concordar, não era forte o suficiente para discordar. Dentro da ilha em que vivia havia outra que a separava dele. Ela habitava o mundo das circunstâncias e ele o das ideias (apesar de achar o contrário). A moça evitava mostrar-lhe certas contradições porque sabia que seria refutada com veemência e isso destruiria a paz artificial em que vivia. A segunda razão que ela tinha para

deixá-lo ser como era, dizia respeito a sua própria condição, ele vivia num mundo sem certezas onde qualquer imposição tinha a força de uma meia verdade. Enquanto seus pés pisavam dúvidas ela esfregava sem parar suas mãos, achando que dali a sujeira nunca desapareceria.

Enquanto estava no acampamento nutria o sonho pálido de morar numa cidade. Assim que deixou de olhar para o rapaz e voltou a prestar atenção no que costurava, chegou à conclusão que apenas o lugar e a companhia não seriam suficientes para alterar os fundamentos de sua vida, e que o padrão vital em que estava mergulhada se repetiria se ela voltasse para o acampamento ou fosse viver numa cidade rodeada de gente. Somente os símbolos mudariam.

Precisava movimentar-se fazendo com que a mudança acontecesse nas raízes do problema. Ansiosa, permitiu que a agulha furasse seu dedo. Espremeu-o até que o sangue manchasse o pano branco que costurava. Enquanto seu companheiro continuava cortando lenha, ela embrenhou-se na mata, cruzou olhares com o homem que os estava observando, mas fingiu estar caminhando e a cumprimentou com um aceno.

Ele leu solidão em seus olhos. Também dentro de si sentia algo parecido. Afastou-se da cabana tomando um caminho oposto ao da moça. Precisava caminhar, não importava muito em qual direção “de repente dou por mim... desembrulho o presente da consciência, vejo-me obrigada a ser eu, depois disso preciso acreditar com toda a convicção nesse fato... feito isso segue a necessidade de me impor ao mundo, tentando convencer os outros de que me reconheço como ser consciente. Mas as outras pessoas também fazem o mesmo, então a convivência torna-se uma eterna disputa para que os outros reconheçam que possuímos e acreditamos em nossa consciência. Começam a surgir os problemas,

pois algumas pessoas nunca conseguem de fato acreditar que são seres conscientes e que suas vidas são manifestações desse estado. Esse tipo de gente vive pisando em pedras soltas, percorre um caminho confuso repleto de quedas e contusões, às vezes algumas dessas pessoas desenham ou escrevem uma segunda consciência, tentando usá-la como bengala para auxiliar na caminhada.

Há um segundo tipo de gente, aqueles que conseguem acreditar com fervor, e nem por um instante duvidam que suas vidas e consciências são a mesma coisa. Em suas memórias não existe o momento em que desembrulharam o presente, por isso desconhecem mesmo que havia um período anterior a ele. A trilha pela qual caminham é construída por pedras bem fincadas no chão, o problema é que é estreita e muitas pessoas vindas de ambas as direções disputam o mesmo espaço. Como todas elas tem certeza de que possuem prioridade no uso do caminho, o que acontece é uma constante necessidade de se impor, mais do que desejar a trilha só para si, o que essas pessoas querem é não vê-la tomada por outros.

Esses dois tipos humanos, em algum ponto da vida, acabam cruzando caminhos e seguindo a trilha da solidão. A dúvida se mistura com a impossibilidade de impor certezas. A memória da inconsciência desaparece dentro do ímpeto da descoberta e se dissolvem as diferenças.

No fundo dos olhos de qualquer pessoa enxergo os mesmos sintomas, nas crianças vejo a semente não desabrochada dessa mesma condição. Solitário é qualquer ser nascido, por isso não me arrisco a dizer quais os caminhos percorridos pela jovem com quem acabei de cruzar”.

Com o dedo ferido a moça caminhou até se perder. Para ela todas as árvores eram iguais. Não pensava mais em atenuar seus problemas aparentes nem em solucionar os verdadeiros. Seus

olhos perdiam-se na imensidão de troncos, que de tanto se repetir pareciam estar em movimento. Ela continuava caminhando apenas para não ser deixada para trás. A velocidade da floresta crescia e ela se via forçada a aumentar a sua. Dividia sua atenção entre as árvores externas e aquelas que sua imaginação projetava, por isso seus passos apesar de rápidos eram confusos, e por algumas vezes ela raspou os braços em troncos reais.

O mundo tinha ficado para trás, o acampamento era memória soterrada, seu companheiro alguém que ela nunca reconheceria numa multidão, o teatro uma piada esquecida. Ela havia se separado de si mesma. Não pisava em pedras soltas nem disputava terreno para impor verdades, corria descalça sobre um campo de espinhos envenenados. Eles atravessavam seus pés mas ela estava longe e não sentia nenhuma dor.

De repente ela para. Deixa com que as árvores continuem se movimentando e senta-se no chão. Não desiste de nada porque não há nada do que desistir. Seu dedo furado está coberto por uma mancha de sangue seco. Ela fecha os olhos para que seu estômago não sofra com o movimento, mas ela persiste, giram dentro dela florestas de todo o tipo, cheias de bichos, venenos e surpresas. Ela liberta-se do que havia almoçado. Deita-se no chão e deixa com que seus olhos cheios de lágrimas sem emoção, olhem de perto algumas folhas caídas e reparem nas veias secas por onde não corre mais seiva. Duas grandes gotas molharam a folha que lhe prendia o interesse, por um instante achou que vinham de seus olhos. A chuva despencou com raiva e ela procurou não reagir ao ataque, permaneceu deitada onde estava, sentindo os pingos e vendo as poças se formarem. Logo vieram os trovões, mas eles não a assustaram. Ela continuou entregue ao mundo. A chuva aumentou e nublou sua visão. De olhos fechados sentia o ataque dos pingos e o contato da relva com seu corpo. Afora isso

estava imune a qualquer sensação, o mundo que continuasse se movimentando pois ela se abandonara e não iria acompanhá-lo.

Aos poucos a chuva foi perdendo força e a maior parte da água passou a não vir do céu mas a escorrer dos galhos que se abaixavam como grandes mãos que pareciam querer pegar algo no chão.

Mergulhada numa poça ela piscava sem parar. Duas gotas de lama marrom manchavam seus olhos verdes “ardem-nos as vistas, a minha e também aquela de quem não sou... escuras são as luzes que começam a se esconder... eu existo dentro da dor e ela quase se esquece de que existe quando não se lembra de seu penar. Sou duas e cada uma de mim são outras... ela acontece tranquila como pétala de flor boiando num lago, eu que também sou ela, existo como a mesma pétala sendo arrastada pela correnteza de um rio.

Minha origem é reflexo de meu destino, nuvem que mergulha nas águas pacíficas, e permanece lá, sendo duas e sendo nada. Estamos embaladas no imenso, que envolve também a ideia de que estou fora desse pacote, nenhuma das que sou esca-pa. Os dias são peças teatrais que represento para mim mesma e para a plateia de minhas outras... durante as noites os sonhos são ensaios para a apresentação que começa na manhã seguinte. Se não estou representando só posso estar ensaiando. Se não estou morta é porque vivo, aconteço nesse instante, que é objeto sólido sem deixar de ser apenas a imagem e depois a ideia desse mesmo objeto.

Não temo as feras ou a noite, nada pode me ferir... as estradas se espalham cheias de árvores que encobrem pares de olhos observadores, sou toda de vocês, não guardo pudores porque eu também vos espio. Abro-me até o limite do possível, constringendo alguns dos olhos que preferem se fechar. Sou a promessa

de continuidade e a certeza de fim... brilho que existe no fundo da memória, na nascente dos desejos e nas substâncias que ainda não se combinaram para que a luz, que só por um instante iluminará a escuridão, aconteça.

Tenho pés-pisados e mãos-espinho, aconteço em todas as cartas do baralho, mas adoraria que minha presença não avançasse sobre combinações possíveis que figuras e naipes podem compor. Alguém que não possui nervos acaba descobrindo um jeito de sentir dor. Preciso ter limites, mas desejo que eles se expandam, incoerente, almejo preencher com o instante presente todos os momentos que existem entre esse raciocínio e o final dos tempos. Quero que uma imensa “eu sou” engula todas as gotas de suor originadas pelo esforço de existir, daqueles que não são eu. Inviável e molhado é meu retrato. O balde de leite branco mancha a lama escura, as gotas chorosas de uma chuva morta misturam as cores até que o instante claro seja só recordação, memória inventada por um desejo que sabe que todos os pingos que caíram eram transparentes.

De dentro de mim as outras me observam, e eu reparo que cada uma delas tem companheiras ocultas. Leite, lágrimas e lama lavam os corpos dessas mulheres e várias camadas de céu sobrepõem-se às suas cabeças, cada uma delas possui um peso específico e a combinação deles, agindo de maneira desigual sobre cada pedaço do corpo feminino, é o que limita os movimentos, e o que faz com que os rostos sejam reflexos de apenas um, que por sua vez, é imaterial.

Minha missão mítica: mitigar a mim mesma. Elas todas encolherão quando fizer isso, se cresço elas aumentam em tamanho e número. Preciso andar... levanto da poça e vou pingando, contando histórias repetidas para as folhas molhadas do chão. Ando rápido para enganar perseguidores. Efêmera fêmea mãe de to-

dos... origem e destino das lágrimas inteiras, enquanto um céu compacto te prende ao chão, teu germe se espalha transformando todas em tuas sementes. Eu me movimento porque não quero ser encontrada pelo mito. Minto intenções despistando destinos.

São só seus os instantes libertos onde o gerúndio não tem fim, teus ciúmes me querem longe desse tesouro maldito. Riqueza reluzente que pode não te matar a sede se te perderes no deserto. De ti sou perseguidora e fugitiva.

A pétala-beleza feita de morte, bóia nas águas tranquilas do lago eterno, mas isso não impede que ela também não pare nunca de ser conduzida pelas águas do rio, que não faz nada além de prosseguir...”.





## MOVIMENTO

Sobre a lâmina d'água do lago um mosquito caminha sem convicção. Parece desconfiar de que seu peso é quase suficiente para que ele afunde. Um reflexo esbranquiçado o envolve. A barba e os cabelos grisalhos do príncipe bóiam no líquido. Seus olhos azuis são duas ilhas de vida circundadas por pêlos e pele, que aparentemente estão embebidas numa substância mortuária. Sua cabeça parece dividida por duas forças opostas cuja resultante é o retrato interior do príncipe.

Contemplando seu reflexo ele escolhe aquilo que parece estar imune ao tempo, enxerga-se dentro de um azul-impossibilidade. Nada dentro dessa cor parece sólido, só o que traz de seu mergulho são suas mãos vazias. Seu reflexo começa a oscilar levemente, e ele repara na presença do mosquito. Essa percepção o perturba como se o inseto estivesse se movendo sobre sua verdadeira retina.

Num primeiro instante apenas desvia o olhar, mas o incômodo permanece “por que escolheu justamente meus olhos?”

Com dois dedos consegue apanhar o inseto, que luta com todas suas forças contra aquilo, que por ser muito maior que ele, torna-se inevitável. O príncipe acompanha a batalha desesperada pela vida e seu coração chega a experimentar compaixão. Sente que assim como aquela criaturinha, ele também está submetido a forças absurdamente maiores que as suas. A liberdade do mosquito representaria a abertura de um precedente, ele mesmo poderia, algum dia, romper as correntes indestrutíveis que o prendiam, e que nem mesmo sabia a quem serviam, nem o que existiria além dos limites que demarcavam.

Esmagou o mosquito e voltou a olhar para seu reflexo, uma brisa agitava suavemente as águas, mas o suficiente para que ele não mais conseguisse distinguir seus olhos, que agora se confundiam com sua barba e cabelos grisalhos.

Enquanto caminhava para o acampamento ele procurava esquecer o pequeno episódio que acabara de viver. Cruzou com alguns jovens, que carregando varas de pescar se dirigiam para o lago. Cumprimentou-os sem muito entusiasmo. Dentro de si uma força emocional primitiva, escondida fundo, mas forte o suficiente para construir-lhe um nó na garganta, incomodava-se com o fato de que três jovens sorridentes e saudáveis iriam jogar suas iscas no local onde até uns instantes atrás enxergava refletida sua imagem

Chegando ao acampamento reparou que havia uma grande agitação, as pessoas caminhavam de um lado para outro, os céus preparavam uma tempestade, que mesmo antes que a água caísse, já fazia com que os raios cortassem um azul cada vez mais escuro. O ar estava carregado daquele cheiro que antecede as grandes chuvas.

O príncipe caminhou no meio da agitação mas não atribuiu a movimentação aos fatores climáticos. Já há algum tempo vinha reparando que tudo estava mudando. A pequena sociedade havia adquirido um ritmo mais ágil, e cada um dos membros, até os mais velhos, pareciam estar se movimentando mais. Não conseguira definir se isso era algo bom ou ruim, mas percebia que cada indivíduo começava a se parecer mais com o grupo. Da bolha de sabão inicial se desprenderam muitas outras, exatamente iguais à original. Como cada pessoa passou a gradualmente depender menos das outras, o acampamento tornava-se cada vez mais silencioso. O individualismo aumentou a quantidade de fumaça, pois muitas fogueiras co-

zinhavam pratos diferentes, que eram saboreados por cada vez menos pessoas.

Mas o núcleo central do acampamento resistia, e quem quisesse poderia continuar comendo na cozinha coletiva. O homem agora só tinha três alunos, os outros ou recebiam instrução de seus próprios pais, ou então procuravam descobrir sozinhos os segredos da floresta. Ele aceitava com passividade a diminuição do interesse por seus ensinamentos, que foram aos poucos se estagnando em repetições vazias de conteúdos .

Ao mesmo tempo em que boa parte dos moradores fora contaminado com essa energia vital que os fazia movimentar-se em busca de uma independência, também se espalhava entre essas mesmas pessoas uma força oposta, um conformismo de quem está fugindo de tudo, eliminando todas as possibilidades.

O acampamento tornava-se uma cópia do reflexo do rosto do príncipe no lago, e o predador devorava a presa mas ao mesmo tempo continuava convivendo com ela.

A tempestade desaba atravessando as águas calmas com lâminas poderosas. O dia anoitece e os relâmpagos parecem advertências pessoais dirigidas a todos os habitantes da floresta. Os jovens que pescavam procuravam abrigo numa árvore próxima, mas logo percebem que a proteção era inútil. Então decidem voltar para o acampamento caminhando tranquilamente. Escutam os trovões e enxergam os relâmpagos, mas eles lhe parecem ameaças tão distantes que não chegam a apavorar. Imitam o barulho que vem dos céus e explodem em risadas. Encontram o acampamento quase deserto, a maioria das pessoas esconde-se em suas cabanas torcendo para que o temporal acabe, e com ele as ameaças que sofrem.

Os três jovens completamente molhados ainda conversam um pouco antes de se recolherem. Repararam quando a pionei-

ra do acampamento, mesmo debaixo de uma chuva torrencial sai de sua morada e embrenha-se na mata. Um dos jovens fica curioso para saber onde ela ia, pensa em segui-la de longe mas acaba desistindo.

Ao contrário de sua companheira, o homem está bem protegido em sua cabana, enrolado em vários cobertores e usa também alguns panos para lhe cobrirem os olhos e ouvidos. Mergulhado em um mundo particular não tem nenhum contato com o que acontece lá fora. Encolhe-se e não quer que ninguém o encontre. Dentro de si escolhe sempre os cantos mais escuros e silenciosos e cada um deles possui dentro de si outro com menos luzes e ruídos. Ele busca o exato contrário de si mesmo, quer ser a sombra da chama e depois deseja que as luzes consigam produzir sombras tão grandes que as possam engolir.

Encostada em um grande carvalho a mulher se deixa invadir pela tempestade, pouco enxerga mas muito escuta. Os trovões diminuíram mas o contínuo sussurro das gotas parece que lhe conta várias histórias, todas interrompidas. Escuta o que a chuva lhe diz procurando emendar palavras para formar frases “A natureza não funciona desse jeito... nem eu mesma sou assim... a vida-sequência é mentirosa... eu aconteço muitas vezes ao mesmo tempo... gotas que brincam com poças e depois se deixam secar... água que vira luz azul... cortando a vida linear mais aparente, existe uma linha perpendicular que forma uma cruz, os quatro espaços em branco que derivam dessa intersecção não estão vazios. Escondem tantas linhas quanto sejam possíveis existir, de forma que o que antes parecia ser apenas uma linha reta e em seguida uma cruz, revela ser um círculo perfeito. Uma linha reta perfura o centro desse círculo deixando aparente uma terceira dimensão, e todos os espaços também são preenchidos, surge a esfera. Sobre a superfície da bola cristalina luzes

refletem-se e também desenham em seu interior formas de todas as cores. Eu aconteço por todos os cantos”.

Ela se lembrou de uma das primeiras apresentações teatrais que assistiu logo que a trupe chegou. Despiu-se de suas roupas e com um pedaço de galho quebrado improvisou uma espada que apontou contra os céus, seu útero e coração. Em seu discurso mudo escutou o que o mundo lhe contava, sentiu os raios de sol em forma de gotas de chuva e dançou nas poças lamacentas até que um toco de madeira manchasse com uma gota vermelha o marrom-terroso. Sentada no chão acariciava seu pequeno ferimento enquanto percebia que a tempestade começava a perder força. Conseguia olhar para cima e distinguir o instante em que terminavam as árvores e começava o céu. Percebia esse encontro como uma fração de tempo. As nuvens escuras eram momentos, que misturados com a lama que experimentava sobre sua pele, a dor que sentia no pé e a altura das árvores, compunham o aroma dentro do qual ela existia. Ela vivia aquilo sem compreender. Um presente aceito por uma criança.

Um homem mudo chegou ao acampamento. Interrogado respondia com gemidos ou desenhos sobre a terra, mas nunca conseguiu que alguém entendesse o que tentava dizer, as perguntas se repetiam “De onde vens?” “Quem é você?”, ele parecia angustiado por não conseguir responder, mas seus desenhos não passavam de combinações de figuras geométricas que ninguém conseguia ligar às perguntas que eram feitas. Apesar das dificuldades de comunicação, em pouco tempo ele se integrou à rotina, construiu sua própria cabana e realizava o trabalho braçal de dois homens. A partir desse instante ninguém mais quis saber quem era e de onde viera aquele homem, ele pareceu que sempre estivera por ali, e a memória coletiva o concedeu a condição de pioneiro do acampamento.

Quando não estava rachando lenha ou realizando outros trabalhos pesados, gostava de desenhar no chão suas figuras geométricas. Enchia os olhos de um sorriso puro quando alguma criança parava para vê-lo desenhar. Ele então apagava com o pé as linhas que riscava e fazia outras muito parecidas, o que parecia fascinar as crianças e a ele próprio era o instante em que criava e não a obra terminada. Às vezes algum menino pegava um pedaço de pau e começava também a rabiscar a terra com círculos e quadrados, até que outra brincadeira mais interessante os atraísse.

Igual ao mistério de sua aparição foi seu sumiço, sua cabana esvaziou-se e nenhuma pista foi deixada para trás. Por alguns dias esperaram por seu retorno, mas logo aquela figura foi devorada pelo esquecimento.

Muitas das crianças cresceram e buscaram novos interesses. O acampamento transformava-se, as cabanas espalhavam-se por um perímetro grande e guardavam independência entre si. De uma maneira diferenciada renasceu o hábito das apresentações noturnas. À noite, quem caminhasse pela floresta encontraria muitos pontos de luz, ao redor da fogueira grupos de três ou quatro pessoas declamavam poesia, contavam histórias, jogavam cartas ou então se faziam perguntas, que normalmente eram respondidas com outras, que acabavam conduzindo a novas dúvidas. Sobre o céu cinzento da memória soprou um vento noturno que espantou as nuvens e clareou o dia. O homem percebia que envelhecera e invejava o vigor físico que possuía quando construiu a primeira cabana que deu origem a todo acampamento. Se lembrava do dia em que pela primeira vez tinha visto a mulher caminhando desorientada pela floresta e como o verde de seus olhos se confundia com o da vegetação.

Esse dia claro da memória aconteceu durante uma noite estrelada. As pessoas caminhavam entre as fogueiras procurando

descobrir o que cada uma revelava. Na primeira delas o homem encontrou um espetáculo de fantoches encenado por dois rapazes que ele havia visto nascer. Todas aquelas luzes que rasgavam a noite faziam parte de um jogo de consequências do qual ele havia sido protagonista “pretensão de um tolo envelhecido, sem que houvesse alguém para responder minhas falas eu jamais continuaria despejando pensamentos no vazio, sem um contra-regras para apagar o fogo a floresta arderia em chamas”.

Apesar de haver três crianças assistindo ao espetáculo de bonecos, ele percebeu que o texto não era infantil, e que os jovens usavam a velha técnica da improvisação que ele conhecia dos antigos espetáculos. Escutou algumas frases que lhe pareceram bastante poéticas mas não conseguiu emendá-las para compor algum entendimento. Estava mais interessado em como a luz da fogueira encaixava-se na noite. O movimento das chamas hipnotizava tanto quanto um pôr-do-sol dourado, mas a brisa noturna emprestava mais vitalidade ao fogo, que mudava de cor e fazia com que sua chama única se transformasse em cinco dedos incandescentes que se abriam e fechavam, apontando para várias direções. Ele aceitou a sugestão de uma labareda e continuou sua caminhada, encontrou outro grupo em volta de uma fogueira. Um homem contava uma história e quatro pessoas escutavam. Sentou-se no chão e percebeu que as chamas apontavam unânimes para o alto, deitou-se e mergulhou no céu estrelado. Sentiu uma estranha felicidade quando respirando o ar noturno encontrou-se com constelações. As palavras do contador de histórias eram um distante murmúrio que não impediam que ele sentisse que estava numa fronteira entre os dias e a distância. Sorvendo os sabores dessa rara condição, acontecendo enquanto acontecem, fulgurando na noite e refletindo léguas, ele é, sendo...

Levantou-se do chão. Seus olhos azuis esverdearam-se. Percebia que assim como era ínfimo poderia ser imenso. A espe-



rança multiplicava suas raízes mas desconfiava que não haveria terra para nutri-las. Mesmo assim essas formações desengonçadas preenchiam um espaço que por muito tempo estivera vazio. Continuou sua caminhada até uma terceira fogueira onde dois atores encenavam uma peça teatral, a plateia era composta por meia dúzia de pessoas, dentre elas, a mulher. Ele sentou-se num canto e poucos olhos teve para os atores. Observou sua companheira à luz do fogo, seu rosto acomodava-se aos anos, aceitando a diminuição de cores e firmeza. Essa constatação não tinha muita importância. A mulher não tirava os olhos da apresentação e o homem dela.

Ele tentou, ou conseguiu, ou pensou ter conseguido, enxergar além de sua aparência. Parecia que se desprendia da cabeça dela uma nuvem perfumada e lilás, que era formada metade pela memória dele, e a outra metade por algo que realmente vinha de dentro dela. Essa substância flutuou até envolvê-lo, embelezando fogo e escuridão.

Olhando para a floresta percebeu que ainda havia mais duas manchas douradas com gente em volta. Deixou-as acontecer sem sua participação. Precisava caminhar porque sentia a noite como um dia claro, cujo sol não queima a pele nem faz suar. Experimentava ao mesmo tempo todas as vantagens da lua, e o claro escuro iluminava a imagem daquela mulher. Instantes de todas as épocas, reais e imaginários, pediam preferência, e depois de mortos eram transformados em destroços que voltavam a construir o retrato dela.

Caminhando para o acampamento aconteciam-lhe prazeres desconhecidos. A noite tinha novas luzes e as árvores outras sombras. Tudo lembrava um cenário teatral e as pessoas que enxergava distantes eram figurantes de seu monólogo improvisado. Ele estava pronto para falar mas preferiu respirar. Encheu os

pulmões do perfume que ainda sentia e abandonou as palavras, julgando-as inúteis. Sem se importar por não ter nenhum espectador, encenou sua peça muda, a simples história de um homem, que tendo encontrado glórias desconhecidas, caminha de volta para casa esperando apenas por um sono tranquilo.

Ao mesmo tempo em que escutava as falas dos atores a mulher distanciava-se. Ouvia a música dos diálogos sem processar o sentido das palavras. Esses sons faziam vibrar seu coração e espalhavam movimento por todo seu corpo. Ela permanecia parada com olhos fixos no espetáculo, o gestual dos atores dançava acompanhando os sons. As palavras não estavam ali para explicar ou emocionar, não eram construtoras de símbolos, e se tivessem algum significado seriam o símbolo em si. Ente monolítico ou ilha sem água ao redor.

Estranhas percepções disputavam seus olhos, parecia-lhe que tantos os atores quanto o resto da plateia também estariam percebendo o mundo como música percussional que incita os corpos ao movimento. Todos resistiam restritos a seus lugares, inclusive os atores, que apesar de se movimentarem, o faziam dentro dos limites impostos por seus personagens.

A energia soprada pela brisa noturna não permitiria que as pessoas assistissem a algo que não estivessem participando. Nem que os símbolos acontecessem soltos sem nada representar. A ansiedade cheirava a fuligem e avermelhava os olhos de todos. Viajava na noite contaminando os manipuladores de bonecos, as crianças e os corações esvaziados.

Os corpos precisavam de mais espaço do que aquele que dispunham, e essa falta parecia diminuir a quantidade de ar disponível. A irritabilidade e o egoísmo atravessavam várias noites fazendo com que os olhos da mulher permanecessem sempre na mesma posição, assistindo e percebendo, inflando o reservatório do insuportável.

O vento aumentava o poder contaminador espalhando a ânsia pelo desconhecido, chegando até as cabanas mais isoladas. A pá do símbolo precisava cavar buraco. A terra retirada da crosta se acumulava em alguns olhos sorridentes, que mesmo contaminados de ansiedade enxergavam encaixes nos dias estilhaçados.

A mulher percebia a disputa e postava seus olhos verdes onde a batalha estivesse mais interessante. Admirava corpos que se deixavam enterrar na cova rasgada pelas pás simbólicas. Entretanto era frágil e julgadora, e desprezava os simples rachadores de lenha por suas impossibilidades naturais de ser algo além de rachadores de lenha.

As águas de dois rios opostos se chocavam com violência, inundando as margens daquela mulher. Ela enxergava as incoerências em qualquer um que atravessasse o caminho de seus olhos. Mas quando as percebia nos outros elas eram completamente indolores, frutos de uma inocência primitiva, que por não poder manifestar uma consciência profunda, também não desenvolvia os nervos suficientes para que as dores fossem agudas. Em contrapartida seus olhos percebiam sombras que não eram aparentes, cheiros de cores vazias e insípidas ampolas do tempo. Ele pagava o preço referente a essa capacidade latejando noites e suspirando dias, no fundo invejando os inocentes que apenas racham lenha sem perceber o peso do céu azul sobre suas cabeças, cortam madeira até que seus braços se cansem e o sono inconsciente os faça acordar descansados para mais um dia de atividades.

O peso de ser, exime os outros da mesma condição, tornando-os entes, que no máximo, estão.

Ela era, é, está e estava, e além de tudo ainda precisava respirar. Era impossível cumprir todas essas tarefas com perfeição e frequentemente sofria de falta de ar. Precisava deitar-se no chão,

e enquanto olhava os desenhos que os galhos das grandes árvores riscavam nos céus, sugava com dificuldades o que seus pulmões reclamavam. Consequira voltar a respirar normalmente, mas sempre ficava com a impressão de que os galhos pareciam com rachaduras e além dela, o próprio mundo também sofria das mesmas dores. A floresta precisava ser muitas coisas ao mesmo tempo, sem conseguir realizar tudo com perfeição, às vezes deixava de lado aquilo que sustentava os outros vértices, colocando em risco todo o edifício.

A falta de ar se tornou um problema frequente na vida da mulher. A simples possibilidade de que seus pulmões não conseguissem mais nutri-la fazia aumentar a procura por ar. Quando as crises aconteciam, ela decidiu não mais deitar-se, se caminhava ou corria, o vento contrário diminuía sua ansiedade.

O rapaz continuava rachando lenha enquanto sua jovem companheira se imiscuía na floresta. O sol viril desafiava seu corpo ainda marcado pela inocência de uma manhã. A terra conhecia o sal de seu mar interno através das gotas que lhe escorriam pelo corpo.

Quando os braços cessam de levantar e abaixar o machado, os lábios abrem-se buscando mais ar e as pernas curvam-se para que ele sente sobre um tronco. A aparência indica uma diminuição no movimento, que parece cada vez mais restrito a seus pulmões. Como os reflexos não passam de imagens distorcidas, plantado em sua calma ele voa e navega em pensamento, invade regiões mentais impossíveis de serem conhecidas enquanto fazia uso de seus músculos “diante de tudo o que mais eu sou? Que sou? Criança olhando para um céu escuro iluminado por pontos brancos que refletem nas águas de um rio, e é atrás dessas

imagens que corro. Elas me fogem da mesma maneira que eu as encontro e acabo perdido. Outro é aquele que as vê refletidas em suas mãos. Macho violador do segredo natural, rijo espírito cor de sangue fecundado pelo existir. Ativo perseguidor de terrenos vadios, semeador de dores e sêmen. Ouvidos atentos para escutar os passos de minhas vítimas, surdo quando percebo que com meus olhos só enxergo o que está refletido, armadilha na qual cada vez mais prendo meu pé.

Arrasto para baixo uma estrela para que deixe de ser imagem e símbolo. Permito que seu calor me doure a pele até o limite do suportável. Agora grito de dor mas é o berro de um ferido que consegue soltar o pé da armadilha e corre buscando socorro. A resposta é que para meu ferimento não há cura, ou então que não há nada de errado com minha perna. Afundo a dor que sinto num oceano sem fundo, o alívio é tão grande que aos poucos começa a me causar desespero. O prazer é prenúncio de que alguma dor começará. Só não sei quando nem onde. O sal marinho corrompe meus tendões e meu sexo, destruindo minha condição de fertilizador e me colocando à mercê de meus predadores naturais. Saio das águas com todas as esquinas de meu corpo ardendo, e o ar gelado da noite sem dia me espera com novo alívio, ansiedade e desespero não tardam.

Sendo esse grande círculo de acontecimentos inevitável, passa a ser muito relativa minha condição de macho empreendedor, porque qualquer que seja minha ação, ela só terá algum efeito sobre os reflexos e nunca sobre os objetos refletidos. Castrado de meus poderes ilusórios descubro não possuir os verdadeiros... pluma levada pelos ares, símbolo que nada significa, mas que se percebe e sente, decifrando-me incompleto e ardido persigo preenchimentos de todos os tipos. Com meu cérebro combato meu sexo, dois soldados ensanguentados agonizam num campo enla-

meado, em círculo giram procurando apoio para se levantarem... em vão, muito próximos observam cada um deles o fermento alheio, e como é patética e frustrante a tentativa de seus oponentes de se colocarem de pé. Sujos de lama e pálidos pela perda de sangue, só o que cada um deles pode fazer é sujar o outro com os respingos de terra suja. Seus olhos começam a vazar vida, o medo instala-se no fundo de suas pupilas e espalha suas raízes.

Dessas duas metades provisórias é que sou constituído, o sangue que por muitas fontes de mim escorre, rega uma árvore que nasce do chão tentando perfurar meus dois corpos, incômodo invisível cujo tronco sem existência traz o peso de mil toras concretas. Da lama onde navegam os dois corpos quase sem vida, e que ainda usam as poucas energias que possuem para o combate, desse pântano escuro de medo e putrefação nasce a necessidade de que cada um dos moribundos exprima, com os últimos rasgos de suas vozes, alguma coisa que cheire a certezas.

Se sou a soma desses dois farrapos e possuo duas vezes mais que cada um deles, também somam-se em mim a morte e o medo que lhes oprime. Pesa-me um fardo duplo. Preciso do dobro das certezas.

Espirro mais lama e meus círculos têm circunferência maior que os deles. Quando alguma gota entra em meus olhos cegando-me provisoriamente, abraço o primeiro corpo que estiver por perto e que possa servir de apoio. Conto nos ouvidos dessa pessoa minhas verdades, todas que ela conseguir suportar, derramo-lhe esperma e mesmo sem nada conseguir enxergar, guio-a por caminhos tão estranhos para mim quanto para ela. Alívio momentaneamente a angústia, tapando esse orifício com a terra retirada das dúvidas solucionadas, que por sua vez geraram outros buracos com os quais por enquanto não me preocuparei.

Enganando os outros acabo conseguindo aliviar meu

sofrimento, mas meu caso é crônico e progressivo, meu abraço não é nada além de uma maneira de prolongar uma situação inevitável. Sendo inviável e não conhecendo nem me interessando por nada que não seja minha própria condição, não farei qualquer distinção entre os corpos que por mim forem abraçados.

Manhãs mornas mergulham na praia primordial, onde as estrelas encontram o horizonte. Dias distantes acontecem sobre as areias e os reflexos. Vivo numa penumbra sem hora e meus almoços são recheados por muitas luas. Para cada ato que executo corresponde uma sombra que permanece oculta e vai sendo arquivada em um grande livro que as decifra. Se me esforço consigo lê-lo e compreender as consequências escondidas da vida. Dentro dessa linguagem abre-se outro compartimento, são as sombras das sombras, os espelhos empilham repercussões até não haver mais tamanho que as comportem. Movo-me até onde minha consciência consegue entrar, depois finjo que não há nada além dela, e que a força de meus músculos permitiu que eu cavasse o buraco mais fundo que existe.

O sol prateado espalha-se por meus olhos. Sobre a fina camada de areia descubro tocos de madeira que percebo serem raízes de árvores se desenvolvendo de cabeça para baixo. Em cada uma de minhas unhas encontro uma lua esverdeada. Alguém caminha no horizonte mas parece que nunca se aproxima, o movimento não consegue aumentar o tamanho de sua silhueta, a presença escondida eterniza-se no canto de meu olho, é fina agulha que acompanha os dias espetando-os com recordações inconvenientes. De muitas abóbodas faço parte, ecoam por tantas camadas cheiros e pressentimentos, que me incluem e apagam.

É cravado nesse solo sólido que erijo minhas ironias, excluo incertezas para conseguir enxergar meu retrato e nele acreditar. Depois me esforço para que outros engulam o prato que preparei

e que eu mesmo não consegui digerir por inteiro. No exato encontro de todos com ninguém, enfio meus olhos e voz. Bem estabelecido dentro do provisório, enxergo-o perene, esqueço que flutuo sem raízes e que meus movimentos se parecem com os de uma pluma que é carregada pelo vento. Orgulhoso de minhas piruetas procuro imitadores, contente com os que me copiam desejo que eles respeitem cada uma de minhas acrobacias, mesmo que eu não saiba por que as faço nem que sentido possuem. Saltador inglório exponho minhas fraturas como troféus, exigindo que salivas próximas anestesiem minhas rachaduras. Sem saber nem o porquê nem quem sou, determino que outras pessoas também sejam, e que elas se entendam com suas dúvidas, pois isso já não é problema meu. Quem não é eu não possui meus nervos.

Luzes dispersas falam de um amanhã sem mim, fragrância descrita sem referência físicas, outros “eles” enroscam-se com “eus”, cada um é objeto e reflexo, riacho que corre nos dois sentidos e que só consigo perceber quando diminuo a consciência de existir e me aproximo do contrário de mim. Essas auroras coloridas misturam formas verbais com acontecimentos que estão espalhados por toda extensão do riacho, criando penumbras e aglomerados de lilases, grenás e uma esfera de outras novas cores.

Construo uma maneira de participar desse mundo sem mim. Envolvido pelos brilhos coloridos e pairando sobre as águas confusas, consigo vislumbrar uma figura solitária, me infiltro onde não deveria estar, naqueles dias onde não mais existirei, e de lá enxergo um homem jovem porém cansado, que com um machado na mão descansa em um toco de madeira.”

O corvo escuro assustou-se quando o rapaz voltou a cortar madeira. O pássaro pousou sobre o velho carvalho que ficava bem no centro do acampamento. Seus olhos amarelos perceberam que aquele mundo mudava. Grupos de jovens debatiam



ideias e mexiam os braços. Homens e crianças sentiam a agitação que costuma anteceder às tempestades. Mas os céus não tinham nuvens.

O príncipe discursava para dois ouvintes sobre o fim de uma era, os homens procuravam apenas uma brecha em suas frases para exporem seus pontos de vista. As ondas vinham de todos os lados e o mundo parecia se cobrir de espuma. O pássaro sumiu no horizonte deixando espaço para o diálogo:

“De mim exalam enigmas que esvaziam o sono. Os dias se enchem de episódios estranhos. Ata-se a uma espada um lago, e a uma esfera, outra. As cordas não conseguem compor nada compacto. Sob o apelido de “vida” emolduram-se retratos sem rosto. Rastejo pelo antídoto da compreensão, rogo que ele acalme as chagas que me poluem os dias. Derivo de uma realidade plena, e por ser parte dela e não apenas ela, sou rasgo dolorido no manto da perfeição.

Submetido à ameaça de que minhas dores um dia cessarão, luto ao mesmo tempo para preservá-las e destruí-las. Da morte sagrada peço distância e acolhimento.”

“O senhor conheceu mais dias do que eu, isso me faz escutar com atenção redobrada as impressões que lhe cobrem a alma. Percebo o tempo esticando crenças e fazendo-as ceder, mas também agindo de modo contrário, brotando sementes em terras áridas.

Vislumbro a estrada que deverei trilhar, reparando em como são parecidos caminhos com nomes diferentes. Muitos percebem a semelhança do destino final, mas só uns poucos se dão conta de que têm pouca importância as diferenças na paisagem percorrida.

Mesmo sabendo disso, meus escassos anos vividos ainda fazem meus olhos brilharem com alguma surpresa cotidiana. Ainda sorrio com inocência quando alguma cor brilha mais do que deveria. Apego-me ao provisório e desconsidero o espaço para novas

raízes que precisarão desbravar a terra. A morte me parece uma realidade tão distante que só o que me atrai é o mistério, a juventude me torna imune às conotações negativas que ela pode propor. Namoro o encantamento da transformação e o brilho opaco contido naquilo que deixa de lado a existência. Surpreendem-me as tonalidades e cheiros, os sons incrustados no não viver, o regato traiçoeiro cheio de borbulhas ocultas, o limo acinzentado escondido sob pedras pesadas, a pétala desbotada encolhendo-se no chão. Acontecem em mim instantes de todas as luzes, mas encantam-me as poentes, cheias de um amarelo-ouro que acabou de ser desenterrado.

Os muitos dias que me restam só são numerosos se não coloco as pedras nem os rios nessa comparação. Existo entre dois suspiros da floresta, e a brisa que alivia o suor de minha testa é a mesma que soprará um mundo sem mim.

O ruído das folhas mortas em que piso despede-me de ilusões, e minha pele viçosa ganha importância relativa. Excluo-me do paraíso vicejante quando percebo que por uma mão me puxa meu próprio nascimento e pela outra...”

“Sou aquela que está na metade do caminho. Para cada dia vivido pelo jovem experimentei dois, mas da grande jornada do ancião só conheci até o horário em que o sol está a pino. Por isso sou igualmente diferente de cada um de vocês. Porém, concordo ser essa separação ilusória, pois ramos de todos os tamanhos e cores são levados pelas águas do riacho e acabam encalhando nas margens. Para uma vida inteira pouca diferença há entre uma ou quatro piscadas de olhos. Há porém outra diferença que, pelo menos em aparência, é bem mais significativa, e que me transforma em espécie distinta da vossa. Sou a que recebe e gera, em mim acontecem flores que encantam e assustam, ao meu redor zumbem abelhas sedentas por meus estames, enquanto isso

eu permito o sol e os franzidos de minha pele. Como pedra lisa aceito que o riacho em declive me despeje suas cascatas e forme espumas, que continuarão com a correnteza. As luas em mim cavarão saliências, e pedras e flores se mostrarão aparentadas. Vocês espalham as novidades, eu as escuto e as digiro, sou a espuma que aceita ser arrastada pelas ondas até as areias, e que depois apenas permite que o sol a derreta.

Nossas essências nos separam porque vocês são ondas que, grandes ou pequenas, nunca deixam de ser impetuosas e constroem para si um arco que desafia os céus. Quando entre vocês acontece a aceitação é porque foram vencidos, mas quando me virem perpetrando um ato de bravura é que sinto que outras forças querem modificar o que sou. Mesmo quando minha voz se ergue para pedir vez, quem fala é mais do que uma vontade contrafeita ou um desejo ardente, gritam minhas pernas, sexo, cabelos, olhos e unhas, envolvo a presa que me opõe sufocando-a. Jamais derrotarei a fera com um golpe de espada, prefiro que ela nem chegue a manifestar sua ira.

Dos dias estou longe das luzes dramáticas do romper da aurora ou do sol morrendo. Em mim não enxergarão fragmentos dourados ou rosáceos convidando para a união. Nem escutarão promessas de um amanhecer que desabrocha no horizonte, trazendo consigo muitas tonalidades que encontramos em um roseiral. Ao contrário disso sou a luz morna do meio da tarde ou o rosto de um doente que gradualmente recupera-se e vai preenchendo de vida as sombras de sua fisionomia, essas luzes anônimas que são os pilares enterrados dos dias. Contenho em mim nascimentos e mortes, porque aquilo que ilumino também obedece ao mesmo roteiro aos quais sóis e luas estão sujeitos.

Foi por isso que afirmei anteriormente “...há outra diferença, QUE PELO MENOS EM APARÊNCIA, é bem mais

significativa”, mesmo o sexo, não é algo que no fundo me separe tanto de vocês. Nossos pontos em comum são infinitamente maiores do que nossas diferenças. O ímpeto febril que vocês possuem, e que talvez marque nossas distâncias, também existe em mim, o que ocorre é que se manifesta de maneiras diferentes, em vocês tudo é muito concentrado e o pouco que escapa do cérebro raramente ultrapassa o coração. Em mim, o que sou se espalha por todos os cantos do corpo e minhas vontades me acompanham. Por isso é difícil identificar em mim grandes arroubos, isso porque sou eu mesma toda minha vontade dissolvida.

Dos céus somos estrelas idênticas. Tingimos o olho poético postado em um planeta neutro, com impressões essenciais de uma mesma luz celeste. Eclode apenas um símbolo que é transferido ao papel para que outros olhos enxerguem na unidade todos os estilhaços de seus cotidianos, ou se quiserem façam o exato oposto. Quem na escuridão observa os pontos esverdeados não consegue distinguir o sexo dos vagalumes.

Iguais são nossos nascimentos e temos a mesma necessidade de movimento. Gritando sem sermos ouvidos angustiamonos porque nossas luzes nunca preencherão todos os espaços escuros, e caso o façam, choraremos por não mais suportarmos claridade. O instante molha meus olhos com gotas fosforescentes que não me permitem descansar. Nossas bocas em vão tentam morder algum alimento definitivo, os maxilares movem-se inúteis até quase saírem do encaixe, mostrando tudo o que há neles de ósseo e transitório. Ao ente nebuloso que nos acossa somos também perseguidores. De olhos estanhados e fôlego frágil sentimos sua presença raspando nossos calcanhares e resvalando em nossos narizes. Se diminuimos a velocidade, quem nos persegue também faz o mesmo.

As gotas ácidas não deixam que olhos se fechem nem

abram. A inconstância nem aos mortos dá descanso. O teatro explode dentro de mim e em outras partes que também sou eu. Ela vem vindo e também está indo. O acampamento rompe suas amarras, porque boa parte de seus habitantes teme e deseja a estranha MORTE DIABA.

## A MORTE DIABA

Pássaros vermelhos voaram, pareciam pequenas gotas de sangue flutuando sobre um mar de árvores vermelho-escuras. Pousando, ou coagulando-se em galhos, tiveram suas cores devoradas por uma noite seca, azul e fria.

A primeira estrela serrou a corda da paz apodrecida. A soma de instantes parecia que não mais conseguia ser suportada pelos afazeres de uma vida rotineira: as sobras dessa soma traziam insônia, angústia e gritos alheios, que rompiam o silêncio que a cada instante escurecia a aldeia. Essa condição interna se manifestava em desarmonia, discussões, e em um desânimo coletivo que parecia espalhar-se como uma peste.

Durante os dias o sol estava apimentado e as noites traziam um incômodo salgado que nunca deixava em paz a pele dos moradores. Instaurou-se um odor secreto que aumentava as coceiras e os suspiros sem razão. Presentimentos enjoativos nublavam as esperanças anulando surpresas e transformando o instante em repetições de fatos consumados. Os velhos eram os que menos sofriam com essa situação, nutriam-se da acidez aceitando sua corrosão.

O líquido social vazava por múltiplos furos empossando-se em cantos que demoravam a evaporar. Essa água estagnada continha todas as tonalidades escuras e limitava o terreno que poderia ser pisado. Essa falta de espaço comprimia desejos, que quanto maiores fossem mais comprimidos ficavam.

O instante parecia perder seu brilho, parcialmente encober-to pelas poças negras. O que resultava era uma poeira sulfuro-

sa que atenuava contornos e texturas. A brisa deixara de aliviar o calor do presente, e o movimento parecia apenas diminuir a quantidade de ar. Os jovens saltavam, procurando desviar da água estagnada e lamentando terem de gastar tanta energia com esses cuidados. O tempo era frágil, acontecendo em fatias mor-nas, mesmo assim parecia comandar grandes dedos imaginários que tocando um tambor invisível ditavam um ritmo para a aldeia. O batuque era progressivo e a melodia só fazia se sofisticar.

O ar agitava-se, e muitos dos moradores que há tempos abandonaram o núcleo do acampamento voltavam a frequentar as reuniões noturnas e até os almoços. Algo se movimentava, e o burburinho começava a se parecer com uma grande onda, que por já estar preparada para desabar, é inevitável. A eferves-cência é como uma praga que se espalha com rapidez, e logo os pequenos aglomerados de ideias agrupam-se formando sua própria oposição.

Um bando de aves verdes sobrevoou aqueles que, discursando animados, moviam seus braços apontando para o interior da floresta. A mata parecia agitada pelo barulho de animais ocultos. O vento balançou as folhas das árvores que encobriam o outro grupo, que se opunha ao primeiro. Eles pareciam menos agitados e sentados no chão escutavam a dois líderes, que ao invés de apontarem para a floresta indicavam com seus gestos o próprio acampamento.

O homem e a mulher, pioneiros daquela civilização, pertenciam ao primeiro grupo. Caminhavam ansiosos de um lado para outro, enquanto os mais jovens realmente acreditavam naquilo que diziam.

Ele deixara crescer uma longa barba que estava completa-mente grisalha, suas pálpebras assentaram-se sobre os cantos dos olhos, de modo que metade de suas vistas ficavam encober-

tas por suas próprias carnes. A parte que continuava livre tinha o mesmo brilho do dia em que ele decidiu entrar na floresta.

Ela permitira que seu rosto envelhecesse sem perder a dignidade, as maçãs da face desceram e agora apontavam para baixo, sua boca ganhara alguns vincos e seus cabelos loiro-acinzentado estavam presos, e compunham um contorno elegante para sua cabeça. Seus olhos poderosos mantinham o verde vivo, mas ganharam molduras de rugas que pareciam as nascentes de um riacho.

Enquanto caminhavam como se estivessem aguardando o veredicto de algum julgamento, o casal reparava em como eram esperançosos os olhos dos jovens que escutavam as ideias expostas, em como as bocas livres de qualquer marca do tempo, estavam prontas para gritar unânimes uma palavra de ordem. Perceberam também como as mãos agitavam-se e os dedos impacientes friccionavam as palmas.

Explodiam decisões, os jovens corpos agora se movimentavam, as vozes começavam a soar, primeiro como opiniões isoladas, depois se agrupando em sons cada vez mais parecidos. Tornava-se muito difícil não pertencer a essa força. Ele e ela sentiram que não poderiam resistir, e que mesmo que concordassem completamente com aquela avalanche energética, nada poderiam fazer. Nem mesmo juntar-se ao grupo de opositores evitaria que as modificações acontecessem. O casal continuava caminhando em círculos, lentamente, ambos tinham os olhos voltados para o chão, como quem espera escutar seu nome. A ansiedade dos mais novos fazia que eles recebessem encontrões e empurrões involuntários. Instintivamente os dois se afastaram do centro da agitação, e dando alguns passos avançaram floresta adentro procurando enxergar a situação de longe. A mulher fixou sua atenção em uma moça por cujos olhos escorria uma esperança desenfreada, cada pedaço de seu corpo era sintoma des-



sa situação. Lâminas invisíveis projetavam diante dela florestas de diversas profundidades. Ela desviou o rosto. O avistamento da jovem parecia lhe trazer alguma recordação, ou então a lembrava de algo que não havia acontecido.

O homem caminhou alguns minutos até chegar ao outro grupo, que parecia bem menos mobilizado, algumas pessoas conversavam, um rapaz iniciava a construção de uma nova cabana, mulheres lavavam roupas em silêncio. O que pairava no ar era uma tonalidade de resignação, que misturava o orgulho de alguém que sabe não ter se precipitado, com o arrependimento daquele que percebe ter desperdiçado uma oportunidade. Uma fogueira mantinha viva chamas que lutavam contra o vento.

O homem não soube dizer qual dos dois partidos lhe parecia mais atraente, entrou na floresta buscando a neutralidade mas já sabendo ser ela uma ilusão. A fumaça da fogueira invadia a vegetação parecendo persegui-lo. Trazia um odor que lembrava seus primeiros dias na floresta, tempo em que o mundo inteiro cheirava molhado.

Retrocedeu alguns passos e encontrou a mulher, sem se falarem os dois compreenderam que viviam instantes de mudança e escolha. Ela enxergou o jovem robusto que a surpreendera caminhando sozinha. Ele percebeu o sobressalto daquela moça que não tinha muitas respostas para sua presença em um lugar tão selvagem. Inóspitos foram aqueles momentos, o sol começava a baixar e ambos sentiam que os instantes mais precívalos do dia combinavam com o que estavam vivendo. A penumbra descia sobre dois humanos cheios de sombras. As luzes se distanciavam mas ainda brilhavam nos olhos de cada um.

As decisões eram tomadas ao redor e invadiam o reduto de paz esfumaçada que os envolvia. Por todos os lados aproximavam-se desejos. As duas ilhotas humanas despovoadas prosse-

guiam resistindo aos avanços das marés. Os pares de olhos presentiam e aceitavam, não lhes importava de fato por qual lado as águas os invadiriam, nem qual seria o nome do oceano que os encobriria.

Dividiavam-se os destinos que assumiam a individualidade dos que se afogam. Debatiam-se membros tentando encontrar certezas num lodaçal escuro. Ele enfiou os dedos por entre os fios de sua barba e puxou-os com força, mas sua cabeça não era forte o suficiente para sustentar seu peso, entretanto, seus braços ainda conseguiam fazer com que suas costas se curvassem, e antes que desse um grito de dor, enxergou uma infinidade de formigas devorando um gafanhoto que ainda se debatia.

A mulher começou a girar. Talvez para tentar fugir daquilo que a cercava ela procurou não ficar parada, as ameaças vinham de todos os cantos e as certezas estavam concentradas em si mesma. Girar foi a maneira que encontrou de fugir e perseguir-se ao mesmo tempo. Instintivamente abriu os braços para que algum equilíbrio a encontrasse. Seus pontos de referência foram sumindo e ela passou a ser movimento sem função, não teria mais razão para continuar girando, mas parar também era algo sem sentido. A inércia a fez prosseguir até que caísse no chão com seus grandes olhos abertos enxergando as árvores, que se multiplicavam, atropelando-se.

O homem ajoelhou-se a seu lado sem saber o que fazer, ainda tinha os dedos entrelaçados aos fios de barba. Ela viu-o, os viu, eles eram muitos. Primeiro achou que seus sentidos estavam reproduzindo várias vezes a imagem do homem, mas depois percebeu que dentre elas havia alguns rostos jovens.

Os dois grupos antagônicos cercavam o homem e a mulher, a curiosidade flutuava. Logo que percebeu isso ela tratou de acalmar o que enxergava e conseguiu se por de pé.

Por um instante que pareceu se alongar até onde o tempo existe, todos permaneceram em silêncio. Olhos perguntavam sobre quem eram os outros. As respostas apenas refletiam as dúvidas. Árvores e homens estabeleciam-se sob a sutil garoa viva. Nada era permanente. Havia um buraco inerente a cada ser, antídoto criado pelos corpos para neutralizarem suas próprias existências. Verde e viva a imobilidade morreu permitindo que uma voz contrariasse o silêncio.

“À nós se opõe um grupo. São vozes independentes que como as nossas estão cobertas por um desejo. Talvez o que coloque os indivíduos de lados opostos seja algo superficial, e descubramos cada um, mais pontos em comum com nossos antagonistas do que com aqueles que conosco cerram fileiras. Mas o acaso, que pode fazer inimigos naturais morrerem abraçados, e separar irmãos, é uma força que precisa ser respeitada. O que são afinal nossas vidas, senão manifestações externas desse acaso?”

O fato é que uma ideia dividiu o acampamento em duas metades. Uma que deseja levar a vida como ela aconteceu até hoje. E a outra, da qual me julgo um dos representantes, que pretende ressuscitar uma tradição do passado, transformando-a na própria essência da sociedade. Mais do que isso, desejamos que essa nova forma social seja a perfeita conexão entre a vida do indivíduo e a da coletividade. Que a filosofia e a poesia possam encontrar um ponto de união com a vida humana, mas para isso precisamos seguir adiante. É claro que o grupo que nos opõem possui muitos argumentos sólidos, fato que vem lentamente diminuindo o número de integrantes de nosso grupo. Questionam nosso objetivo nossos métodos, mas principalmente, de que maneira a aplicação de nossa teoria poderá nos conduzir ao que desejamos. E garanto aos senhores que essas dúvidas estão longe de serem desprovidas de razão, e por muitas vezes eu mesmo

pensei se todo o esforço que empreendemos não é vão, e se não seria melhor prosseguir a civilização do jeito que está. Que com todos seus defeitos, nunca deixou de apresentar inúmeras qualidades. Nós já nos impusemos por muitas vezes esses questionamentos e foi sempre o coração, que superando a razão, nos manteve unidos, apesar de todas nossas desavenças.”

“Permitam-me, na condição de representante do grupo dos que desejam manter funcionando essa civilização, expor nosso ponto de vista e também falar daquilo de que duvidamos em nós mesmos. É bem verdade que muitos de nossos princípios foram se dissolvendo gradualmente, e que apesar de já há muito tempo termos conseguido oferecer ao indivíduo uma condição razoável de sobrevivência física, fomos aos poucos nos esquecendo daquilo que existe além do estômago. O coletivo engoliu o individual e um desânimo tornou as pessoas cada vez mais preocupadas apenas com os pequenos detalhes de seus cotidianos. Para que os estômagos ficassem cheios acabamos criando um sistema que não se preocupava com nada além de estômagos. A razão destruiu qualquer espaço vazio que não pudesse ser preenchido com algo sólido.

Escutamos com muita atenção o desejo daqueles que desejavam partir, descobrimos nele alguns pontos de luz que se juntaram ao brilho dos olhos que muitos de nós possuíamos. Porém, por excesso de lógica ou falta de coragem não conseguimos amarrar nossos desejos a fochos de luz. Escolhemos a solidez das rochas e dos troncos de árvores que constroem nossas cabanas. Mas não abandonaremos de todo os sonhos, talvez possamos esculpir na madeira um símbolo que represente o caminho que vocês escolheram. Permaneceremos aqui, sentiremos a decadência de uma civilização que se transforma, mas serviremos de adubo para que a próxima camada de vegetação possa nascer mais vigorosa”.

“Sei que depois de expostos os dois pontos de vista, os senhores devem estar confusos e precisando de explicações mais práticas. Elas lhes serão dadas. Um pedido também será feito, precisamos saber qual será vossa escolha, permanecerão aqui ou seguirão conosco?”

O improviso há muito foi abandonado, e ele escondia a convivência com camadas mágicas de tempo. Os exercícios teatrais que antigamente preenchiam as noites da comunidade, eram a semente que poderia germinar uma nova relação do homem com o instante vivo. Mas essas forças naturais não conseguiram romper a casca.

Tanto nós, quanto aqueles que pretendem permanecer no acampamento, assim como cada indivíduo isoladamente, que sempre nutre seus interesses pessoais, não importando a causa a que se associe, todos sentimos penetrar na pele os ganchos do feitiço dos dias. Cada um escolhe a melhor maneira para combater as dores. Nós optamos pelo movimento. É isso que estamos propondo, que venham participar de nossa empreitada.

Encenaremos uma peça teatral que coincidirá com nossa jornada pela mata. O improviso comandará o espetáculo, que será diferente daqueles apresentados anteriormente. Essa versão depois de iniciada não terá final, as mortes dos atores farão parte do enredo, e a falta de comediantes será suprida pelos nascimentos que acontecerem. Haverá dois papéis reservados para vocês, o de um rei e o de uma rainha. Na condição de pioneiros de nossa civilização, compusemos personagens que estivessem a altura de vossa tradição, e que talvez continuassem a contar suas histórias de maneira digna. Mas, como sabem, o improviso pode apresentar grandes surpresas, e apesar de nossas intenções serem as melhores, nada podemos garantir sobre o que acarretará a fusão de um homem ou uma mulher com seres, até certo ponto,

fictícios. Por isso ao fazermos esse convite estamos preparados para uma negativa”.

O representante do outro grupo aproximou-se do casal e também fez um convite:

“Nasci na floresta e tenho por vocês imensa gratidão. São para mim referências tão sólidas quanto o riacho ou o grande carvalho. Vocês permanecerão dentro de mim enquanto eu viver, e um dia passarei para meus filhos o que representaram o homem e a mulher que fundaram uma ilha de humanidade no meio da floresta.

O mundo das cidades só conheço através de histórias, e é claro que eu e muitos outros já fomos tocados pela curiosidade de visitá-lo. Apesar de nunca descartar essa possibilidade não sinto desejo de fazê-lo agora, pois vivemos momentos cruciais em nosso pequeno mundo. Cabanas estão sendo construídas a distâncias tão grandes, que acabamos perdendo o contato que existia entre os moradores. São poucos os jovens que se interessam por alguma atividade que possa contribuir com a comunidade, e percebemos que uma fumaça invisível paira sobre o acampamento, renunciando chamadas reais. Desculpem-me pelo simbolismo, mas é a maneira que encontrei para expressar o que venho sentindo. Outro dia, conversando com algumas pessoas mais velhas chegamos à conclusão de que o que falta à comunidade é um laço de união, uma força que costure os elos que estão se rompendo. Que melhor símbolo há para conseguir essa aliança do que o homem e a mulher que fundaram nossa comunidade? Mesmo que não sejam casados, o que me importa é o que representam, nós nos sentimos todos um pouco filhos de vocês. É sobre vosso exemplo que os desejos secretos de nossos jovens devem se inspirar, e suas figuras devem espalhar o contrário do que não deve ser feito.

Por isso faço um pedido em nome de nosso agrupamento, daqueles que aqui estão e dos que um dia estarão. Peço que permaneçam.”

O homem e a mulher ouviram os dois discursos em silêncio, pareciam confusos e esse sentimento começava a desenhar na fisionomia dela alguns sinais de agonia. Ele olhava para baixo e caminhava em círculos. De repente um grito agudo assusta todos. A mulher manifestou sua angústia, e fez com que os dois grupos rivais recuassem um passo. O homem a olhou assustado e seus olhos pareceram receber parte do que continha aquele grito.

Depois disso os dois líderes pareceram um pouco envergonhados por sentirem que aquela explosão emocional tinha relação com a pressão que sutilmente cada um deles vinha exercendo sobre o casal. Os grupos se misturaram procurando conversar sobre assuntos amenos enquanto os líderes pareciam confusos.

Foi a mulher quem elevou a voz acima de todas as outras e conseguiu ser escutada com atenção:

“Se sou o que querem que seja, não sou eu: então transmito vozes como se fossem minhas, declaro e assino nomes alheios. Transformada fui naqueles que outros são.”

Ninguém compreendeu direito o que ela quis dizer, mas sua afirmação serviu para que outros também decidissem se manifestar. Um jovem introvertido que já havia pertencido aos dois grupos e agora voltara para o daqueles que decidiram partir foi quem falou, esquecido da timidez parecia exalar certezas pelos olhos:

“Acolhe-me um dia morto. O movimento é apenas a tentativa de renascimento. A velha civilização se disfarça no sorriso das crianças. Empalhado o improviso, ele congela o instante, a graça e a poesia não escrita. O maior dos mortos é aquele que almeja a eternidade. Portanto cada camada social não é mais do que uma nova

porção de cal espalhada sobre o cadáver. O que acoberta o apodrecido servirá também de colchão para o que virá a se deteriorar.

Fêmea é a renovação e perverso seu hálito...”

O homem interrompeu o jovem com um brado que de tão forte assustou a todos, algo despertara dentro dele uma força que há muito tempo hibernava:

“ “A morte diaba” já está sendo encenada, todos vocês estão participando da cena inicial, onde se discute se a peça irá ou não acontecer. Depois disso alguns voltarão para o acampamento e outros o abandonarão para sempre, embrenhando-se na floresta em busca de algo que pode ser o caminho em si, e que constituirá o enredo da peça.

Eu interpretarei o papel do velho rei que lidera a caravana cujo destino desconhece. A mulher que comigo originou toda essa pequena civilização (que hoje se divide) viverá uma rainha que...”

A mulher interrompe-o encolerizada:

“Como pode querer determinar os destinos alheios se mesmo o teu é para ti um mistério? Quantas plantas vivas acontecem imunizadas contra essas determinações? Como pretende que o cenário de tua peça pertença a uma ordem oposta a de teus atores? O destino não pode comandar apenas um dos cavalos que puxam a carruagem. Vibram em tua voz incoerências.”

Alguns pares de mãos ensaiaram tímidas palmas, uma conversa paralela iniciou-se baseada no que a mulher havia dito. Um bando de pássaros, cada um de uma cor diferente, sobrevoou o grupo, atraindo a atenção de alguns. A voz do homem soou ainda mais imponente do que da primeira vez, e assustou aqueles que estavam distraídos com as aves:

“São muitos os caminhos para que se atinja um mesmo fim. Sou tão peça do destino quanto uma folha seca ou qualquer um



de vocês. Não há naquilo que falo nenhuma gota do meu desejo querendo se impor sobre outros. Qualquer atitude que tomem é indiferente para o enredo da peça, a água seguirá o curso do rio.

Aproxima-se o instante em que alguns voltarão para suas casas e outros me acompanharão na exploração da floresta. Aqui o riacho divide-se em dois braços, e algumas folhas serão levadas para cada um dos lados.”

Uma voz grita no meio da multidão:

“Por que nominaste a peça com um título tão execrável?”

Antes que o homem pudesse responder a mulher tomou a palavra:

“Ele não nomeou nada. Há muitos anos atrás, quando abandonando meu vilarejo decidi entrar na floresta, aquela também era uma situação limite, irreversível, e onde eu e depois nós, estávamos construindo uma realidade que se misturava com ficção. Arriscávamos gostos mentais antes congelados sob a poeira cotidiana, experimentávamos o frescor do instante que nos surpreendia como duas gotas de orvalho nascendo em silêncio.

Vivemos como um céu derramado na terra... reflexo estrelado... peixes líquidos. Mas o instante foi ficando amortecido, empalideceu o verde das folhas e os pássaros coloridos se tornaram cada vez mais arredios. Os homens começaram a se parecer com crianças e elas com adultos. As chuvas passaram a formar poças cada vez maiores e mais lamacentas. Agora o sopro da surpresa volta a gelar as testas de todos, espalhando indignação e dignidade, contraindo eclusas que derramam tempos molhados. A oportunidade nos fulmina com seus raios azuis, que podemos transformar em arco-íris.

Nada mais adequado para tal momento de mudança do que uma mulher avermelhada, que está transmutando-se como a morte (ou a vida), uma fêmea cheia de mistérios, e que pouca

confiança inspira. Símbolo de mudança viva, mesmo que as palavras digam exatamente o contrário. Por isso garanto a todos que não há nada de execrável no título da peça que o destino nos faz encenar.”

Outra voz se ergue na multidão:

O que a senhora entende por destino não poderia estar camuflando interesses bem mais prosaicos?

O homem fica indignado contra a insinuação do jovem, aproxima-se dele encostando-lhe um pedaço de galho no pescoço, como se fosse uma espada.

“Prosaica será tua morte se não voltares imediatamente para o acampamento. Está encerrada tua participação nessa peça.”

Obedecendo calado, o rapaz caminhou para sua cabana, muitas outras pessoas o seguiram. A divisão começava a acontecer. O homem iniciou sua marcha para dentro da floresta, alguns formaram uma fila indiana, eram velhos, mães carregando crianças de colo, homens na flor da juventude. Paralelamente um outro grupo começou a caminhar em direção oposta, voltando para suas casas. Enquanto a direção não era completada havia algumas pessoas que permaneciam no local onde aconteceu toda a discussão, elas pareciam indecisas sobre qual rumo tomariam. A mulher caminhava de um lado para outro preocupada porque os grupos se afastavam demais. Ponderava toda sua vida, tentando encontrar uma cifra que desequilibrasse a balança em alguma das duas direções. Outras pessoas também enchiam seus olhos de uma angústia cor de chumbo que pesava e ardia, empurrando-as a uma decisão. Aquele lugar onde estavam não existia, precisavam escolher.

Dois rapazes voltaram correndo para junto daqueles que permaneciam na floresta, isso acabou apressando uma decisão

dos outros, o chumbo líquido tornara-se insuportável. Mais uma moça seguiu-os e outra foi na direção oposta. Só sobravam uma jovem de menos de vinte anos e a mulher. A mocinha decidiu se embrenhar na floresta enquanto ainda escutava os barulhos que a guiavam, antes de se perceber sozinha, e sem muito refletir, a mulher a seguiu.

A divisão sacramentara-se, todos os que não tinham participado da peça (ou que encenaram apenas a primeira cena) haviam retornado à suas casas retomando suas rotinas. Os outros, que agora misturavam ficção e realidade, ou então somente aceitavam essa camada oculta da vida, apenas encoberta pelo cotidiano, caminhavam em silêncio, o homem ia na frente abrindo caminho e a mulher era a última da fila. Entre os dois estavam todos os tipos de seres humanos.

A chuva começou fraca e foi aumentando, logo poças se formaram no chão. Os pés molhados continuavam avançando sem que uma palavra fosse dita, os olhos aceitavam que nesse período inicial o mais importante seria se distanciarem do lugar de onde vinham. As crianças foram as primeiras a reclamar, e chorando eram carregadas por seus pais, que pareciam saber estar fazendo o melhor para elas.

Chegando a uma clareira o homem decidiu parar. A longa fila indiana acomodou-se onde pôde. A chuva escorria poderosa, nublando as vistas e invadindo narizes e bocas. A força da natureza tornava inútil que alguém procurasse abrigo embaixo das árvores. Pessoas de todas as idades aceitaram o que os céus precisavam derramar. O ruído dos pingos começou a enfraquecer. Espalhou-se pelo ar um cheiro verde de renovação. A chuva desistiu de seu ímpeto e ainda lamentou-se gotejando por algum tempo. As poças eram premiadas com gotas gordas e solitárias. Falsas lágrimas escorriam pelos rostos de todos e também da-

vam a impressão errada de que os grandes abetos choravam através de seus galhos finos.

Um pássaro azul cantou decretando o fim da tempestade, depois que ele bateu asas o homem posicionou-se no centro da clareira, a peça precisava da voz humana e a floresta de diálogos.

“Séquito humano, construído de todas as formas, cheios das mais diversas quantidades de esperanças, vazio de tantas camadas de ilusões, glorioso em sua miséria, efêmero em sua eternidade, quem vos fala é vosso rei enfraquecido. Vocês escolheram destruir seus cotidianos apostando na renovação, que também pode ser entendida como falta de perspectiva. Foram atraídos para um caminho sem fim ou para o final dos caminhos, e ainda trouxeram consigo suas crianças, às quais impõem um conteúdo que desconhecem.

Vocês aceitaram participar de um desafio. A partir de hoje, a cada manhã, vocês se posicionarão à beira de um precipício e fecharão os olhos, adormecerão de pé e sonharão estar correndo livres por campinas verdes. Misturarão realidades onde a única constante será o eterno movimento.

Se minha realeza tem origem na ficção, são muito sólidas minhas fraquezas, robustamente construídas por dúvidas e culpas. Sobre esses ombros pesa o fardo de não confiar em minha própria sanidade, e de usar o que em mim talvez seja doentio, para conduzir outras pessoas a essa mesma condição.”

O velho rei senta-se numa poça d’água e começa a chorar. Todos parecem assustados, e em muitos olhos enxerga-se o arrependimento por uma escolha mal feita. Envelhecido e enlameado ele é uma figura diminuta, pronta para ser sugada pela água escura. A rainha aproxima-se, e puxando-o pelo braço o faz ficar de pé.

“Ainda não estamos longe do acampamento e quem quiser voltar não terá dificuldades em encontrar o caminho. Não pretendo convencer ninguém de nada. A bondade do coração de vosso

rei faz com que ele carregue pesos que não teria obrigação. Ele é tão condutor dessa situação quanto a menor das crianças que aqui se encontra.

As mesmas lágrimas que ele derrama poderiam sair dos olhos de qualquer um de nós, entretanto elas não teriam origem na razão, vosso rei verte os líquidos de sua humanidade.”

Um jovem que está acompanhado pela esposa e por uma criança, aproxima-se da rainha:

“Muito bonitas suas palavras. Menciona a razão, mas quer que escutemos com o coração. Não sei se a senhora está ciente dos perigos que uma floresta pode esconder. Atrás da harmonia das árvores pode estar escondida a fome, a desidratação, o veneno dos animais peçonhentos, os dentes e garras de feras famintas. Vivíamos protegidos contra essas intempéries, os perigos, que sempre existiram, estavam controlados, mas agora, caminhando pela floresta, cada dia se torna um novo desafio. Partiremos sempre da estaca zero, dividiremos as certezas multiplicando os riscos. É bem verdade que a nada fomos forçados, eu escolhi esse caminho conhecendo todos os perigos, e ignorando as eventuais vantagens. Mesmo assim não acho justas suas palavras quando equipara a culpa do rei à de crianças inocentes, isso quando ele próprio menciona que talvez esteja com o juízo adoentado e tema transmitir a outros essa condição.”

Um outro rapaz interrompe-o com certa rispidez:

“Como disse a rainha, não estamos longe do acampamento. Se você é do tipo que precisa sempre estar encontrando culpados para teus insucessos, trate de pegar tua família e voltar para casa imediatamente.”

Os dois rapazes se aproximam como se estivessem prontos para brigar, aquele que tem esposa e filho grita:

“Então admites o fracasso e mesmo assim insiste nessa lou-

cura. Se queres te suicidar não precisas arrastar outros contigo. És um jovem e isso justifica parte de tua ignorância. Não tens herdeiros, o que torna mais leve tuas escolhas, elas têm somente o peso do teu corpo.”

O rapaz sente-se ofendido, e com uma mão aperta-lhe o pescoço até que o pai de família se ajoelhe. Dois homens intervêm e os separam. Depois de recuperado, o jovem que foi agredido pega sua família e embrenha-se na mata. O rei o segue, dizendo que aceita sua decisão mas pedindo que leve água e comida. Ele nada escuta e desaparece de vista.

Um grande silêncio se estabelece com a volta do velho. O desânimo que ele traz parece se espalhar pela comunidade. Muitos aparentam querer tomar o caminho de volta, mas ninguém se manifesta. A noite chega e todos dormem onde estão, sem nada dizerem, como se fossem ao mesmo tempo um bando de cadáveres e os que estão velando por eles.

A escuridão renovou e a aurora restaurou os mortos, que pela manhã estavam prontos para prosseguir a jornada.

Caminharam muitas horas sem reclamar, à medida em que aumentava a distância de suas antigas moradias, diminuía o desânimo da noite anterior. A aceitação do percurso como destino ia se tornando inevitável. O rei e a rainha seguiam no meio do pelotão. Eram os jovens que abriam caminho. Um deles usava um facão para alargar picadas muito estreitas, e depois de algum tempo foi quem decidiu que já era hora de descansar. Sem saber se seria obedecido indicou as raízes de umas grandes árvores como local de repouso. Seu coração alegrou-se quando não percebeu contestações ao que sugeria. Depois que todos descansaram, empolgado por uma liderança que nascia, o jovem decidiu falar:

“A partir desse ponto torna-se impossível o retorno ao

acampamento. As decisões foram tomadas e as consequências choverão sobre nós. Escolhido o instante e o imprevisto, nascem dúvidas difíceis de serem respondidas. Quando acabar a pouca comida e água que trouxemos conosco, teremos de explorar territórios desconhecidos em busca de alimentação, ou então poderemos nos contentar com aquilo que, durante nossa encenação, fingimos que nos alimentava?

Essa parece ser uma questão sem sentido, ou muito fácil de ser respondida, mas se bem analisarmos, há uma grande diferença entre ausência de lógica e simplicidade de raciocínio. Muitas vezes essas duas realidades moram em margens opostas do rio.

E essa é apenas uma das muitas bifurcações que se abrem, há muitas outras, uma que me ocorre, é o que acontecerá quando desaparecerem todas as barreiras entre atores e personagens? Penso que a consequência dessa inundação será a dissolução do instante presente num grande amálgama que envolverá os outros dois tempos verbais. Memórias e premonições se transformarão em grandes blocos de gelo, que flutuarão expelindo brilhos coloridos sobre um caldo de eternidade.

Mas essas são apenas elucubrações de um jovem, que no meio da floresta descobre que a vegetação é quase toda verde, e por saber disso, julga-se conhecedor de todos os caminhos que a natureza pode esconder.

Acho que já fartei vossos ouvidos com minhas pequenas verdades, não quero ocupar um espaço que não me pertence, pois ainda não me julgo um bom ator, mas reconheço que entre as qualidades que o grande intérprete deve possuir, está a de conhecer o exato momento em que deve sair de cena.”

O rei aparenta estar em melhores condições físicas e psicológicas. Já não está enlameado e fala com serenidade:

“Meu jovem, você está apenas dando seus primeiros pas-

sos. Muitas cenas ainda te aguardam. Não faltarão longas risadas nem cerimônias fúnebres, e as lágrimas que por teu rosto escorrerão, aos poucos deixarão de lado a verdade para viverem apenas da técnica. E enquanto estiverem cobrindo de terra os esquifes, você derramará apenas as lágrimas de um profissional. E isso, apesar de hoje parecer puro cinismo, consiste na verdade, em um dos mais sofisticados mecanismos de interpretação.

Não quero te dizer por onde caminha a vida, e se os anos que tenho a mais que você, não me deram nenhuma pista de sua localização, então é porque nesse aspecto não tenho nenhuma autoridade sobre ti. Mas vejo que se preocupa, sobre quem estará liderando a competição que se estabelece entre a vida e a arte. Imita o que enxerga, ou você mesmo é o resultado de uma força criativa? Já acreditei nos dois opostos e em todos seus meios termos, hoje, depois de muita contradição e descrença em meu próprio retrato, enxergo as coisas sem permanência. Apesar de nunca deixarem de ser, elas jamais serão, e o outro é aquele que...”

Um grito desesperado interrompeu o que o rei dizia. Logo formou-se uma confusão, e quem estava distante teve dificuldades para compreender o que acontecia. O berro espalhava um desespero materno. Um menino explicava assustado que assistira ao exato momento em que uma grande cobra vermelha picara sua irmãzinha. A menina chorava enquanto atavam-lhe a perna para que o veneno não se espalhasse pelo corpo. O pai da criança sugava a pequena ferida tentando beber aquilo que começava a empalidecer a criança.

Um homem voltou com a cobra, já sem a cabeça, pendurada em uma forquilha. O corpo, que tinha o ventre branco ia aos poucos se avermelhando, havia ainda uma zona fronteira construída por retângulos verdes. Parecia que o vermelho representava a essência daquela criatura, e a outra cor era uma maneira de



adaptar o conteúdo ao meio em que ela vivia.

O veneno enrodilhava-se escondido por toda a floresta. Os grandes olhos azuis da criança começavam a ganhar ausência, o desespero se manifestava em vários graus e formas. A mãe da menina mordida seu próprio punho enquanto assistia ao esforço do pai e de mais dois homens que tentavam mantê-la viva. A criança começou a suar muito e parou de responder às perguntas. Uma gota de sangue escorreu pela mão de sua mãe. Outras pessoas vieram ajudar, e cada uma trazia uma sugestão diferente. Duas mulheres ajoelhadas pediam auxílio divino. Um senhor revoltado começou a gritar – se o grupo tivesse ficado no acampamento isso nunca teria acontecido. Alguém sugeriu que a criança fosse suspensa pelos pés para que a gravidade fizesse com que o veneno escorresse. As lágrimas se espalharam pelos olhos de várias mulheres, mas não chegaram até os de sua mãe.

O rei e a rainha tinham o desencanto estampado no rosto, ele também sentia culpa, que franzia sua testa compondo uma figura quase apodrecida. A floresta emitia sons confusos, mistura de ruídos que normalmente acontecem um de cada vez. O irmão da menina ferida afastou-se da confusão e mergulhou seus olhos infantis nas sombras da floresta, os ruídos o intrigavam, mas o maior mistério era formado pelas sombras que o fim de tarde desenhavam sobre os troncos de árvores, e que de alguma forma lembravam o rosto de sua irmã.

A gota de sangue que estava na mão escorreu até o antebraço da mãe, ela não emitiu som algum. Foram os outros que encheram de soluços a noite que nascia. O menino caminhou pela floresta até que a escuridão engolisse todas as sombras. Os joelhos sujos de lama agora estavam esticados, as mãos erguiam-se para os céus mas as cabeças só tinham olhos para o chão.

A noite sem lua ganhou velas. Duas mulheres fizeram com

que a mãe da criança se sentasse, mas não conseguiram que ela deixasse de roer os dedos. A mata aquietou-se de um jeito raro.

O rei aproximou-se da criança morta que descansava nos braços do pai. A rainha percebeu que o desespero transbordava pelas rugas do velho. Ensaiou uma aproximação mas foi repelida por todas as emoções que exalavam daquele corpo envelhecido.

“Com o sol posto a lua morta me chama. O anjo cerrou seus olhos porque incitei todos a viverem o instante. Ignorante, fui manipulado por forças diabólicas. Fiz promessas impossíveis iludindo incautos. Mas agora a farsa foi revelada. Romperam-se os cordões que manipulavam os bonecos, e a mão que os conduzia já nada pode. Arrebentaram-se também os fios que me animavam a prosseguir, não tenho mais causas, e mesmo se as possuísse saberia que se tratam de desejos alheios.”

Afogando-se em ódio, o pai da criança morta é seguro por quatro homens, tentava a todo custo atacar o rei:

“Miserável, se não fosse sua maldita ideia minha filha ainda estaria viva. Vai ter de pagar com seu resto de vida o pedaço que me arrancou.”

O rei que parecia exaurido de energias, subitamente ganhou novas forças.

“Esse homem tem razão. Soltem-no e dêem a ele uma espada. Que esteja livre para executar o que queira.”

A rainha intervém:

“Amarrem essa pobre alma, a dor pode torná-lo perigoso.”

Os olhos do rei se enchem de uma fúria vermelha e seus músculos ganham a força dos de um jovem vigoroso. Apanha a espada de um fidalgo e empurra dois dos quatro homens que seguravam o pai da criança morta. O enlutado consegue se libertar dos outros dois e recebe das mãos do rei a espada com a qual de-

verá matá-lo. Algumas mulheres gritam assustadas pressentindo o ato de vingança. Quem tentou segurar o pai enfurecido foi impedido pelo olhar autoritário do próprio rei, que nunca parecera tão imprevisível. Ele ajoelhou-se, deixando-se disponível para o golpe. A espada se ergueu e depois de alguns instantes caiu no chão. O rei permaneceu com sua cabeça e o pai da criança desabou, fundindo lama com lágrimas.

“Não será com sangue que lavarei a memória de minha filha. A flor que ela foi merece luz.”

Decidiu-se que o enterro aconteceria naquela mesma noite. As pequenas chamas moviam-se como vagalumes, mas algumas brilhavam estáticas ao redor do corpo da criança. A tristeza coletiva também servia para injetar nova energia no grupo. Agora todos possuíam uma causa comum.

Uma pequena colina encoberta por um grande teixo foi o local escolhido como sepultura. A menina foi enrolada em panos que deixavam apenas seu rosto descoberto, o efeito da luz de velas na face não permitia que qualquer sinal de palidez fosse notado. A criança dormia.

O improviso venceu. O grupo organizou-se em camadas que se erguiam como ondas iluminadas. Uma mulher ilustrou a tristeza de todos com seu canto. Começou murmurando um lamento que logo passou a ser seguido por outras vozes. As cores passaram a ser escutadas. Foi uma velha quem deixou nascer a primeira palavra, “apagou”. Logo, muitos a repetiram como se fosse verdade. Enquanto isso outra onda humana apanhava o corpo enfaixado da criança colocando-o sobre um pano que era carregado por quatro homens. As velas oscilavam com a brisa noturna. As que apagavam eram imediatamente acesas pela solidariedade. O grupo todo começou a tomar o rumo da sepultura. O rei parecia hipnotizado por uma mistura de seus pensamentos

com a luz, nem reparando que caminhava bem ao lado do homem a quem oferecera a espada. Nos olhos da rainha havia uma semente de renovação, ela começava a deglutir suas dores.

O coro ganhou forma vocal, apesar de não ter distribuição física, os cantores se espalhavam como o encontro do mar com a areia. No centro da procissão ia a criança, fingindo que não estava dormindo. A mãe da menina caminha com as mãos caídas mas em silêncio, braços as amparam mas ela não os percebe.

As palavras vão se modificando e atravessando barreiras, se transformando num canto sem significado, que não para de evoluir até voltar a ser compreendido. A ladainha ganha vigor, reclamando por que, já que os mares possuem horizontes perfeitos, não são lagoas serenas.

As velas se acumulam todas ao redor do buraco. A terra úmida é cavada com facilidade, formando uma ilha de escuridão no meio do terreno iluminado. Se a luz acalmou seu curso os sons nunca foram tão ondulados, e não gritavam apenas a perda da criança, choram por todos os movimentos do mar, lamentam as espumas, as areias, as cobras e seus venenos, as auroras, doem-se pela vida que encerra a morte, pelos deuses moídos através da desilusão, pela flora fabricante de flores provisórias, pela eternidade das transparências...

A mãe da criança ouvia com olhos estranhos aquilo em que os sons se transformavam. O improvisado fez com que todas as vozes, com exceção de uma, entoassem o coro:

Grandes são meus dias, acontecendo diferentes dentro de cada um de nós.

Verrugas incômodas com estranhas localizações.

Grande é o tempo de cada um, tendo sempre o tamanho que deve ter.

Grande é o improviso, se comparado ao nosso tamanho...

Nesse ponto algumas vozes se confundiram, voltando a cantar o verso anterior, o rei misturou partes da primeira com a terceira linha, e o resultado foi uma confusão que acabou fazendo com que cada um cantasse o que queria, e que a soma do que se escutava voltasse a ser incompreensível. As vozes foram perdendo entusiasmo até cessarem por completo.

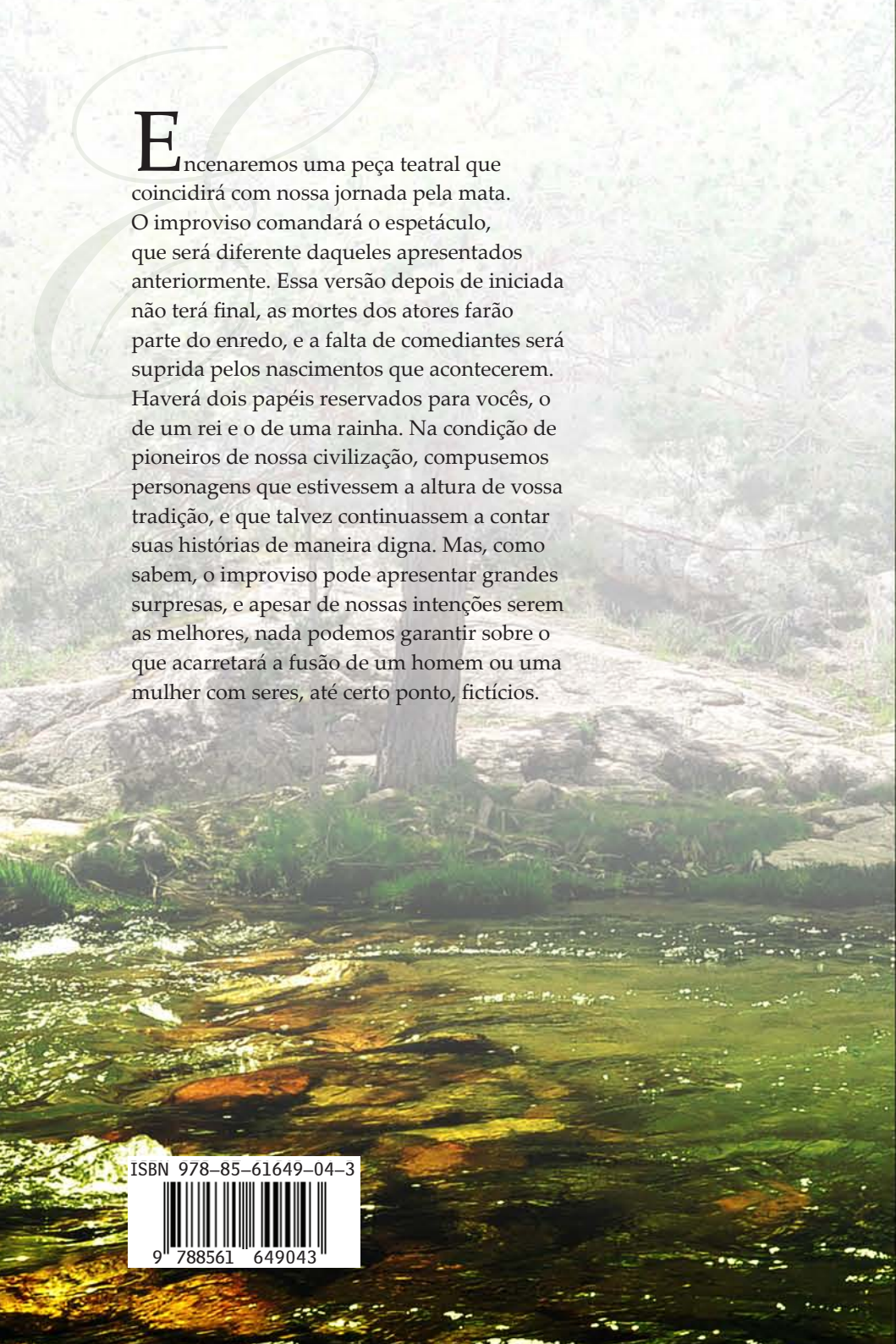
O ritual estava encerrado, só o que restava era cobrir a criança de terra. Uma garoa fina começou a cair e algumas mãos protegeram suas velas, outras permitiram que elas se apagassem.

Pouco iluminada e mergulhada num movimento originado no final do movimento das pás, ergueu-se uma voz que vinha de onde nenhuma luz rasgava as trevas e de onde as velas não produziam nada além de sombras.

A maternidade ferida escorreu palavras:

“Querida filha, receba a parte de mim que não suportou, que eu viverei o que você rejeitou.”





**E**ncenaremos uma peça teatral que coincidirá com nossa jornada pela mata. O improviso comandará o espetáculo, que será diferente daqueles apresentados anteriormente. Essa versão depois de iniciada não terá final, as mortes dos atores farão parte do enredo, e a falta de comediantes será suprida pelos nascimentos que acontecerem. Haverá dois papéis reservados para vocês, o de um rei e o de uma rainha. Na condição de pioneiros de nossa civilização, compusemos personagens que estivessem a altura de vossa tradição, e que talvez continuassem a contar suas histórias de maneira digna. Mas, como sabem, o improviso pode apresentar grandes surpresas, e apesar de nossas intenções serem as melhores, nada podemos garantir sobre o que acarretará a fusão de um homem ou uma mulher com seres, até certo ponto, fictícios.

ISBN 978-85-61649-04-3



9 788561 649043